



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

EVANDRO HENRIQUE RABELLO

***Deushtum* na Bahia:
a trajetória dos imigrantes alemães em Salvador.**

Salvador

2009

EVANDRO HENRIQUE RABELLO

***Deutschtum* na Bahia:
a trajetória dos imigrantes alemães em Salvador.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Jeferson Afonso Bacelar

Salvador

2009

Rabello, Evandro Henrique.

R114d Deuschtum na Bahia: a trajetória dos imigrantes alemães em Salvador. / Evandro Henrique Rabello. - - Salvador: UFBA, 2009.

180 p il;

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia para obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, sob a orientação do Prof. Dr. Jeferson Afonso Bacelar.

1. Antropologia Social 2. Etnicidade 3. História da Bahia
4. Imigração Alemã na Bahia I. Rabello, Evandro Henrique
II. Bacelar, Jeferson Afonso III. UFBA IV. Título V. Série

CDU: 572:943

EVANDRO HENRIQUE RABELLO

***Deutschtum* na Bahia:
a trajetória dos imigrantes alemães em Salvador.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em 06 de março de 2009

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jeferson Afonso Bacelar (PPGA - UFBA)
Doutor em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia

Prof^a. Dr^a. Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (PPGA - UFBA)
Doutora em Antropologia pela Universidade de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Marina Helena Chaves Silva (DCHL - UESB)
Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Ao longo do período em que foi desenvolvido este trabalho, muitas foram as pessoas que se juntaram, direta ou indiretamente, ao esforço que, neste momento se transforma em realidade.

Primeiramente, agradeço a minha família, que mesmo distante, tem apoiado meus projetos, mesmo que isto nos custe tão rara convivência nos últimos anos. A meu pai, Edison, pela admiração e carinho; à minha mãe, Dolores, por seu amor incondicional; ao meu irmão, Júnior, pela serena amizade que cultivamos e à minha irmã, Andréa, pelo imenso cuidado que a mim dedica. Aos meus sobrinhos, Clara e Breno, pela luz que representam em nossas vidas. A vocês, todos, obrigado por tudo, sempre...

Outras pessoas compartilharam comigo esta jornada, embora nem todas estejam sempre por perto. Agradeço a Adriana, pelos anos de companheirismo e incentivo constantes, apoiando minhas buscas e dividindo os momentos mais difíceis. Aos meus familiares que, em algum momento, dirigiram a mim gestos de apoio e genuíno desejo de sucesso. Em especial, agradeço à minha avó Nini, exemplo de perseverança e referência fundamental na minha trajetória de vida e à avó Lourdes, cuja ausência apenas demonstra o quanto foi importante em minha vida.

Reservo especial agradecimento ao meu orientador, Prof. Dr. Jeferson Bacelar, pela receptividade, desde o início, quando este trabalho ainda mal se esboçava em um projeto; pela forma sempre objetiva e segura com que me estimulou a vivenciar a pesquisa acadêmica e, sobretudo, pela absoluta confiança depositada em meu trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Maria Rosário Gonçalves de Carvalho, profissional de competência exemplar, sou grato por me apontar de maneira tão generosa os caminhos para a boa prática antropológica e pela convivência afetuosa desenvolvida nestes últimos dois anos. Ao Prof. Dr. Edwin Reesink, pelas proveitosas e

incentivadoras conversas, que em mim despertaram vivo interesse pela Antropologia e que de algum modo resultaram neste trabalho.

A pesquisa, além de um empreendimento acadêmico, revelou-se uma experiência extremamente gratificante do ponto de vista pessoal, por isso, agradeço àqueles que me auxiliaram nesta descoberta. Ao Pastor Armindo Klumb e sua esposa a Sr^a. Sonia Manske, pela disponibilidade em ajudar e por serem os responsáveis por me introduzir na convivência com a colônia alemã de Salvador. Ao ex-cônsul honorário da Alemanha na Bahia, Sr. Wolfgang Roddewig, agradeço pelo sincero interesse em minha pesquisa e valorosa ajuda na obtenção de informações, muitas delas cuidadosamente mantidas em seu acervo pessoal e através das quais obtive vitais subsídios para este trabalho; agradeço-o, igualmente, pela generosidade em diversos momentos durante este percurso.

Às senhoras Margareth Bauder, Susana Brechbühler (dona de preciosos bom humor e vivacidade) e Ruth Lange, pela atenciosa forma como atenderam às minhas solicitações por seu tempo e acervos pessoais, registro minha sincera gratidão. Às senhoras Verena Tobler e Leila Jezler Campello pelo acesso ao acervo da Sociedade Cemitério da Federação (Cemitério dos Estrangeiros). Agradeço, ainda, à senhora Lívia Teixeira, pela gentileza em partilhar de suas memórias sobre o Colégio Alemão e de seu interessante acervo pessoal.

Gostaria de agradecer, de maneira geral, aos membros da Comunidade Evangélica Luterana de Salvador e das colônias alemã e suíça, pelas valiosas informações, pela compreensão do meu trabalho e pelas experiências compartilhadas durante o período de desenvolvimento da pesquisa.

À Prof^a. Kátia Carvalho, diretora do Centro de Estudos Baianos da UFBA, minha gratidão pelo apoio e a disponibilização do acervo sobre imigração alemã na Bahia, assim como ao Sr. Antonio Ribeiro, funcionário que me acompanhou e auxiliou em todo o processo de verificação do material referido.

Agradeço à Prof^a. Doutora Marina Helena Chaves Silva que, desde nosso primeiro encontro, mostrou-se uma pesquisadora de raro valor, estimulando-me a

empreender, com o mesmo afincamento que a caracteriza, a pesquisa aqui apresentada. Do mesmo modo, sou grato à Prof^a. Dr^a. Giralda Seyferth, pela pertinência de seus comentários, nas breves e privilegiadas ocasiões em que conversamos pessoalmente. Ao Prof. Dr. Renato da Silveira, pelas reflexões que também me estimularam a voltar à academia e pela feliz indicação do orientador que hoje divide comigo os méritos deste trabalho.

Ao Fábio, funcionário do setor de microfilmagem da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, sou grato pelo inestimável auxílio na manipulação do acervo sobre a presença alemã na Bahia, pesquisa desenvolvida pela Prof^a. Dr^a. Albene Miriam Ferreira Menezes a quem, aproveito a ocasião, para externar meu reconhecimento por esta iniciativa.

Finalmente, aos mestres e colegas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFBA, em especial o Prof. Dr. Carlos Etchevarne, Sarah Siqueira de Miranda e Rafael Losada, por me fazerem sentir em casa e confiante para seguir em frente.

*“Vós que buscais o melhor e mais elevado
nas profundezas do saber,
no tumulto da ação,
na obscuridade do passado,
no labirinto do futuro,
nos túmulos ou nas estrelas,
sabeis o seu nome?
O nome do que é tudo e um?
– Seu nome é beleza”.*

Friedrich Hölderlin - Hypérion

RESUMO

O fenômeno da imigração alemã no estado da Bahia tem sido pouco investigado no âmbito acadêmico, a despeito da existência de registros diversos sobre este tema. No cenário nacional de desenvolvimento de pesquisas sobre a imigração, sobretudo a européia, a Bahia usualmente merece poucas e breves menções, especialmente em se tratando de imigrantes de etnia alemã. Este trabalho pretende, pois, somar-se à literatura já existente, contudo lançando luz sobre, mais especificamente, a denominada colônia alemã de Salvador, estabelecida nesta cidade desde as primeiras décadas do século XIX. A colônia é apresentada aqui sob as perspectivas histórica e etnográfica com o intuito de permitir compreender suas peculiaridades e inserção na cidade de Salvador. Os aspectos próprios da trajetória desta colônia, desde a sua organização, até a atualidade, são descritos neste trabalho, assim como as formas de manutenção dos hábitos, costumes e persistências culturais, caracterizando a manifestação da etnicidade deste grupo em si mesmo e em suas relações com a sociedade envolvente.

Palavras-chave: Imigração – Alemães – Salvador - Etnicidade

ABSTRACT

The phenomenon of the German immigration in the state of Bahia has been little investigated in the academy, despite the existence of various records on this topic. On the national scene for the development of research on immigration, especially the European, Bahia usually deserves few and short terms, especially in the case of the ethnic German immigrants. This paper aims, therefore, add to the existing literature, however shed light on, more specifically, the here so-called Salvador German colony, established in this city since the first decades of the nineteenth century. The colony is presented here under the historical and ethnographic perspectives in order to understand its peculiarities and allow insertion in the city of Salvador. The aspects of the history of this colony, from its organization until the present, are described in this work, as well as ways of maintaining the habits, customs and cultural persistence, characterizing the expression of ethnicity in this group in itself and in its relations with their environment.

Keywords: Immigration – German – Salvador - Ethnicity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 3: Extraída de OVERBECK, Wilhelm. *Fünfzig Jahre Deutscher Verein Germania und Deutschtum in Bahia*: Festschrift zum 50-jährigen Gründungstage der Germania 13 April 1923. Berlin: Emil Ebering, 1923. p. 183.

Figura 4: Acervo particular da Senhora Margareth Bauder.

Figura 5: Acervo particular da Senhora Susana Brechbüler.

Figura 6: Extraída de OVERBECK, Wilhelm. *Fünfzig Jahre Deutscher Verein Germania und Deutschtum in Bahia*: Festschrift zum 50-jährigen Gründungstage der Germania 13 April 1923. Berlin: Emil Ebering, 1923. p. 126.

Figura 7: Extraída de OVERBECK, Wilhelm. *Fünfzig Jahre Deutscher Verein Germania und Deutschtum in Bahia*: Festschrift zum 50-jährigen Gründungstage der Germania 13 April 1923. Berlin: Emil Ebering, 1923. p. 101.

Figura 8: Acervo particular do Senhor Wolfgang Roddewig.

Anexos:

Anexo 1: Acervo do Consulado Honorário Alemão da Bahia, disponível no Centro de Estudos Baianos (CEB) – UFBA.

Anexo 8: Acervo particular da Senhora Margareth Bauder.

Anexo 9: Acervo particular da Senhora Susana Brechbüler.

Anexo 10: Acervo particular do Senhor Wolfgang Roddewig.

Anexo 11: Extraída de OVERBECK, Wilhelm. *Fünfzig Jahre Deutscher Verein Germania und Deutschtum in Bahia*: Festschrift zum 50-jährigen Gründungstage der Germania 13 April 1923. Berlin: Emil Ebering, 1923. p. 161.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PARTE I - O QUE SIGNIFICA, AFINAL, SER ALEMÃO?	211
1. ALEMANHA: FORMAÇÃO DE UMA NAÇÃO.....	211
2. MITOS, FATOS E A <i>KULTUR</i>	34
3. UM POUCO MAIS DE HISTÓRIA: A ALEMANHA DE ONTEM, A ALEMANHA DE HOJE.	39
PARTE II – HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NA BAHIA	46
1. COLÔNIAS ALEMÃS NO ESTADO DA BAHIA: TENTATIVAS E MALOGROS.....	46
2. O FUMO NO RECÔNCAVO, O CACAU E OUTROS PRODUTOS REGIONAIS.....	55
3. ALEMÃES E AS GUERRAS: INIMIGOS?	58
4. DISPERSÃO E REORGANIZAÇÃO APÓS A 2ª GUERRA.	63
PARTE III – ALEMÃES EM SALVADOR	66
1. SOBRE A TEORIA: REFLEXÕES ÚTEIS AO OBJETO.	66
2. GRUPO ÉTNICO, COMUNIDADE, COLÔNIA.....	78
3. AS (AUTO) DENOMINAÇÕES.....	80
4. OS “COLONOS URBANOS” EM SALVADOR.....	84
5. ALEMÃES, DESCENDENTES E SEU “LUGAR” EM SALVADOR.....	88
5.1 MORADAS.....	92
6. VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS.....	96
6.1 A COLÔNIA E OS NATIVOS: NA CIDADE MULTICOR UM PEDAÇO DA GERMANIA RE-CONFIGURADA.	97
6.2 ALEMÃES E SUÍÇOS, ALEMÃES OU SUÍÇOS E OUTRAS RELAÇÕES.....	103
7. O ETHOS EMPREENDEDORISTA: COMÉRCIO, INDÚSTRIA E OUTRAS FORMAS DE ATUAÇÃO.....	107
7.1 CAIXEIROS, EMPRESÁRIOS, PROFISSIONAIS LIBERAIS E OUTROS OFÍCIOS.....	107
8. INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS E SEUS PAPÉIS.	110
8.1 SOCIEDADE DE TIRO (<i>BAHIA SCHÜTZENVEREIN</i>).	112
8.2 ASSOCIAÇÃO DO CEMITÉRIO DOS ESTRANGEIROS (<i>FREMDEFRIEDHOFVEREIN</i>).	115
8.3 COLÉGIO ALEMÃO.....	120
8.4 A SOCIEDADE GERMANIA.....	129
8.5 A IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA.....	135

PARTE IV – (RE) CONSTRUINDO A COLÔNIA.....	147
1. O QUE ÉRAMOS E O QUE SOMOS: ALEMÃES, DESCENDENTES, BRASILEIROS, BAIANOS.....	147
2. COTIDIANOS E CELEBRAÇÕES.....	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	164
ACERVOS E FONTES.....	168
ANEXOS	171

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado consiste no resultado do projeto de pesquisa submetido ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia no ano de 2006, cujo tema versa sobre a imigração alemã em Salvador, Bahia, especificamente a constituição da colônia estabelecida desde as primeiras décadas do século XIX.¹ Objetiva investigar a trajetória deste grupo étnico a partir dos primeiros registros de sua organização como tal e os desdobramentos deste processo constitutivo na forma como se configura, atualmente, a aqui denominada, colônia alemã de Salvador.

Para que se tenha uma melhor idéia das motivações que me levaram a abordar o tema da imigração alemã em Salvador, não haveria de faltar a contextualização deste fenômeno no período histórico em que se desenvolve no Brasil e – no caso dos conflitos mundiais deflagrados em 1914 e 1939 –, nem de como ele se deu no estado da Bahia desde o início do século XIX. Assim, sugiro aqui uma importante distinção sobre o que será abordado neste trabalho, trata-se de deixar evidente que a pesquisa lida propriamente com o fenômeno da imigração alemã e, ao contrário do que eventualmente ocorre em situações em que a pesquisa foi apresentada e discutida, não tenciono desenvolver o tema mais largo da “presença alemã na Bahia”. Pretendo, assim, apresentar os principais dados sobre a imigração alemã na Bahia, inclusos aqueles referentes à colônia de Salvador, alertando que estes últimos serão desenvolvidos no decorrer do trabalho, conforme sua pertinência e adequação aos capítulos em que se inserem.

A opção por transitar, metodologicamente, entre as perspectivas diacrônica e sincrônica, teve o fito de não limitar a descrição a fatos históricos isolados, envidando esforços no sentido de utilizá-los como marcos referenciais para o exercício etnográfico a que me proponho realizar ao longo da dissertação. Além disso, ressalto a decisão de realizar um trabalho cuja abrangência de período de

1 É preciso registrar aqui a razão da escolha do título do trabalho aqui apresentado. Faço, propositalmente, referência ao título do livro de autoria de Wilhelm Overbeck: *Fünfzig Jahre Deutscher Verein Germania und Deutschtum in Bahia: Festschrift zum 50-jährigen Gründungstage der Germania (1923)* que tem o mérito de ser o documento que mais se aproxima de um registro de caráter etnográfico sobre a presença alemã na Bahia. O livro, publicado em comemoração dos 50 anos de fundação do Clube Germania, reforçou meu interesse em investigar a colônia alemã de Salvador e foi de suma importância para a reconstituição do cotidiano destes imigrantes até o início do século XX.

tempo analisado, impõe consideráveis riscos. Deste modo, no decorrer da dissertação poder-se-á notar, em determinados momentos, abordagens de caráter mais panorâmico, através das quais pretendo apresentar um quadro geral do fenômeno imigratório alemão para Salvador e, mais que isso, familiarizar o leitor com o objeto, até aqui escassamente investigado.

A natureza simultaneamente rica e fugidia do objeto escolhido colocou-me diante de desafios significativos para a sua investigação, no entanto, me parece possível partilhar impressões, constatações e, por que não, novas questões surgidas no decorrer do processo. Início, assim, tratando da própria idéia de colônia alemã em Salvador. Esta, que foi a questão inicial do trabalho e, contudo, permanece sendo a mesma que o conclui. A pergunta mais freqüentemente feita a mim por inúmeros interlocutores, desde o princípio foi: existe uma colônia alemã em Salvador? A referida pergunta, eu mesmo me fazia durante o processo de investigação. No entanto, a antropologia tratou de mostrar-me que sim, ou melhor, a teoria e a prática antropológicas o fizeram. O primeiro problema é lidar com o próprio conceito de colônia quando o grupo estudado é de inserção urbana, como o que aqui apresentei. Teoricamente esta definição está fundamentada na literatura antropológica e não há maiores dificuldades de enxergar na colônia alemã de Salvador, características que nos permitam assim classificá-la. O problema consistiu, desde o início, em “reunir” os fragmentos de uma colônia historicamente reduzida em número de membros, conferindo a ela o *status* de um objeto a ser tratado etnograficamente. Do século XIX até a atualidade foi necessário empenho para encontrar conexões entre o que fora esta colônia até a Segunda Guerra Mundial e aquela que se reorganizou cerca de uma década após este conflito, do que concluí: uma, dificilmente, existiria sem a outra; a reorganização foi causa e consequência da existência de ambas, o que me permitiu investigá-las, hoje, como um grupo étnico² estabelecido em Salvador. Sua trajetória de continuidade, consolidação, enfraquecimento, dispersão e, retomada pela via da mobilização religiosa, revela a fragilidade de sua existência, mas não, como me convenci, desde logo, de sua

2 Giralda Seyferth, a respeito da identificação de imigrantes alemães e seus descendentes estabelecidos no sul do Brasil, argumenta: “Se os teuto-brasileiros devem ser considerados como um grupo nacional ou como um grupo étnico interagindo numa sociedade mais ampla [...] é um falso problema. Os teuto-brasileiros [...] formam, sem dúvida, um grupo étnico e podem ser assim definidos nas linhas propostas por Barth ou Cohen”. (Cf. Seyferth, 1982: 12).

completa inexistência. Uma questão era saber se o que eu observava e colhia – fosse por meio de dados documentais, fosse através da convivência com seus membros –, poderia ser classificado como colônia, e outra, aceitar o discurso sustentado (e apressado, a meu ver) em dois processos-chave para os estudos étnicos: assimilação e aculturação. Sob esta perspectiva “os alemães da Bahia (incluindo, obviamente, Salvador) se haviam ‘diluído’ em meio à população baiana”. Ora, não se trata de negar uma evidência que se mostra desde o século XIX, em maior ou menor medida, no seio da colônia, ou seja, a ocorrência de casamentos interétnicos e destes predominantemente entre homens alemães e mulheres brasileiras. Contudo suas conseqüências não foram, a meu ver, capazes de embotar o sentimento de germanidade entre muitos dos descendentes, ainda que este seja limitadamente articulado e pouco visível, na maioria casos. Creio, inclusive, em uma disposição à reetnização por parte de algumas destas pessoas, denotando, possivelmente, a aquisição de prestígio que esta postura os confere; sobretudo, se pensarmos que a Alemanha atual representa exemplo de sucesso, em oposição à imagem negativa comumente atrelada ao nazismo e ao preconceito racial. O que pesa na discussão é a baixa percepção da existência da colônia pela população local, o que estava claro no discurso registrado quando da minha aproximação com o objeto, talvez entendendo que, de tão poucos, não se poderia considerá-la como tal.

Fazer etnografia ou historiografia? A escolha do objeto me colocou diante desta dúvida, não porque não estivesse certo da adequação do tema à antropologia, mas pela necessidade imperativa de buscar e manusear, sistematicamente, acervos documentais das mais diversas naturezas. Ao proceder deste modo, achava eu, poderia estar me afastando da proposta de investigação etnográfica e, por conseguinte, antropológica. Aos mestres coube dissipar esta questão, mas confesso, sem qualquer pretensão de praticar negligentemente a arte de colegas historiógrafos, que este trabalho tem bastante de historiografia, sem auxílio da qual, seria inviável. Contudo, quando deixou de ser uma questão dialética, para tornar-se complementar ao meu esforço, o suporte da história me mostrou dados importantes, com os quais pude lidar, não historiograficamente na maior parte do tempo, mas etnograficamente. Minha preocupação em registrar precisamente os fatos aqui relatados, deixou, pouco a pouco, de ser uma atitude renitente para, muito mais, me dedicar a interpretá-los em favor da pesquisa antropológica.

O primeiro passo, então, consistiu na busca de arquivos e de registros históricos confiáveis. Além de necessário, foi decisivo para o investimento no tema. O fato de não haver uma tão relevante quantidade de material historiográfico sistematizado não tornava a pesquisa inviável, sobretudo porque a metodologia proporcionada pela antropologia oferecia possibilidade de complementação dos dados com a coleta de depoimentos de informantes aos quais denominei “detentores da memória da colônia”. A descrição a que me proponho extrapola a perspectiva histórica na medida em que o objeto de estudo se dispõe à investigação na atualidade. A colônia alemã – denominação a que *a priori*, decidi recorrer para me referir aos imigrantes alemães e seus descendentes em Salvador, e que será adiante objeto de elucidação –, viveu, a rigor, seus melhores anos nos fins do século XIX até o início da 2ª Guerra Mundial, segundo Edelweiss.³ A dispersão ocorrida após o segundo conflito mundial descaracterizou sensivelmente sua constituição, havendo, portanto, maior riqueza de dados de sua existência e participação no cotidiano soteropolitano no período acima mencionado, o que, de certo modo, induz a algumas inferências: (a) os alemães só tiveram alguma relevância no contexto sociocultural de Salvador até a 2ª Guerra Mundial, justificando seu estudo apenas como dado histórico menor no contexto historiográfico da cidade; (b) a colônia jamais existiu “de fato”, se comparada às colônias existentes em outras regiões do Brasil e, (c) não há mais uma “colônia alemã” a ser pesquisada dada a sua escassa representatividade sob aspectos demográficos, políticos e culturais no contexto social contemporâneo de Salvador após a dispersão do pós-guerra na década de 1940, imputando-os, assim, uma condição marginalidade sociocultural.

No entanto, a opção por uma abordagem antropológica / etnográfica do objeto suscitou um desafio: como descrever a comunidade sem recorrer excessivamente às fontes unicamente históricas? E mais, se as fontes históricas, ainda que dispersas, forneciam dados relevantes sobre como esta comunidade se constituiu e se utilizou de estratégias que de algum modo garantiram sua persistência, como não utilizá-los? A decisão foi por não limitar a pesquisa a períodos históricos restritos, e extrair dos registros históricos de natureza diversa aquilo que for possível auxiliar na descrição da comunidade, confrontando, crescendo e complementando, os dados obtidos através de seus membros. Uma vez tratadas as questões referentes à

³ Cf. artigo de Frederico Edelweiss (1968:589-608).

existência da colônia como objeto de pesquisa e equalizada a tensão existente entre os vieses histórico e antropológico, claramente presentes no trabalho, busquei somar à descrição de caráter etnográfico, dados que pudessem subsidiar, tanto quanto possível, a reconstituição da trajetória da colônia alemã de Salvador. A verificação de dados históricos que me fornecessem pistas de onde e como poderiam viver os imigrantes em questão, foi de crucial ajuda para estabelecer relações que desde sempre exerceram papel fundador na colônia. A centralidade da atuação comercial como meio capital de criação de condições para a própria existência da colônia e de sua configuração fortemente marcada pela estratificação social, foram revelados à medida que promovi o confronto entre dados documentais e relatos de informantes.

A opção de agregar a sincronia na elaboração da dissertação ofereceu a oportunidade de confrontar e estabelecer relações entre os eventos e peculiaridades da colônia alemã desde sua organização no século XIX e sua história recente. Apesar dos períodos de descontinuidade identificados na trajetória da colônia, parece não haver dúvidas de que existe uma história que cujo isolamento em períodos estanques não se mostra possível. Nos percursos histórico, econômico, social e cultural da colônia alemã de Salvador é possível identificar períodos de significativa variação nos processos de interação dentro e fora de seus limites. Para que se atingisse a complementaridade almejada com a coleta de dados documentais – passados e presentes –, minha proposta foi proceder a uma reconstituição aproximada de como estes imigrantes viviam, sem por isso negligenciar o cotidiano do reduzido número de membros da colônia.

A observação dos raros eventos em que se reúnem os alemães e teuto-brasileiros atualmente, permitiu perceber que, nestas ocasiões, sobretudo as que fazem parte do calendário da Comunidade Evangélica Luterana⁴, o sentido de agrupamento e convivência como grupo étnico persiste. Depois do final da Segunda Guerra Mundial, fechados o Clube Germania e outros possíveis locais de reunião da

4 Grafada com inicial maiúscula, a palavra comunidade referir-se-à, no decorrer do trabalho, Comunidade Evangélica Luterana. Entretanto, para definir a forma como se organizaram os imigrantes alemães de Salvador (*Iocus* desta pesquisa), utilizei o termo colônia.

colônia, os eventos têm ocorrido no seio da Comunidade, conquanto não possuam, alguns deles, caráter religioso. Os principais eventos observados foram: o *Café das Senhoras*, o *Café Colonial*, o *Bazar de Natal* e os cultos religiosos da Igreja Luterana (além de outros, esporádicos e de menor relevância). O propósito foi registrar a convivência destes indivíduos em ocasiões nas quais se encontram e promovem mais intensa convivência comunitária e social.

Antes, contudo, a inserção no campo exigiu a identificação de alternativas para viabilizar a aproximação com membros da colônia. O prévio levantamento documental realizado meses antes do início da pesquisa mostrou-se útil ao indicar, por exemplo, que a Comunidade Evangélica Luterana de Salvador constituir-se-ia em instituição-chave para a observação de seus membros que, em grande parte dos casos poderiam ser incluídos no universo da colônia investigada. O contato com a direção da Comunidade resultou no mapeamento de alemães e teuto-brasileiros pertencentes a ela, a identificação de potenciais informantes e elaboração de uma rede que me pudesse auxiliar na compreensão das relações entre estes indivíduos. Não obstante o número de informantes fosse circunstanciado por fatores como estado de saúde, idade, mobilidade e grau de interesse em colaborar com a pesquisa, além de fatores diversos, creio ter logrado êxito em mobilizar informantes cujo capital simbólico e posição dentro da colônia resultaram em material suficiente para a realização deste empreendimento. Dentre eles, teuto-brasileiros (descendentes de famílias alemãs tradicionais em Salvador), alemães chegados ao Brasil no pós-guerra, teuto-brasileiros originários de outras regiões de colonização alemã no país e brasileiros que, de algum modo, vivenciaram eventos e partilharam espaços durante a trajetória da colônia, especialmente no âmbito de suas instituições comunitárias.

Além dos contatos com informantes e incursões ao campo de investigação, o trabalho constante em arquivos documentais, em acervos particulares e todo tipo de registro disponível capaz de evidenciar algo sobre a colônia, como já foi colocado anteriormente quando fiz menção à metodologia e abordagem teórica, mostrou-se basilar para a pesquisa. A documentação acessada, deste modo, constituiu parte significativa do campo de trabalho, sem a qual o esforço em alcançar o resultado aqui reunido na dissertação, tornar-se-ia, sem dúvida, maior. O que me parece necessário ressaltar é o tratamento dispensado aos dados obtidos através de registros documentais. Sua importância, em certos momentos, assemelhava-se à de

conteúdos fornecidos por informantes, especialmente nos casos em que os dados mostraram-se fundamentais para esclarecer eventos e participações de membros antigos da colônia. O “olhar”, portanto, inspirou-se na antropologia, para neles identificar a essência da trajetória aqui descrita, em um exercício de recuperação de vivências e relações possíveis entre o que foi colhido e a observação efetiva no campo.

A estrutura da dissertação obedece a um modelo que penso ser coerente com a proposta do trabalho de pesquisa da qual se origina, procurando torna-lo inteligível ao leitor, por meio da apresentação de dados históricos e posterior descrição, interpretação e exame do material utilizado em sua construção. Está dividida em quatro partes, subdivididas em capítulos e subcapítulos, conforme a necessidade de discorrer sobre cada tema abordado.

Na primeira parte procuro discorrer, o tão breve quanto possível, sobre a história da Alemanha, a trajetória de sua formação como idéia de espaço comum aos alemães, introduzindo algo da complexidade deste processo e das idiossincrasias presentes nele. Utilizo também rápidas referências que remetem aos mitos de formação do povo e da nação alemães. O objetivo é o de apresentar dados que ajudem a entender os processos que culminaram na Unificação Alemã em 1871 e, ao menos, sucintamente, mostrar a relevância deste processo para a compreensão da essência desta nação.

A segunda parte do trabalho desloca-se para o contexto da Bahia como cenário de imigração nos séculos XIX e XX. Apresento, sem a pretensão de esmiuçá-la, um pouco da história da presença alemã, sob a perspectiva do fenômeno da imigração. Menciono as principais iniciativas neste sentido, assim como alguns dos atores que merecem destaque e auxiliam na compreensão dos fatos ocorridos. Mais do que relatar a estes acontecimentos, pretendo identificar elementos para a construção do quadro analítico maior em que se insere o fenômeno da imigração alemã na cidade de Salvador, tema central desta dissertação.

Cerne do trabalho, a Parte III divide-se em oito capítulos através dos quais discorro sobre a colônia alemã de Salvador, utilizando elementos oferecidos pelos

registros históricos. Todavia, a partir daí e mais nitidamente, empreendendo esforço no sentido de etnografar a colônia lançando mão, prioritariamente, de evidências e dados registrados e colhidos no período trabalho de campo. Os depoimentos e a observação participante orientam o desenvolvimento dos capítulos, não obstante sua fundamentação histórica seja mantida em relevo. Contudo, a diacronia e a sincronia estão presentes e a serviço da tarefa a que me proponho neste momento do trabalho. Além do exercício etnográfico, inicio esta parte do trabalho pontuando algumas das referências teóricas utilizadas na pesquisa, em especial aquelas que remetem a questões sobre a imigração em si e à etnicidade.

Finalmente, a quarta parte do documento sugere breve reflexão sobre a atual constituição da colônia alemã de Salvador, levando em conta, essencialmente, o segundo momento de sua existência, após a Segunda Guerra Mundial. Reservo um dos capítulos para descrever, em linhas gerais, eventos que ocorrem no calendário da Comunidade Evangélica Luterana e, conseqüentemente, da colônia, além de alguns outros, de menor porte, cujas ocorrências podem ser variáveis, mas configuram-se, de maneira semelhante aos eventos de maior destaque, em oportunidades de reunião e de manifestação da etnicidade do grupo étnico aqui em exame. Enfatizo dois deles, o *Café Colonial* e o *Bazar de Natal*, devido à capacidade de mobilização que possuem ante a colônia e à repercussão que têm na sociedade local. O *Café das Senhoras*, que consiste em uma reunião mensal, merece igualmente destaque devido ao seu específico caráter étnico, onde a língua alemã é francamente utilizada e por não vincular-se diretamente às atividades promovidas pela Comunidade Evangélica Luterana de Salvador.

Parte I - O QUE SIGNIFICA, AFINAL, SER ALEMÃO?

1. Alemanha: formação de uma nação.

A história da Alemanha ou a história da formação da nação alemã caracteriza-se fundamentalmente pela riqueza de dados históricos, mitos de origem e eventos cruciais até a sua constituição em um estado unificado. As numerosas referências sobre as origens de seu povo, sua trajetória até a conformação cultural, culminando com a consolidação da nação em 1871, acumulam-se num lapso de tempo significativamente extenso. Pretendo discorrer sobre momentos da (pré) história alemã, sem qualquer intenção de esgotar quaisquer dos temas, o que me afastaria do propósito inicial que motiva a inclusão deste capítulo no trabalho aqui apresentado. Elucidar com informações que julgo pertinentes à compreensão de marcos históricos enriquecedores do quadro geral ao qual me remeterei, pontualmente, ao longo do exercício etnográfico, assim como levantar questões que reverberem na cultura alemã contemporânea, é a tarefa a que me proponho.

Início, portanto, fazendo referência ao fenômeno do *Völkerwanderung*⁵, momento em que se registra o avanço e estabelecimento de povos originários de regiões do norte e leste europeu nas periferias dos domínios romanos. Por longo período – estima-se que do século II ao IX –, os romanos conviveram com estes povos (denominados bárbaros) até que a precipitação ocorrida por volta do século V sobre as fronteiras romanas resultou no contínuo desmembramento do Império em territórios que embrionariamente deram início à configuração geopolítica da Europa medieval. Povos como os francos, alamanos, suevos, túringsios, saxões, dentre outros foram chamados germânicos, denominação tomada de empréstimo por Caesar, imperador romano, aos gauleses⁶. A *Germania* – nome derivado da relação feita por Caesar com os territórios além do Reno e do Danúbio, de onde provinha parte desses povos e citada em texto de Tácito ainda no século I –, desde então tornou-se a “terra dos germanos”. O que não se pode precisar é o quanto havia em comum entre estes diferentes povos, que não partilhavam, necessariamente, de referências históricas entre si e tampouco se podiam constituir em uma

5 Termo em alemão para o fenômeno conhecido como as ‘invasões bárbaras’ ou período das grandes migrações dos povos.

6 Cf. Schulze, 1998:4.

homogeneidade étnica e cultural, a despeito da denominação genérica: “germânicos”. O objetivo, pois, desta digressão é situar as possíveis referências históricas em um discurso de ancestralidade longínqua, hipótese aventada por Elias (1997) através da qual argumenta que a situação de constante pressão que as tribos germânicas exerciam e sofriam a oeste, pelos povos latinizados, a leste pelos eslavos e, dentro das próprias fronteiras de seus territórios, tomando em conta a localização desses povos no centro do continente europeu, seriam elementos que auxiliariam na compreensão do *habitus* alemão⁷. No entanto, a idéia de uma *Germania*, ou seja, um território germânico razoavelmente delimitado em oposição a outros territórios, onde se encontravam estabelecidos povos não germânicos, tem relevância se se pretende apontar uma referência histórica para embasar o discurso de uma origem comum.

No seguimento deste breve percorrer na história alemã, cabe mencionar a participação cada vez mais intensa de militares germânicos no exército romano, o que implicou no fato, já no século V, de Odoacro tornar-se o primeiro imperador não-romano, após depor *Romulus Augustus*. A conversão ao cristianismo e o estreitamento das relações com Roma deixavam entrever que o futuro do Império Romano, tal como havia sido construído até então, seria sensivelmente modificado. O nome de maior relevância, possivelmente por sua dupla representação como figura histórica e heróica para dois dos povos europeus – cujas origens provêm dos francos e em contraste com as turbulentas relações que se tornariam freqüentes no decorrer dos séculos seguintes –, foi o de Carlos Magno (*Karl der Große*, para os alemães e *Charlemagne*, entre os franceses).

Denominado inicialmente rei dos francos – povo germânico que se estabelecera em grande parte do território da atual França e oeste da atual Alemanha – fundou o então denominado Sacro Império Romano⁸. Carlos Magno foi coroado pelo próprio Papa Leão XIII na basílica de São Pedro, em Roma no ano 800 d.C., estabelecendo estreitas relações com a Igreja romana que lhe garantiram significativo prestígio no cenário político da Europa medieval. À figura de líder de

7 Norbert Elias recorreu à análise sobre as migrações dos povos para destacar uma das peculiaridades do *habitus* alemão e suas mudanças, discussão que será retomada oportunamente neste trabalho. Ver Elias 1997:16.

8 As referências à tradição romana justificam o título em latim correspondente: *Renovatio Imperii Romani*, sob a regência do novo *augustus imperator*. Ou seja, a renovação do Império Romano, por um imperador auto-proclamado romano.

Carlos Magno associam-se reformas administrativas, eclesiásticas e adoção de calendário, por exemplo, todos baseados nos modelos romanos, bem como incentivo às artes e literatura, sustentado em uma língua falada e escrita: uma espécie de “renascença carolíngia”, na opinião de alguns historiadores. A divisão do império em *ducati* (ducados) transformava os antigos chefes tribais em oficiais recrutados na aristocracia franca, modelo administrativo espelhado naquele realizado por Constantino, o Grande, havia quase quatro séculos, repercutiria futuramente na organização dos territórios germânicos após a desintegração do império carolíngio em estados menores, habitados por diferentes grupos, dentre eles: saxões, bávaros, turíngios, alamanos, que não mais se podiam vincular diretamente às tribos germânicas que há séculos haviam migrado para as regiões próximas ao que se tornaria a futura Alemanha.

No período posterior a morte de Carlos Magno, o Império Romano foi governado por seu filho, Luís, o Piedoso, que, por sua vez, partilhou o império entre seus três filhos: Carlos II, Luís e Lotário. Este último, atacado por seus irmãos, foi obrigado a abrir mão de seus territórios, que se estendiam da Itália até o Mar do Norte e em de 842 assinaram o Juramento de Estrasburgo⁹ estabelecendo, pacificamente, as bases para, um ano mais tarde, celebrarem Tratado de Verdun, através do qual dividiam o espólio do irmão vencido pelas armas. Verdadeiro marco na história da formação das nações francesa – que desenvolveu-se a partir de territórios que ficaram sob o governo do rei franco-ocidental Carlos II, o Calvo – e alemã, logrando esta, muito mais tarde, sua consolidação a partir de territórios atribuídos ao rei franco-oriental, Luís, o Germânico.

Em auxílio às referências históricas gerais até o momento aludidas, considero igualmente importante referir à etimologia da palavra *Alemanha*, que levaria séculos para fixar seu uso com o sentido empregado atualmente. Recorro a Schulze para melhor ilustrá-la:

The word ‘Germany’ would come to exist only at a much later date: It was not coined until the fifteenth century and did not come into a general use for another hundred years or so after that. For many

9 Vale observar que na ocasião da derrota imposta a Lotário, os irmãos Carlos II e Luís, pronunciaram as fórmulas do juramento um na língua utilizada pelo outro, tornando-as inteligíveis aos presentes, que já não compreendiam o latim clássico. O início do texto da versão românica, uma forma de latim vulgar, foi assim proferido: ‘*Pro deo amur et pro christian poblo et pro nostro commun salvament.*’ E, em antigo alto-alemão: ‘*In godes minna ind thes christianes folches ind in unser bedhero gehaltnissi...*’, algo semelhante ao alemão medieval, cuja tradução seria: ‘No amor de Deus e do povo cristão e para nossa comum salvação’. Conferir Störig, 2003: 124.

centuries the people living east of Rhine had no inkling that they were Germans; in contrast with the Franks or Anglo-Saxons, for example, a single 'German people' did not exist. (SCHULZE, 1998, p. 15).

Ainda segundo Schulze (1998) e Theodor (1963), a palavra *deutsch* deriva de *thiutisk* ou do latim *theodiscus*, que significava simplesmente 'vernacular'. Não se referia a qualquer língua falada distinta, mas àquelas que se distinguiam do latim utilizado pela Igreja romana, do mesmo modo que das línguas românicas e eslavas. Incluía, portanto, o alemânico, o saxão-antigo, o bávaro e o franco-oriental, por exemplo. Os dois autores mencionam, igualmente, que o termo *theodiscus* foi registrado pela primeira vez no ano de 786¹⁰. Na opinião de Schulze, uma língua germânica, propriamente dita, nunca existiu se pensada como idioma comum compartilhado nas distintas regiões ao leste do Reno, ao que exemplifica: "For a long time, if a Saxon wanted to converse with one of the *Alemanni* and could not speak Latin, he would have to fall back on West Frankish, the *lingua franca* of western and middle Europe, out of which modern French later developed"¹¹. Escrito na variante do médio-alto-alemão (*Mittelhochdeutsch*), cujo aparecimento se deu entre os séculos XI e XII, o *Annolied* faz referência às *diutsche lant* (terras germânicas) sem especificar uma apenas, mas os territórios em que habitavam os suábios, bávaros, saxões e francos, no referido período. O termo antigo, que se cristalizou na palavra *Deutsch* (teuto, alemão), aparentemente, possuía acepção exclusivamente lingüística, não havendo registro de nenhuma outra durante longo tempo. O termo *teutonicus*¹², por seu turno, uma tradução latina utilizada desde o início do século IX, deriva de um equívoco, uma vez que não havia qualquer relação entre os as línguas faladas pelos os povos germânicos, e os germânicos teutões, desaparecidos após serem vencidos em combate no ano 102 a.C. por forças

10 No Sínodo realizado pelo rei Offa, na Mercia, Britânia, as resoluções foram lidas *tam latine, quam theodisce, quo omnes intelligere possent, ou seja*, "tanto em latim, quanto em vernacular, pra que todos pudessem compreender". Neste caso particular, o vernacular referia-se ao inglês-antigo falado na região à época.

11 Em tradução livre do autor: "Por longo tempo, se um saxão quisesse conversar com um dos almanos e não pudesse falar em latim, ele teria que recorrer ao franco-ocidental, a língua corrente da Europa centro-ocidental, do qual, mais tarde, se desenvolveu o francês moderno". Cf. Schulze (1998: 17).

12 O filólogo Erwin Theodor não faz, em seu livro, referência à origem latina do termo, mas sim justifica o uso da forma *tiu(t)sch* ao lado de *diutsch* no médio-alto-alemão. Na Alemanha do Sul, preferia-se a grafia com *t* até meados do século XVIII, enquanto a forma com *d* era mais recorrente no baixo-alemão (*Niederdeutsch*). A grafia com *t* teria se apoiado em uma lenda sobre um deus germânico *Teut*, supostamente antepassado dos alemães. Cf. Theodor (1963: 32).

romanas. De fato, teriam sido estes últimos a utilizar este termo associado aos povos que habitavam a chamada *Germania*, anteriormente mencionada por mim. Em 1076, segundo Schulze, o termo tomou conotação política, quando o papa Gregório VII referiu-se ao futuro imperador Henrique IV, como *rex Teutonicorum*. Entretanto, a palavra *teutonicus* foi freqüentemente utilizada pelos italianos, franceses e ingleses de maneira pouco positiva, expressando mesmo desdém pelos povos e líderes políticos identificados com a *Germania*. Embora o império germânico se denominasse Sacro Império Romano desde a consagração de Carlos Magno, pouco a pouco, os termos *thiutisk* e *teutonicus* foram adotados por aqueles que se pretendiam distinguir dos francos do oeste e de outros povos europeus. As denominações *Deutsche*, significando ‘teuto’ em português e, por outro lado, *Alemão*, correspondendo ao termo inglês *German* e no sentido de um grupo étnico específico, incluem-se no cotidiano dos povos germânicos apenas gradativamente, ao longo da Idade Média.

Outra figura histórica de elevado destaque foi o imperador germânico da dinastia dos Hohenstaufen, Frederico I (1152 - 1190), o Barba-Roxa. A simbologia associada a ele calçou-se nas circunstâncias pouco esclarecidas de sua morte por ocasião da Terceira Cruzada na Ásia Menor, no imaginário alemão, Frederico encontrar-se-ia adormecido sob uma montanha mágica, Kyffhäuser, de onde retornaria para redimir o povo germânico e sobre ele reinar através dos tempos. Curioso mencionar que esse mito, assim como outros que serão posteriormente referidos no capítulo, foi evocado por nacionalistas durante o século XIX, associando-o a uma nação adormecida, cujo destino seria despertar e unificar os povos (estados) germânicos.

Falar de uma história alemã parece ser prematuro levando-se em conta as peculiaridades dos processos de conformação de territórios na Europa antiga e medieval, quando os conceitos de povo, nação e nacionalismo, encontravam-se longe de serem postos em prática, a não ser nos raros casos em que foram evocados, rudimentarmente – como nas cruzadas –, pelos grupos germânicos aqui aludidos. Nas palavras de Schulze:

The area of German settlement, Germany's geographical position, decisive aspects of the German constitution, the linguistic foundations of German culture – all these developed during the period we customarily refer to as the Middle Ages, in which there is little trace either of Germany or the Germans. (SCHULZE, 1998, p. 20).

Os reinos francos orientais que, cada vez mais eram identificados como reinos germânicos no curso dos séculos XI e XII, abrigavam no interior de suas fronteiras francônios, turíngios, bávaros, frísios, suábios e, ao oeste do Reno, lotaríngios e burgúndios, que em sua maioria falavam línguas românicas. O movimento destes reinos em direção ao norte e ao leste, para além do rio Elba, provocou disputas com a Dinamarca, Polônia e Boêmia, pela colonização de áreas de comunidades tribais eslavas, impondo sua língua e cultura, instalando assentamentos de elementos do Flandres até a Turíngia. A colonização oriental implicou em um processo de miscigenação gradual com estes povos – com exceção de pequenas ilhas de língua eslava na Lusácia e na Caríntia¹³ –, o que na opinião de pesquisadores do período, permitiria concluir que os alemães e austríacos contemporâneos possuem ancestrais germânicos, célticos e eslavos, num cruzamento entre norte e sul, leste e oeste, de povos que durante a Antiguidade e a Idade Média deslocaram-se e fixaram-se ao longo do território europeu, inclusive em sua porção central, onde se constituiria, no futuro, a Alemanha.

Característica da história alemã, a fragmentação territorial refletia no seguinte quadro político do império germânico na baixa Idade Média: principados, ducados, bispados, condados, principados eleitores, cidades imperiais, abadias e distritos controlados como a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, todos atuando com maior ou menor grau de autonomia com relação ao poder central do imperador. Tamanha diversidade revela a complexidade da tarefa de garantir a unidade do império e ajuda a compreender a razão pela qual a Alemanha foi considerada pelas outras potências européias uma “nação tardia”. A partir de 1512, a denominação Sacro Império Romano da Nação Germânica, apesar de comportar povos das mais diversas origens, sinalizava para a preeminência do poder imperial sustentado na tradição herdada de Carlos Magno, ícone germânico no cenário medieval desde a decadência do Império Romano do Ocidente no século V. Paulatinamente, a

13 A Lusácia, ou Lausitz, é um enclave lingüístico eslavo situado próximo às fronteiras das atuais, Polônia e República Tcheca. Ali vivem cerca de 60.000 sorábios (ou sórbios) cuja língua se aproxima do polonês e do tcheco. A Caríntia, por sua vez, fica na região sul da Áustria, fazendo extensa fronteira com a Eslovênia, ao sul e com a Itália, a oeste.

denominação Nação Germânica tornava-se referência para a população do império, que diante das crises, epidemias e guerras que ocorriam na Europa e no interior de suas fronteiras, estabeleciam distinções mais claras entre os que julgavam seus iguais e os que representavam os outros. Delineava-se, em contornos ainda bastante suaves, uma consciência de nacionalidade alemã, haja vista a disputa alimentada com os franceses no início do século XVI, a respeito da legitimidade de se apontar Carlos Magno como o fundador das dinastias que governavam a França, tendo sido ele um imperador germânico.

No entanto, faltava ao povo alemão, e me refiro aqui às populações germano-falantes do império, uma língua que, propriamente, permitisse uma maior unidade cultural e política. A Reforma protestante, iniciada na Alemanha por Martinho Lutero em 1517, parecia ser um momento oportuno para modificar este estado de coisas, uma vez que sua iniciativa de traduzir a bíblia para a língua alemã resultaria, não só na ampliação do acesso popular ao seu conteúdo, como a disseminação da doutrina protestante em uma língua razoavelmente padronizada. A língua-geral que Lutero afirmava utilizar foi a que ele buscou registrar nos textos religiosos e na tradução da bíblia, evidentemente com influências de mais de uma variante dialetal¹⁴, dentre as que eram faladas à época e que caracterizavam o processo de desenvolvimento na direção de um idioma comum aos alemães de outras regiões do império. O luteranismo tornava-se, assim, um dos principais elementos aglutinadores dos alemães dispersos pelo império, um sentimento de comunidade que reforçava a idéia de uma identidade compartilhada. O impacto deste acontecimento refletiria, nos séculos seguintes, na atuação da igreja reformada através da valorização e preservação da germanidade. A idéia de *Vaterland* (pátria) se evidenciava, porém, vinculada mais à aldeia ou cidade em que se nascia e vivia, do que propriamente ao império alemão.

Após a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), iniciada em um conflito na Boêmia, terminou envolvendo os maiores contendores europeus, causando efeitos

14 No processo de formação da língua alemã identificam-se as seguintes etapas, segundo Theodor (1963): pré-alemão, antigo alemão, médio alemão, período transitório e alemão moderno. Walter (1997:277) afirma que Lutero, mais do que registrar a língua-falada impressa, utilizou, fundamentalmente, a língua utilizada pela chancelaria saxônica que, segundo ele, podia ser entendida tanto na alta como na baixa Alemanha e correspondia ao período do médio-alemão. As distinções entre baixo, médio e alto-alemão baseiam-se na correspondência topográfica da Alemanha: o baixo-alemão, falado nas planícies setentrionais; o médio-alemão, característico da região central do país e o alto-alemão, nas regiões meridionais montanhosas. Todos apresentavam (e ainda apresentam) variações dialetais próprias.

devastadores no império alemão, que serviu de palco para inúmeras batalhas. A população do Sacro Império foi reduzida de cerca de 25 milhões para 20 milhões – outras fontes indicam de 17 milhões para 10 milhões –, o que demandou quase um século e meio para que se alcançassem os números populacionais anteriores à guerra. Contudo, além dos efeitos mencionados acima, outros desdobramentos, de ordem política, modificaram o quadro geral europeu e do Sacro Império. Com a Paz de Westfália (1648), a Confederação Helvética (Suíça) e as Províncias Unidas (Países Baixos) consolidaram sua independência, sinalizando para um processo de desmembramentos e rearranjos territoriais, cada vez mais calcado na idéia de identidades distintas no interior do império e que se prolongaria por mais de um século adiante.

Nas décadas seguintes ao tratado de paz observou-se um vácuo de poder na Europa central e o continente equilibrava-se entre a linha austríaco-espanhola dos Habsburgos e a crescente predominância da França de Luís XIV. Tal cenário propiciou ao Império Otomano avançar até as portas de Viena em 1683, salva da conquista por uma providencial reação de tropas imperiais germânicas que foram ao auxílio do exército austríaco. A vitória repercutiu na configuração de poder no interior do Império Germânico, cristalizando a autonomia da pluriétnica Áustria, das terras hereditárias dos Habsburgos e, ao mesmo tempo, de um conglomerado de pequenos territórios ao norte do império, como o Brandenburgo-Prússia.

Sob a égide dos Hohenzollern, em 1701, a auto-coroação do príncipe-eleitor Frederico III, sob o título de Rei da Prússia, não provocou significativo impacto nas relações políticas dentro e fora das fronteiras imperiais. Entretanto, cerca de quarenta anos depois a Prússia – tão rígida, espartana, pragmática, quanto antipatizada por seus vizinhos – deixava a condição de pobreza e vulnerabilidade militar de um passado recente e demonstrava sua intrepidez ao conquistar à Áustria a província da Silésia¹⁵ já sob o comando do rei Frederico II em 1740. A perda da Silésia levaria a Áustria, aliada à Inglaterra e à Saxônia, a recorrer às armas contra a Prússia, em 1744, não logrando resultado positivo, fato que repetiu-se na Guerra dos Sete Anos (1756 – 1763), por ocasião da qual os Habsburgos aliaram-se à França, à Rússia e a maioria dos príncipes imperiais, e uma vez mais foram rechaçados pelos prussianos – auxiliados por subsídios da Grã-Bretanha que

15 Região que corresponde, aproximadamente, à porção sul da atual Polônia.

encontrava-se em guerra contra a França por domínios ultramarinos. Após estes expressivos êxitos, na Prússia forjou-se a figura emblemática do rei Frederico II, o Grande, a quem se reservaria lugar proeminente entre os ícones da história militar alemã.

O Império Germânico, portanto, possuía agora um reino militarmente forte e que equilibrava a relação entre os católicos mais ao sul e os protestantes, ao norte, no interior de seus domínios. A Prússia alcançava o *status* de estado independente como, por exemplo, França, Baviera e Polônia possuíam no cenário europeu, o que não significou dizer que o império se enfraquecia definitivamente; sua existência parecia ser ainda necessária, aglutinadora de inúmeros interesses existentes em seu próprio seio. A emergência da Prússia dos Hohenzollern às expensas da Áustria dos Habsburgos e mais tarde, da Polônia, não trouxe conseqüências imediatas para a maioria dos estados do império. Havia ainda um longo caminho a percorrer até que o estado prussiano viesse a exercer sua liderança política e militar.

O final do século XVIII foi marcado ainda pela ascensão da França, que mesmo após a Revolução de 1789, continuava a ampliar seu poder na Europa continental. A Prússia, reconhecendo sua incômoda posição geográfica, assinou a Paz de Basileia em 1795, deixando a coalizão formada por outras forças européias contra a França, garantindo quase dez anos de paz e desenvolvimento cultural. O estado francês passou, a partir de então, a exercer influência direta e contínua sobre o Sacro Império, que a esta altura vivia seu crepúsculo e, logo, desapareceria sob o domínio de Napoleão Bonaparte. O auto-proclamado imperador corso, ao estender o seu domínio sobre a Europa centro-ocidental, reorganizou os territórios do império germânico, na verdade, continuando um processo que fora iniciado antes de sua tomada do poder. Os mais de trezentos territórios existentes no interior do Sacro Império Romano Germânico foram reduzidos a cerca de trinta. Cidades independentes, territórios eclesiásticos, aldeias, foram incorporados a regiões maiores, pondo fim à tradição milenar e complexa do império que se tornara herdeiro da Roma antiga. O que se verificou, contudo, foi a adesão de estados do sudoeste alemão à França napoleônica, o que originou a Confederação do Reno (*Rheinbund*). O império germânico estava dividido da seguinte forma: praticamente todo o oeste e norte, até os limites com a Dinamarca, fora anexado pela França; a Confederação do Reno, tornou-se, conforme menção anterior, um território dependente e a Westfália era governada por membros da família de Napoleão. Restara a Prússia,

que até 1806, quando combateu o exército francês em Jena e Auersted, foi derrotada e ameaçada de desaparecer do mapa, segundo historiadores, não conhecendo tal destino por conta dos interesses de França e Rússia na existência de um território tampão entre elas. Da Áustria, que há tempos vinculava-se através da linha sucessória dos Habsburgos ao império, provinha Francisco II, que abdicaria à coroa do Sacro Império em agosto de 1806. Este foi o seu derradeiro e, decerto, o mais obscuro imperador.

As humilhantes derrotas, os anos seguintes de ocupação pelas tropas francesas, fermentaram o sentimento, ainda em delineamento, do nacionalismo alemão. O filósofo Johann Gottlieb Fichte, em uma Berlim ocupada em 1806-1807, proclamava em seus '*Reden an die deutsche Nation*' (Discursos à Nação Alemã), que a natureza do povo alemão era genuína e incólume e que ao lutar por sua própria identidade e liberdade diante da dominação militar e cultural francesas, os alemães estariam servindo à causa do progresso. No entanto, o evento fundamental viria com a derrota francesa na Rússia, em 1812, seguida da organização da aliança militar entre Inglaterra, Rússia, Prússia e Áustria, para livrar definitivamente a Europa do jugo de Napoleão. Frederico Guilherme III, da Prússia, liderou o movimento de chamamento às armas junto aos diversos estados alemães, que logrou mobilizar inclusive aqueles que aderiram inicialmente à política de ocupação francesa, reforçando a idéia de uma luta pela liberação da nação alemã.

A derrota definitiva de Napoleão, na batalha de Waterloo, inaugurou novo momento político no continente europeu. A diplomacia em ação no Congresso de Viena em 1815 pretendia restabelecer o *status quo* reinante antes da Revolução Francesa, com o retorno do poder a líderes absolutistas, o que contrariava os anseios do povo, e entres os alemães não era diferente. No lugar do extinto Sacro Império Romano Germânico, surgiu a secular Confederação Germânica (*Deutscher Bund*), uma aliança de trinta e nove estados e cidades, na qual Prússia e Áustria assumiam papel de liderança diante dos outros partícipes. Não obstante se houvesse estabelecido um período relativamente longo de paz na, então, Confederação Germânica (apenas nas primeiras décadas após as Guerras da Liberação, vale sublinhar), o desenvolvimento de um estilo de vida burguês se fazia

notar, assim como a literatura e as artes floresciam notavelmente¹⁶. As ondas revolucionárias, mais uma vez disseminadas a partir da França, chegaram aos estados alemães e um dos motivos para a adesão a elas era a estagnação da produção de alimentos. A migração dos campos para a cidade tornava-se um problema de graves proporções¹⁷. Segundo Schulze (1998), cresciam as referências ao “povo alemão” e à “pátria alemã”, contudo, pretendendo contrastá-la com o inimigo francês. Remetia essencialmente à idéia de uma unidade cultural e lingüística, sem que isso implicasse no desejo de reunir os estados alemães em uma nação, necessariamente. A década de 1840 mostrou-se prodigiosa na ênfase de um ideal nacionalista, marcada pelo fenômeno do incentivo à prática de exercícios (*Turnbewegung*), como forma de relacioná-los ao patriotismo e à necessidade de defesa nacional, do mesmo modo surgiam as Sociedades de Canto (*Gesängevereine*) e organizavam-se os congressos acadêmicos Pan-germânicos, onde se discutiam as relações entre o conhecimento, a idéia de nacionalidade, além do erguimento de monumentos nacionais – como o memorial a Armínio (*Hermann*), o querusco, herói nacional que derrotara três legiões romanas no século IX, na floresta de Teutoburgo. O recrudescimento da crise política, econômica e social culminou com as revoltas de 1848, lideradas por setores liberais e socialistas, presentes de forma crescentemente incisiva no panorama da Confederação Germânica.

Os ares da revolução provenientes da França chegavam e se espalhavam pela confederação e a crescente pressão da opinião pública por todo o território provocou, em maio de 1848, a reunião da Assembléia Nacional Alemã, que tinha por objetivo elaborar uma constituição e eleger um governo nacional. Contudo, a exemplo do que já ocorria desde os tempos do Sacro Império Germânico, persistia a questão de como constituir um estado nacional, definindo que territórios fariam parte deste estado; e, o problema de maior escopo: incluir ou não a Áustria na futura Alemanha?¹⁸ Mas havia ainda uma terceira corrente – a popular – que ensejava o

16 Época em que surgiram Beethoven, Schubert, Mendelsson-Bartholdy na música e Heinrich Heine, para citar apenas alguns. Ver Schulze (1998: 114).

17 O período histórico em questão revelava o contexto socioeconômico do qual provinham os primeiros imigrantes germânicos chegados às Américas durante o século XIX.

18 Havia duas propostas em discussão na assembléia: a *Grossdeutschland* (Grande Alemanha) e *Kleindeutschland* (Pequena Alemanha). O que estava em questão, pois, era definir não apenas a

estabelecimento de uma democracia e cujas manifestações foram suprimidas pelos efetivos militares da confederação. Ao fim da assembléia, não houve aprovação da Constituição, fracassando a tentativa de formar a *Kleindeutschland* sob a coroa de Frederico Guilherme II da Prússia, devido à insistência da Áustria em integrar-se ao projeto alemão. Permaneceria ainda, em suspenso, por mais algum tempo, a consolidação de uma nação alemã.

Se as manifestações em território alemão não redundaram em um grande movimento revolucionário e não foram, ao menos amplamente, capazes de modificar o *status quo* vigente, pressionaram no sentido de forçar os príncipes e outros líderes políticos da confederação a fazerem concessões. No entanto, se a chamada Revolução de 1848 não significou o êxito dos movimentos de caráter popular, tampouco o projeto de uma nação alemã se concretizara. Sobre este período, vale dizer que as mudanças estruturais na economia da Confederação Germânica colaboraram para o desenvolvimento de um contexto bastante mais dinâmico, na medida em que as migrações internas ocorriam conforme as necessidades de indústrias emergentes em regiões diversas da confederação. Um dos eventos mais notáveis foi a emigração em massa, que a partir do fim da década de 1840 traduziu-se, numa estimativa de que, apenas entre 1840 e 1870, cerca de 2.400.000 indivíduos teriam deixado os territórios alemães em direção, principalmente, à América do Norte¹⁹. Resultava, sobretudo, do crescimento demográfico acelerado e da depauperação dos camponeses, não absorvidos como mão de obra nas indústrias – que a despeito deste quadro, cresciam em ritmo acelerado.

Seguiu-se então, nas duas décadas seguintes à revolução, um processo de progresso econômico e, paradoxalmente, a adoção de uma postura reacionária baseada no investimento nas forças armadas, comandadas pelo primeiro-ministro Otto von Bismarck, empossado em 1862 e cuja posição política interna mostrava-se frágil diante da influente burguesia liberal (fortalecida pelo avanço industrial em curso) e atuante no parlamento da Confederação Germânica. Bismarck voltava-se, então, para as relações exteriores, através de campanhas militares. Antes, porém, em 1859, Napoleão III, imperador da França e sobrinho do general corso, ao unir-se ao Piemonte-Sardenha contra a Áustria provocou reações nacionalistas na

liderança de um ou outro estado, mas conceder o poder aos Habsburgos austríacos ou Hohenzollern prussianos.

19 Estimativas registradas em Schulze (1998: 133).

imprensa, refletindo o pensamento de setores da sociedade que desejavam uma Alemanha unificada e capaz de atuar na política externa, especialmente contra as ações militares da França. Sentimentos desta natureza deixaram espaço à capacidade política de manobrar que o primeiro-ministro possuía, tornando possível agir, mesmo contra interesses constitucionais, no sentido de nutrir e viabilizar a unificação do estado alemão. Em poucos anos, três campanhas militares, contra a Dinamarca em defesa de populações alemãs do Schleswig-Holstein; contra a Áustria, para excluí-la da Confederação Germânica e em auxílio à Itália, que se encontrava em guerra com os Habsburgos e, finalmente, contra a França, motivada pela intervenção alemã na sucessão do trono espanhol, Bismarck teve as oportunidades de que necessitava para realizar o seu intento de unificar a Alemanha sob a liderança da Prússia.

A guerra pelo ducado de Schleswig-Holstein (1864) – território fronteiriço em que habitavam populações alemãs – contra a Dinamarca, foi feita em conjunto com a Áustria. Unidas, as principais forças alemãs não experimentaram dificuldades para anexar este território à Confederação Germânica. Além disso, a Guerra da Criméia, em que ingleses combatiam russos, proporcionou a ocasião ideal para uma agressão à Dinamarca sem a intervenção de qualquer uma das potências européias, o que não ocorrera em 1848, quando navios britânicos e tropas russas foram em socorro da monarquia escandinava antes que o exército prussiano invadisse a Jutlândia. Não muito depois, em 1866, a Prússia, na chamada Guerra Alemã, derrotou a Áustria desfazendo a administração conjunta do território após a vitória sobre a Dinamarca. Além deste fato, a Prússia estabeleceu uma aliança com a Itália que, desde algum tempo encontrava-se em conflito com a Áustria, por conta de seu processo de unificação territorial. Por fim, após a exclusão da Áustria do projeto de nação alemã, criou-se a Liga Setentrional Alemã que, na prática, era capitaneada pela Prússia e exercia sua influência sobre os territórios ao sul do Reno, em um arranjo que não fora concebido para perenizar-se. Faltava, entretanto, a Bismarck, um pretexto para mobilizar os estados alemães do sul que não faziam parte da Liga Setentrional: e ele veio, em 1870, pelas mãos de Napoleão III, que exaltado pelo fato dos Hohenzollern-Sigmaringen – ramo católico da dinastia prussiana – pleitearem o trono espanhol. O imperador francês ao apresentar suas demandas ao rei Guilherme I, foi assertivo, porém rechaçado, Bismarck, então, alterando o teor das exigências de Napoleão III as fez publicar em 13 de julho de 1870 provocando a reação da opinião pública alemã. A resposta do imperador francês foi a declaração de guerra à

Prússia, em 19 de julho do mesmo ano. Os estados alemães do sul, obrigados a honrar seus pactos militares com a Prússia, a ela se alinharam para combater a França em um conflito que chegou a seu fim em janeiro de 1871, quando o exército alemão já ocupava Paris. Aos 18 dias deste mesmo mês, o rei Guilherme I da Prússia era proclamado Imperador da Alemanha no Salão de Espelhos do Palácio de Versalhes. A Alemanha, enfim, unificada, passava a ocupar papel relevante no cenário político do continente europeu. A “nação tardia” empenhar-se-ia, a partir de então e com maior afinco, a recuperar o “tempo histórico” do qual fora alijada, tornando-se, rapidamente, uma potência européia.

2. Mitos, fatos e a *Kultur*.

Gostaria de tratar com brevidade sobre o lugar dos mitos na formação da cultura alemã, ressaltando que não se me dedicarei a este tema em demasiada profundidade, resguardando os objetivos propostos para esta dissertação. A intenção é trazer mais alguns elementos para o esforço de entender a essência do povo alemão – e esta denominação que muito tempo levou até que se notabilizasse e com a qual se pudesse identificá-lo – e sua cultura a partir de uma perspectiva histórica.

A Alemanha, conforme se pode notar no breve resumo histórico discorrido no capítulo anterior, caracteriza-se por uma longa história de divisão política no interior de suas fronteiras, o que implica dizer que há flagrante dificuldade em estabelecer uma linearidade neste processo histórico de identificação de uma tradição ancestral. Contudo, a existência de uma mitologia germânica ajuda a entender determinadas características perceptíveis na cultura alemã. Na realidade, o que se conhece por mitologia germânica trata-se muito mais de uma referência à mitologia nórdica (escandinava) que, ao basear-se por registros da Idade Média, recebeu contribuições diretas da mitologia céltica.

Para efeito de ilustração, bastaria citar algumas das principais referências mitológicas que fizeram ou fazem parte do imaginário alemão e que, em diferentes momentos da história, foram evocados como formas de justificar atitudes ou de motivá-las em momentos em que a presumida grandeza e força germânicas foram necessárias para lidar com situações adversas.

Semelhante à mitologia grega, porém contando com um panteão mais reduzido, a mitologia nórdica é rica em passagens que ilustram desde a origem do mundo até as relações conflituosas entre suas divindades²⁰. A mitologia nórdica, de algum modo, reforçava uma origem ou genealogia comum dos povos germânicos e as crenças pagãs cultivadas por eles. Os escandinavos, oriundos da Europa setentrional, receberam influências diversas através do contato com outros povos, a exemplo dos celtas – mencionados anteriormente – e dos próprios romanos. A partir da idade média, alguns dos atributos destes personagens passaram a ser personificados em líderes de tribos germânicas que se destacavam em combates contra o Império Romano e cujas personalidades transmitiam em grande parte os as alegorias que constituem a mitologia germânica.

A vitória de Arminius (*Hermann*), o querusco, contra o exército romano em Teutoburgo, chegou a ser considerada o início da história alemã por nacionalistas alemães do século XIX. Foi tomado com evidente exemplo de energia em favor da libertação dos povos germânicos ante o poder romano, embora pouco ou nenhuma relação histórica direta se possa estabelecer entre estes povos medievais e os alemães modernos. Na realidade, tratava-se mais de um esforço por identificar um fato histórico relevante para marcar a trajetória do povo alemão – que apenas muito mais tarde compartilharia a idéia de uma nação –, consolidada no próprio século XIX. Antes dele, alguns dos primeiros líderes germânicos foram: Odoacro (*Odoakar*), rei dos hérulos, das florestas do Danúbio e considerado o primeiro imperador bárbaro, ao depor *Romulus Augustus* em 476 d.C.²¹ e Teodorico (*Dietrich*), rei dos ostrogodos, que usurpou o trono de Odoacro, assassinando-o em 493 d.C.

No entanto, a figura histórica de maior expressão no que se poderia chamar de ‘pré-história alemã’, de longe, foi Carlos Magno, rei franco que tornou-se imperador romano germânico no ano 800. Sua imagem de grande líder político da Europa medieval, que teria promovido o “renascimento carolíngio” esteve, freqüentemente, associada às origens de duas grandes nações européias: França e

20 Destaco o *Asgard*, correspondente do Olimpo grego, o *Valhala*, lugar que se assemelha a um paraíso para onde os guerreiros abatidos em combates seriam conduzidos pelas *Valküren* (Valquírias), e o *Nifelheim*, mundo inferior que não estaria muito distante do Hades grego ou o inferno cristão. *Asgard* abrigava o deus soberano *Wotan* ou *Odin*, *Freya*, sua esposa, assim como *Loki* (ora citado como filho, ora citado como irmão perverso de *Wotan*), antítese do heróico *Donner* ou *Thor*, deus do trovão. Cf. livro de Owen Ranieri Mussolin, *Dicionário da Mitologia Nórdica*. São Paulo: Ed. Enigmística Moderna. s/d.

21 Ver p. 4 deste capítulo.

Alemanha. No entanto, a concretização deste fato somente dar-se-á com a divisão do Império Romano entre seus três netos, conforme citado anteriormente. Carlos Magno é a figura histórica de maior expressão da Idade Média européia e o fato de ser franco, povo germânico que destacou-se dentre os denominados povos bárbaros, confere-lhe algo de divino, na medida em que impôs seu domínio não só pelas armas, como pela ciência e cultura, cultivados como valores essenciais ao império carolíngio. Outro dado parece revelar a grandiosidade de Carlos Magno e sua presumida ascendência sobre a civilização romana: sua coroação pelas mãos do próprio papa Leão XIII em Roma. Em que pese à simbologia de ser um franco coroado imperador romano, aceito, assim, como um dos líderes do maior e mais duradouro império que se tem conhecimento na história da Europa, o reconhecimento de um líder germânico de tal importância marcou efetivamente a história do ocidente.

Por último, citaria a figura emblemática, quase etérea, de Frederico I, Barba-Roxa, misto de imperador e herói. Sua viagem ao oriente próximo – durante a Terceira Cruzada contra Saladino e durante a qual teria morrido afogado, em 10 de junho 1190, na Cilícia (atual Armênia) – o tornou um mito entre os alemães. Em vez de morto, estaria adormecido em uma montanha, Kyffhäuser, aguardando o momento de retornar em auxílio da Alemanha, crença em uma redenção heróica que lembra bastante o sebastianismo português. Porém, não só o mito colaborou para a construção de tal imagem associada a Frederico I, o Grande. Sua atuação como imperador e rei foi durante longo tempo admirada pela capacidade de realizar conquistas militares nas quais investia grande parte de seus esforços.

O culto à memória destes personagens históricos ganhou força, sobretudo, no discurso dos grupos nacionalistas, que nos século XIX buscavam, através de referências como estas, fundamentar e inflamar os movimentos de unificação da Alemanha. A dificuldade de verificar uma continuidade histórica, a exemplo do que ocorrera com a França durante séculos até a Revolução Francesa, na história da Alemanha, de certo modo justificava o apelo a nomes e eventos que de algum modo exaltassem atributos superiores dos alemães. A tentativa, portanto, muito tem de construção simbólica, na medida em que as dissensões intestinas que sempre existiram entre os territórios germânicos dificultaram enormemente o florescimento de um sentimento nacional alemão, fosse antes da criação do Sacro Império Romano até a consolidação da Confederação Germânica.

Para se tentar entender o papel de mitos como os que foram citados aqui e, como sua evocação, já na modernidade no século XIX, como exemplos motivadores para a unificação alemã, remete a reflexões propostas por Elias (1997). O sociólogo alemão ressalta que os estados e territórios que compunham o império e, mais tarde a confederação, ao parecerem desagregados e, de certo modo o eram, freqüentemente “convidavam” forças européias a os invadirem e torná-los palco de batalhas devastadoras. A fragilidade não era, senão, a principal característica desta região, com exceção dos períodos em que líderes como Carlos Magno e Frederico I, O Grande, dentre outros heróis germânicos, foram capazes de manter a estabilidade das fronteiras e conquistar outras tantas em direção, sobretudo, ao leste europeu. O *habitus* nacional alemão, no sentido em que Elias o utiliza, sustenta-se em grande medida na capacidade bélica para enfrentar e solucionar questões decisivas para a consolidação da nação alemã. Não esqueçamos a estratégia prussiana, desde antes do surgimento de Bismarck como líder do processo de unificação, de, por meio de guerras contra adversários distintos (próximos e distantes) colocar a futura Alemanha no cenário político-militar europeu, condição sem a qual a economia também não seria capaz de prosperar.

O passado mais recente, ou menos remoto, do povo alemão – do século XVII ao XIX –, na realidade, não remete a glórias, mas ao contrário, a submissão e desagregação de seus territórios por intervenções de estados mais fortes e organizados. O período de glória a que se poderia referir mais recentemente seria o que correspondeu à Unificação e conseqüente fundação do *II Reich* alemão, em 1871, até que ocorresse a “derrota inesperada”, para usar o termo de Elias, na primeira Guerra Mundial, em 1918. Portanto, um curto período, que nem de longe se compara ao que ocorreu com outras potências européias, como França e Inglaterra, pro exemplo. A idéia da “nação tardia” parece repousar na frustração por não ter-se constituído nação mais prematuramente e, ao mesmo tempo, embota uma tradição algo difusa de um povo que muito tempo levou para reconhecer-se como tal, como um. Elias vai além ao identificar na sociedade alemã a valorização da força, que em última instância permitira a unificação e a mudança de papel da Alemanha no continente europeu, em oposição à fraqueza, que se verificara, essencialmente, durante a era napoleônica.

Seyferth (1982) lembra que a questão do nacionalismo alemão, continuamente oscilando entre a unidade e a fragmentação entre os estados que

viriam a formar a nação unificada em 1871, encontra no romantismo alemão traços de uma “busca de valores na comunidade *folk* medieval”, num “passado legendário do Sacro Império Romano Germânico”²². Autores românticos como Herder, Schelling e Fichte, Novalis, dentre outros, estiverem à frente do processo de disseminação do ideal de uma nação alemã; este ideal, contudo, se apresentava mais como projeção cultural do que propriamente um movimento de caráter político. No contexto histórico em que se desenvolveu o romantismo alemão no início do século XIX, quando a Europa continental encontrava-se sob domínio e influência de Napoleão, o sentimento de nacionalismo alemão se mostrava, crescentemente, entre os principais intelectuais do movimento, porém, não se deve esquecer, não refletia uma idéia de unidade nacional ainda, mas um estímulo a união de forças para livrarem-se, os estados germânicos, do jugo francês.

Portanto, na impossibilidade de evocar uma história alemã que em tudo mostrava-se fracionada, a idéia da “história cultural”²³ alemã parece um conceito interessante para pensarmos a tensão existente na nação alemã como unidade política e a gama de pequenas culturas próprias de cada estado germânico, sem que esse dado, ainda que relevante para a afirmação de suas próprias identidades, impedisse a existência da noção de proximidade cultural mais ampla. Politicamente, até 1871, os estados alemães mostravam ânimo quanto as suas posições no cenário maior do Sacro Império, no entanto, o *Deutschtum* (germanidade), entendido aqui através do compartilhamento de tradições, semelhanças lingüísticas (a despeito da significativa variação dialetal observada entre eles) e, a partir do século XVI, a influência da religião luterana, evidenciou-se como um potencial fator amalgamador destes estados. A capacidade da Prússia de conduzir o processo de unificação pela via militar não seria, possivelmente, suficiente para consolidar a Alemanha, sem que houvesse o mínimo de convergência, fosse do ponto de vista político, fosse do ponto de vista cultural. Exaltar a grandeza alemã necessitava, pois, de referências

22 Seyferth (1982:19). O que Giralda Seyferth demonstra em seu texto é que a idéia de nação alemã, por mais que estivesse presente no discurso de líderes intelectuais como aqueles citados, não pressupunha, necessariamente, a intenção de fazer parte de um Estado alemão. Não eram prussianos os principais líderes do movimento romântico, mas reconheciam o papel da Prússia como líder do processo de libertação do poder francês, esta sim, mais tarde e pela via da instigação “nacional”, pela via do belicismo, realizou a tarefa de unificar os territórios alemães em um Estado alemão.

23 Inspiro-me na referência que faz Elias a Eberhard Gothein, amigo de Weber, que propunha a distinção entre história política e história cultural, para o entendimento de um Estado e seu povo. Em Elias (1997: 124).

históricas que o seu povo, unido político e culturalmente, consideradas reveladoras de uma herança épica. Os mitos, os heróis e os grandes líderes germânicos ofereciam esses elementos. Schulze (1998) retrata que tipo de panorama se instaurara na Alemanha pós-1871:

“[...] the new nation of Great Prussia or Small Germany had nothing whatever to do with the transnational character of the former Holy Roman Empire of the German Nation. But the consciousness of those who supported the idea of nationhood, mainly the liberal bourgeoisie, had been shaped for generations by romantic utopian images and myths, in which a supposedly glorious medieval German past would be resurrected in a new empire”. (SCHULZE, 1998, p. 156).

A noção de *Kultur*, entretanto, não corresponde a uma cultura alemã ampla e compartilhada por todos os segmentos da sociedade, pelo contrário, refletia a forma como as classes dominantes se pensavam em relação ao mundo; opunha-se também a *Zivilisation*, própria, segundo Elias, do mundo das cortes e príncipes que estiveram durante séculos representados nos territórios alemães. A *Kultur*, sob esta perspectiva, não se trata de algo amplo, mas implica na manipulação de valores ligados às classes dominantes e caracterizados por ideais humanistas que se deveriam difundir para outras classes sociais. A evidente “essência” prussiana, conservadora e militarista, marcou a Alemanha e sua sociedade, promovendo, de certo modo, a continuação de um *ethos* autocrático que se revelava não só no estado prussiano, mas também em outros territórios germânicos. Falar de cultura alemã, sem tomar em conta suas idiossincrasias mais profundas, a formação mesma do Estado alemão – de muitos em um só e o imaginável potencial de conflitos e esforços envolvidos em sua estabilização interna, colocar-nos-ia diante de um quadro enviesado e incompleto.

3. Um pouco mais de história: a Alemanha de ontem, a Alemanha de hoje.

Vimos, até aqui, parte considerável da história alemã, porém a delimitação a que me propus no primeiro capítulo foi propositada, e a justifico aqui, quando retomo a breve digressão desde a Unificação Alemã em 1871, seus desdobramentos até a eclosão da Primeira Guerra Mundial e, ato contínuo, segue até a Segunda Guerra e suas conseqüências para a Alemanha atual. Lembro que não há pretensão de minha

parte em relatar os dados históricos em sua integridade, mas, a exemplo do primeiro capítulo, destacar aqueles que permitam compreender os contextos em que se desenvolveu a Alemanha e suas principais implicações na cultura e na conformação do *Deutschum*.

O evento da unificação alemã, como já foi visto, consistiu em um processo de sucessivos movimentos políticos da Prússia, na figura de Bismarck, com o intuito de fundar o Estado alemão, excluindo a Áustria da esfera de poder alemã, por meio do fortalecimento militar como estratégia de conquista de espaço político no cenário europeu. A seqüência de acontecimentos que culminou com a unificação alemã favoreceu às pretensões prussianas, sobretudo se considerarmos que nem à França, Inglaterra ou Rússia, e tampouco aos países e territórios próximos à Alemanha, interessava o surgimento de estado forte na Europa central. A impossibilidade de intervenções de ingleses e russos tornou menos complexa a tarefa bismarckiana.

O novo estado europeu experimentava tempos de acelerado desenvolvimento: a indústria crescia em diversas regiões, uma burguesia tanto florescente quanto perdulária, promovia a circulação de riquezas rapidamente. A economia estimulava o empreendedorismo, em grande parte movida pelas reparações de guerra impostas à França e, evidentemente, pelo imperativo de desenvolver a rede ferroviária e a indústria nacional quão rápido tanto possível fosse²⁴. Mas as diferenças entre o ritmo acelerado do processo de industrialização e as antigas estruturas agrárias, especialmente do leste do país e, a imobilidade de setores médios da sociedade, apontava para atribulações posteriores. Os trabalhadores das indústrias, formando um novo tipo de proletariado, organizavam-se em torno de associações que os representassem. É já neste período que se começa a organizar partidos políticos de inclinação socialista, muito embora o rigor bismarckiano não hesitasse em declarar “inimigos do império” aqueles que de algum

24 Igualmente importante o fato de a Alemanha entrar somente muito tarde na corrida imperialista, quando Inglaterra, França e Rússia já haviam conquistados vastos territórios, garantindo matérias-primas, mercados e bases estratégicas em inúmeros pontos do globo. A despeito da imensa desvantagem, os alemães chegam à África e ilhas do oceano Pacífico, não obstante enfrentasse sérios obstáculos para se estabelecerem nestas regiões e tirar real proveito de sua condição de colonizadores.

modo não se adequassem ao modelo de exercício de poder prussiano que se impusera na Alemanha²⁵.

Curiosamente, após a unificação, o *Eisener Kanzler* (chanceler de ferro), ao contrário do que adotara como estratégia para alcançar o objetivo da unificação, propunha uma política exterior que procurava abrandar as suspeitas de que a Alemanha demandaria novos territórios a leste. A atuação do chanceler prussiano em 1878, no Congresso de Berlim, favoreceu a estabilização do quadro nos Bálcãs, região que cumpriria papel decisivo no futuro próximo da geopolítica europeia. Bismarck não ignorava o perigo de duas potências como a França e Rússia unirem forças contra a jovem nação alemã, na tentativa de, no caso da primeira, exorcizar seus ressentimentos pela derrota e humilhação resultantes da guerra franco-prussiana de 1870, e a segunda, para garantir seus interesses no leste europeu sem que um conflito contra a Áustria trouxesse, por força da aliança assinada em 1879, a Alemanha para um conflito militar. A medida que lhe pareceu mais indicada foi, assim, promover a alianças entre os Três Imperadores (Alemanha, Áustria-Hungria e Rússia) em 1882, isolando a França e sinalizando à Europa que a Alemanha, após os lances orquestrados por Bismarck e fundamentados na força, encontrava-se pacificada e imbuída na tarefa de construção de sua própria história como nação.

A política que se seguiu com Guilherme II, após a morte de Guilherme I em 1888 e o prematuro mandato de Frederico III, também morto no mesmo ano, indicava com bastante clareza, o papel que exerceria a Alemanha nas décadas seguintes. O primeiro dado a mencionar, salientando para a ironia que nele está contida, foi o afastamento de Bismarck da chancelaria alemã em 1890. As dificuldades de diálogo entre o conservador chanceler e o *Kaiser* Guilherme II – sobretudo na manutenção do frágil equilíbrio de forças que Bismarck tencionava manter na Europa através de sua política de tratados e alianças – implicaram no afastamento entre ambos e culminaram na demissão do primeiro. Ao jovem imperador, de espírito romântico e idealista²⁶, parecia faltar a habilidade política

25 A mão do chanceler era dura e pesada, mas não o suficiente para tornar inviáveis as relações entre o poder do Reich e setores populares: a Alemanha foi a primeira nação a instituir, na década de 1880, um fundo de proteção contra doenças e acidentes, além de seguro de velhice e invalidez, tornando-se modelo para toda Europa, ao mesmo tempo, em que abrandava as crescentes manifestações socialistas. A este respeito, ver Zierer (1978: 96).

26 Declarações em discursos tais como: “*Todo o Universo deve beneficiar-se do Ser alemão!*”, ou ainda, “*Nós somos o sal da terra!*”, além das demonstrações de que o *Reich* investia pesadamente, não apenas em sua industrialização, mas na fabricação e aprimoramento de armamentos, deixavam

indispensável a um grande líder, o que desagradava, a um só tempo, aliados e adversários. Demonstrou sua inépcia ao lidar com as constantes inquietações sociais no *Reich*, que já ocorriam antes de sua entronização, por meio das quais trabalhadores buscavam organizar-se e exigir seus direitos. Suas medidas a respeito variavam da intolerância à ameaça, surtindo efeito negativo, na medida em que somente fortaleceu a organização política socialista e sua representatividade no parlamento alemão.

O cenário que se criara na Europa por volta do início da segunda década do século XX desfavorecia enormemente a Alemanha, cercada por seus adversários, que aguardavam o momento em que o estopim seria aceso e as tensões existentes desde fins do século XIX, desenrolar-se-iam em um conflito armado. Apesar de todo o esforço feito por Guilherme II, visando ao incremento da *Reichswehr* (Forças Armadas Imperiais), era evidente que a Alemanha não contava com poderio suficiente e, menos ainda, com aliados capazes de auxiliá-la em um esforço de guerra contínuo contra os Aliados. Apesar de um início relativamente favorável, a guerra em duas frentes, oeste e leste, fora impossível de sustentar, mesmo com a saída da Rússia revolucionária do teatro de guerra. As conseqüências foram desastrosas para o *II Reich* alemão, pela assinatura do Tratado de Versalhes, assinado em 1918, imputou-se toda a responsabilidade aos alemães e a “dívida de guerra” levou o império alemão derrotado ao caos político e econômico. A 19 de janeiro de 1919 foi fundada a República de Weimar, que duraria por dramáticos catorze anos.

Os turbulentos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial criaram condições para que diversas ideologias políticas se manifestassem de segmentos socialistas a conservadores, passando por radicais nacionalistas e grupos de militares, e uma massa de desempregados que aderiria a um ou outro movimento. Estes últimos, por sua vez, apoiavam um dos inúmeros partidos que surgiram com o advento da Alemanha republicana. A precarização da vida dos cidadãos alemães,

transparecer aos outros estados europeus que o risco de conflito era real. A reação a essa postura veio com a celebração de alianças preventivas, envolvendo Inglaterra, França e Rússia contra uma possível agressão alemã na primeira década do século XX.

somada à relativa fragilidade do governo, incapaz de apaziguar as diversas correntes existentes, ofereceu a oportunidade para que grupos radicais, como os Nacional-socialistas ganhassem espaço (por meio da adesão de outros grupos de oposição) e obtivessem representatividade no parlamento alemão. Tornaram-se, assim, em pouco tempo, “necessários” à manutenção da governabilidade na Alemanha, representada à época, década de 1930, pelo presidente marechal de campo Paul Von Hindenburg, representante da elite militar prussiana.

A liderança que se destacara no cenário turbulento da Alemanha pós-guerra tinha um nome que mudaria os rumos da história: Adolf Hitler. Austríaco, de origem humilde, lutara no exército alemão na Primeira Guerra Mundial de onde voltara ferido e cultivava idéias radicais em relação aos comunistas e judeus, cuja perseguição, mais tarde, tornar-se-ia seu mote para a defesa dos direitos nacionais do povo alemão. Essa personagem, após uma tentativa frustrada de golpe em 1923 em Munique, fora preso, período durante o qual escreveu seu livro *Mein Kampf* (Minha Luta) e registrou, entre outras coisas, suas impressões sobre o que deveria ser feito para que a Alemanha retomasse “seu lugar de merecimento” no cenário mundial. Após a morte de Hindenburg em 1934, o chanceler austríaco, eleito um ano antes, assumia o poder da Alemanha e iniciava, através de uma série de atos ilegais, o combate a seus adversários internos com o rigor semelhante ao que logo reservaria aos antagonistas no âmbito da política externa.

A política ditatorial e de extremo controle resultante da chegada do *NSDAP* (*Nationalsozialistischen Deutschen Arbeiterpartei*)²⁷ ao poder, inaugurou na Alemanha uma era de contraditórios sentimentos: de um lado, segmentos conservadores, liberais, intelectuais sofriam com restrições e perseguições, de outro, as camadas médias e populares pareciam aderir sem maiores problemas às atitudes dos nazistas. De fato, a economia alemã retomara fôlego, especialmente após a adesão do empresariado industrial e financeiro alemão ao governo do *III Reich*. No entanto, é preciso lembrar que Hitler correspondia a um líder inimaginável para a Alemanha até pouco tempo antes de sua chegada ao poder, o que aumenta a complexidade de uma análise sobre sua trajetória.

Não há como deixar de ressaltar que Hitler, além de diferir radicalmente, tanto do modelo de líder aristocrático que se estabelecera após a unificação, com os

27 Sigla correspondente ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, em alemão.

Hohenzollern, da mesma forma representava a descontinuidade em relação ao modelo republicano instaurado a partir de 1919. No entanto, no discurso de Hitler se identificava algo que fora reivindicado pelos nacionalistas alemães do final do século XIX: o mito da superioridade ariana, a referência aos grandes heróis germânicos e a idéia do pangermanismo²⁸. A construção de um discurso revanchista, do ponto de vista político-militar, por parte do nazismo, lançava mão de recursos que imprimiam ao imaginário popular conceitos de natureza racista, reforçando o mito de que à Alemanha estaria reservado um destino glorioso. As justificativas, inclusive para a agressão a países como a Polônia, União Soviética, Tchecoslováquia e à própria invasão da Áustria, tinham fundamentação essencialmente racista. Raças consideradas inferiores, como os eslavos, deviam ser submetidas aos arianos e, o *Anschluss* (anexação) da Áustria, de população germânica, porém, na visão de Hitler, “contaminada” por sangue eslavo e de outros povos, teve como pretexto, inclusive, a germanização ampla deste país. A reintegração dos Sudetos e áreas da Pomerânia polonesa foram exemplos de que Hitler orientava sua postura como chefe de estado valendo-se de discursos que preexistiam anteriormente à Unificação Alemã, mas que, colocados a serviço do nazismo, ganharam contornos dramáticos.

O que se seguiu, com a deflagração do conflito mundial, foi uma tentativa de impor ao mundo o ideário nazista, que se confundia com a própria Alemanha na medida em que no *III Reich*, sob controle absoluto, nada de diferente se podia associar à nação e a seu povo. O fracasso militar deixou a Alemanha em meio a escombros, materiais e morais, e se nos primeiros anos de guerra a Alemanha nazista parecera invencível, conquistando sucessivas vitórias, a realidade de nova guerra, contra numerosos adversários, em duas frentes de batalha, a fez sucumbir. Mais ainda seria trazido à luz quando da efetiva descoberta sobre a ocorrência do holocausto, que sem dúvida, se poderia classificar como o ápice da barbárie nazista durante os doze anos de poder hitlerista.

A ocupação e a reconstrução alemã pelas potências vencedoras fizeram surgir uma Alemanha pacificada, através de sua reorganização territorial e, em seguida, sua divisão em duas. Há décadas, a Alemanha reconquistou seu papel de proeminente potência européia, mas atualmente, a economia se apresenta como

28 Dentre as principais influências de Hitler, em sua confusa e atribulada trajetória de vida, estavam Gobineau e Chamberlain, racistas históricos e defensores da pureza e superioridade da raça teutônica.

principal força. A Alemanha do pós-guerra é também a Alemanha dos imigrantes: turcos, ganeses, sérvios, croatas, iranianos, gregos, dentre outros, que fazem parte da moderna sociedade alemã. Os alemães, tradicionais emigrantes no século XIX, vivem, hoje, a realidade da diversidade cultural em seu próprio território. Contudo, a tarefa de compreendê-la, moderna e bem-sucedida, passa, certamente pelo entendimento de sua (pré) história, esforço por mim envidado neste capítulo.

Parte II – HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NA BAHIA.

1. Colônias alemãs no estado da Bahia: tentativas e malogros.

A atração de estrangeiros para o Brasil em regime de imigração foi conseqüência da vinda da família real portuguesa para esta colônia, à época das guerras napoleônicas. D. João VI promoveu a abertura dos portos do Brasil com o intuito de impulsionar o comércio marítimo da colônia com outras nações. A ratificação do Tratado de Imigração, em maio de 1818 pelo rei D. João VI, previa o assentamento de suíços em Nova Friburgo²⁹, como parte de uma política de incentivo de povoamento e “civilização” do Brasil. O modelo inicial de imigração para o Brasil dependia da autorização do governo, partisse a iniciativa do próprio poder real ou imperial, partisse de empresários que demonstravam interesse em promover a criação de colônias de imigrantes com fins eminentemente comerciais. O aliciamento de estrangeiros, normalmente, era realizado por indivíduos que possuíam boas relações e prestígio perante a casa imperial, sendo, em sua maioria, estrangeiros. O naturalista, médico e major do corpo de guarda do Imperador, Georg Anton von Schäffer³⁰ foi, provavelmente, o mais conhecido deles.

A partir de 1818, com a fundação da colônia Leopoldina no extremo sul da Bahia, uma história distinta e particular começava a ser contada neste estado: os primeiros contingentes de alemães eram estabelecidos em território brasileiro, caracterizando os esforços ainda tímidos do então governo real para atrair imigrantes europeus para o país³¹. A literatura disponível sobre o tema dá conta de que o empreendimento de atrair imigrantes alemães (também suíços e outras etnias européias) para o estado da Bahia, além de refletir os primeiros resultados da

29 A colônia suíça de Nova Friburgo (RJ), assim como a colônia Leopoldina (BA) - também instalada em 1818 - é considerada uma das primeiras tentativas de fixação de imigrantes europeus no Brasil. Ambas passaram por sérios problemas para subsistir, a colônia suíça, apesar do elevado número de óbitos ocorridos durante a viagem ao Brasil e após a chegada dos colonos, ainda foi continuada em 1824 com o envio de alemães, na forma de reforço, para aquele empreendimento.

30 O oficial em questão estabeleceu relacionamento de confiança com a corte e, mesmo após o retorno da família real a Portugal, beneficiou-se da simpatia que obtivera do jovem príncipe regente e depois Imperador, D. Pedro I. Ao final da década de 1820, por razões pouco evidentes, perdeu o prestígio e deixou o posto no Exército Imperial.

31 Cf. Oberacker Jr., Karl Heinz. *Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation*. 3. ed. – São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1978.

abertura dos portos promovida por D. João VI no início do século XIX, tornou-se viável também a partir do matrimônio do príncipe D. Pedro I com arquiduquesa austríaca D. Leopoldina. A então futura imperatriz do Brasil emprestou seu prestígio aos principais entusiastas da idéia, alemães que já haviam estado no Brasil desde antes de sua chegada.

No entanto os assentamentos aqui referidos, na análise de autores como Roche (1969), Fouquet (1964), Schneider (1974), Seyferth (1999; 2002)³², não caracterizariam genuína colonização alemã, uma vez que ocorreram em sesmarias concedidas a empresários alemães, suíços e brasileiros³³. Não tinham o caráter de povoamento nos moldes verificados no Sul brasileiro e neles contava-se majoritariamente com mão-de-obra escrava para sua manutenção e desenvolvimento, sustentando as unidades produtivas que se organizaram neste modelo colonial. Estas iniciativas malograram em sua quase totalidade, as condições precárias em que se deram os assentamentos, condenaram os empreendimentos e, conseqüentemente, muitos dos imigrantes que deles fizeram parte. As iniciativas, vale recordar, malograram, não sendo possível verificar mais do que traços destes empreendimentos no interior do estado da Bahia.

A primeira colônia, Leopoldina, assim denominada em homenagem à futura Imperatriz, foi estabelecida às margens do rio Peruípe, no extremo sul da Bahia; seus fundadores foram, segundo registros de Frederico Edelweiss, publicado em 1970, o cônsul de Hamburgo na Bahia, Pedro Peycke, os naturalistas Freyreiss e Morhardt, de Frankfurt-am-Main e os suíços Abraão Langhans e David Pasche. Os números divulgados por Tölsner, em 1858, informam que atividade agrícola principal era cultura do café com uma produção estimada em 100.000 arrobas/ano, maior parte da qual exportada, lembrando que esta funcionou em um modelo de empresa, dividida em fazendas e contando com mão-de-obra escrava. Além disto, a preocupação em povoá-la com imigrantes pareceu ser algo secundário tendo em

32 Sobre a imigração alemã na Bahia, Seyferth refere-se às iniciativas como “fracassos dos empreendimentos da Bahia”, nos quais “não existia a premissa do povoamento e supunha-se a convivência possível da pequena e da grande propriedade”. Cf. *Colonização e Política Imigratória no Brasil Imperial*. In: SALES, Teresa; SALLES, Maria do Rosário R. (Orgs.). *Políticas Migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior*. São Carlos: FAPESP; EdUFSCAR; Ed. Sumaré, 2002. p. 79-110.

33 A colônia Leopoldina, composta por imigrantes suíços e alemães, possuía modelo distinto da primeira e malogrou em menos tempo, com a dispersão dos colonos e utilização ampla, desde o início, de mão-de-obra escrava.

vista as precárias condições oferecidas por ocasião do assentamento dos imigrantes e de sobrevivência após a formação do núcleo. Os dados disponíveis pouco informam sobre os primeiros anos desta colônia, o que parece justificar a relativa pouca atenção de pesquisadores da imigração alemã no Brasil no que diz respeito a estas iniciativas. De todo modo, não está claro, apesar do evidente malogro, o período de existência desta colônia³⁴.

No mesmo ano de 1818, outra colônia foi implantada por Weyll e Saueracker, à margem esquerda do rio Cachoeira, entre Ilhéus e Itabuna, contando com 28 famílias (totalizando 161 indivíduos). Aparentemente sofrendo de males semelhantes àqueles verificados na colônia Leopoldina, a denominada São Jorge dos Ilhéus, teve seu destino selado por uma série de contratempos: ausência de estrutura adequada para a instalação dos colonos, epidemias, fome e a incapacidade dos empresários e do governo provincial de auxiliar devidamente na solução dos problemas, resultaram em óbitos da maioria dos indivíduos e dispersão. A visita do príncipe Maximiliano da Áustria, em 1860, nos dá uma idéia aproximada do que se tornara esta colônia e seus colonos, cujos “[...] meninos magros, de cara pálida e descolorida, olhos azuis de miosótis, cabelos amarelo-pálido, arrepiados” e, ao tentar se comunicar com eles, Maximiliano não conseguiu evitar o “sentimento de indignação” ao percebê-los “totalmente brasileiros”, já que não falavam a língua dos pais, motivo ao qual atribuiu a melancolia destes últimos e a “secreta dor” que todos os imigrantes alemães pareciam carregar. E, foi mais além, ao concluir, à época, que “[...] não é de se admirar que nunca adquiram uma posição independente, em vez de dominarem, encontram-se numa espécie de coisa intermediária, entre escravos e homens livres”³⁵.

Não muito distante da colônia Leopoldina, estabeleceu-se por volta de 1822 a colônia *Frankental*, em terras de Georg Anton von Schäffer, que as adquirira com a intenção de fixar-se como colonizador. A administração ficou a cargo de um amigo,

34 Em registros de Hermann Neeser (1858), traduzindo capítulo I da dissertação do Dr. Carl August Tölsner (1851) – médico que atuou por 20 anos nesta colônia –, dão conta de que até a metade do século XIX “havia 40 fazendas, 200 brancos (maioria de suíços, alemães e alguns franceses e brasileiros) e 2.000 pretos. Cultivavam café para exportação inclusive, e algodão, fumo, milho, mandioca, banana, laranja, cana-de-açúcar, em menor escala”. Em relatório datado de 20 de abril 1888 o Dr. Dionizio Gonçalves Martins, “Inspector Especial de Terras Públicas e Colonização”, informa: “[...] povoada por suíços e alemães, activos e econômicos [...] acha-se hoje em decadência, dando-se repetidos casos de mudança de residência [...]”.

35 Ver Maximiliano apud Augel (1981:13).

Philippe Hennig, alemão de Wertheim. Apenas 20 indivíduos viviam nesta colônia em 1824. Após o afastamento de Schäffer da corte, em 1828, o oficial francônio teria ido viver seus últimos dias em *Frankental*.

Em 1859, em razão da criação da Imperial Companhia Metalúrgica do Ouro, destinada a explorar a mina de Açuruá – entre os rios Verde e São Francisco –, foram trazidas 50 famílias, segundo Overbeck (1923), em um total aproximado de 150 indivíduos. Para chegar ao seu destino, segundo, Fouquet (1974), percorreram grande parte da distância (cerca de 500 km) desde São Félix, caminhando. A seca e as altercações ocorridas entre os imigrantes e a direção da companhia contribuíram para o rápido insucesso de mais esta iniciativa. Eram estes alemães provenientes de Klausthal e Zellerfeld, norte da atual Alemanha e não permaneceram por mais de dois anos na localidade onde se deu esta tentativa de assentamento; ali passou a existir, posteriormente, a vila que recebeu o nome de Gentio do Ouro, hoje município baiano.

As iniciativas de implantação de colônias alemãs na província da Bahia estiveram suspensas por quase duas décadas, até que Policarpo Lopes Leão e Egas Moniz de Aragão celebraram contrato com o governo imperial em 1872 para promover a vinda de cerca de 10.000 imigrantes da Europa setentrional para as províncias da Bahia e do Maranhão num período de 6 anos. Surgiam assim duas colônias, Muniz e Teodoro, além de outros dois núcleos de menor dimensão, Núcleo Colonial Carolina e Núcleo Colonial do Poço. A região em que se estabeleceram estes assentamentos foi a do rio Una, em Comandatuba, repetindo as experiências das colônias pioneiras. Desembarcaram, em 1873, aproximadamente 1800 indivíduos, oriundos de regiões da Alemanha recém-unificada, entretanto, neste total havia, tão somente, 150 indivíduos cujos nomes eram considerados de “alemães puros”, na expressão utilizada por Overbeck (1923). A maioria provinha da Prússia oriental e pertencia à etnia polonesa, o que demandou, além do serviço de intérprete em língua alemã, outro para os colonos que falavam a língua polonesa. As dissensões ocorridas entre colonos (católicos e protestantes) criaram situações tão agudas, que forças policiais precisaram ser enviadas para apaziguar a região. A precariedade de condições infra-estruturais para receber os imigrantes, mais uma vez, inviabilizou a continuidade do empreendimento, doenças tropicais, escassez de

viveres e de melhores condições, solaparam as expectativas da maior leva de imigrantes europeus estabelecida de uma só vez na Bahia³⁶.

Haveria ainda mais uma tentativa de fixação de colonos germânicos no estado da Bahia, já no século XX, mais precisamente no ano de 1930. Desta vez, no entanto, os imigrantes trazidos, apesar de etnicamente alemães, faziam parte de uma população que migrara pra a região do rio Volga, na Rússia³⁷. Estes teuto-russos (23 famílias, em um total de 93 indivíduos), fugindo da fome e dos expurgos stalinistas, traziam consigo elementos culturais evidentemente alemães e como muitos deles não se mostraram dispostos ao processo de “russificação” em curso, foram perseguidos pelo regime soviético. O Brasil foi destino de muitos deles, sobretudo nos estados do sul, porém a Bahia os assentou na colônia de Itaracá, bacia do rio Una, ao sul de Ilhéus. Apesar da publicidade feita a respeito da implantação de mais essa colônia, registros indicam que enfermidades e inadaptação à precariedade do local escolhido implicaram na morte de numerosos colonos. Os que restaram, preferiram seguir para colônias no sul do Brasil, a exemplo do que ocorrera em outras tentativas feitas durante o século XIX. Sobre a colônia de Itaracá, dizia o jornal *A Tarde* de 1º de abril de 1930, a propósito da existência da Hospedaria de Imigrantes e das boas condições que este espaço tinha a oferecer aos eventuais hóspedes, localizada em Montserrat:

36 Carlos Fouquet (1974) menciona as iniciativas de implantação das colônias Muniz e Teodoro, ambas no ano de 1873, quando cerca de 2.000 colonos foram trazidos da Europa. Os números a seguir revelam as condições em que se deram as tentativas de colonização: 1.005 foram repatriados para a Alemanha, 738 haviam falecido e apenas 160 permaneceram no país. Alguns autores apontam também conflitos com índios da região como fator contribuinte para o malogro destes núcleos. Embora possível, não acessei qualquer documento que descrevesse tal situação. Overbeck (1923: 30) descreve que após 12 semanas de viagem, dentre os imigrantes que ali chegaram em condições de extrema penúria, já haviam falecido: 8 homens, 19 mulheres e 105 crianças em poucos meses.

37 A história dos teuto-russos inicia-se quando Catarina II, alemã, reinou sobre a Rússia na segunda metade do século XVIII. Ela incentivou a migração de camponeses germânicos para a região do rio Volga, processo que continuou até o início do século XIX, de onde foram forçados a emigrar, primeiro, no final do século XIX, pela determinação de serviço militar obrigatório e, mais tarde, durante o período pós-Revolução Russa e, finalmente após a Segunda Guerra Mundial. Marina Helena Silva (2007:52-53) informa ainda: “A denominação “teuto-russo” está relacionada à história desses imigrantes que, em 1763, se deslocaram da região sul da Alemanha, chamada Baden-Württemberg, em direção às planícies do rio Volga e da região da Volínea, na Rússia. Não se sabe ao certo as razões dessa imigração: se se tratou de uma proposta irrecusável de Katharina II, que era alemã, ou se foi motivada por perseguições religiosas que levaram os luteranos a saírem das terras onde nasceram em busca de um lugar onde pudessem proferir livremente a sua religião”.

Faltavam os imigrantes. Veem (ilegível) da melhor raça, compatriotas daquelles que, no dizer do Ministro Konder³⁸, fizeram a riqueza e a felicidade de Santa Catharina, o pequenino e modelar estado. [...] fogem às duras condições economicas e à intolerancia religiosa na Russia Sovietica. São elementos ethnicos de primeira ordem e sommam 93 pessôas, ao todo.³⁹

O excerto da matéria revela a persistência da crença na superioridade do elemento europeu para a tarefa da colonização. Expressões como “a melhor raça” e “elementos étnicos de primeira linha”, vinculando-os às iniciativas bem sucedidas de colonização no estado de Santa Catarina, não só replicam um discurso com tinturas racistas, como reforça a crença que os próprios imigrantes germânicos cultivavam ao chegarem ao Brasil, de que encontravam-se em posição de superioridade ao serem convocados a realizar o trabalho com o qual os nativos não se mostravam capazes de lidar. Enfim, parecendo transformar sua fixação no país em uma espécie de “missão civilizadora”⁴⁰.

Retomando a questão da Hospedaria de Imigrantes, necessário dizer que resultou dos esforços da Sociedade Bahiana de Imigração⁴¹, fundada em 1886 por cónsules, empresários – muitos deles estrangeiros – e outros cidadãos interessados pela matéria, que conscientes da proximidade da abolição da escravidão, criam no braço livre europeu como solução para a iminente falta de mão-de-obra. Antes,

38 Ministro de Estado dos Negócios de Viação e Obras Públicas do governo Washington Luís (1930), exercera antes os cargos de Presidente da Câmara Municipal de Blumenau e Secretário da Fazenda do Estado de Santa Catarina.

39 Reprodução de trecho do jornal A TARDE (01.04.1930), parte do Acervo do Consulado Alemão da Bahia, do Centro de Estudos Baianos (CEB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

40 Para maiores esclarecimentos sobre o tema, conferir Seyferth (1982:163).

41 A Comissão d'Estatutos era composta por: Dr. Leovigildo Filgueiras, Conselheiro Antonio Carneiro da Rocha e Dr. Eduardo Ramos. A direção da sociedade contava com, entre outros, elementos de origem germânica (alemã, austríaca, suíça) como: Comendador Adolpho Hasselmann, Franz Wagner, Fernando G. Dobbert. Na sessão inaugural, também é possível registrar a presença de indivíduos que faziam parte das colônias alemã e suíça de Salvador, a saber: August Westphall, Gustavo Laporte, Adolpho Kleinschmidt, Franz Wagner, Alexandre Coelho Messeder, Hermann Baske, Bernardo Lenz, Günter Mundt Bach, Gustavo Mullem, Camillo Borel, Gerhard Dannemann, Carlos Dutch Oldach, Otto Buhle, Carlos Kleinschmidt, E. Wiering Boldt, Von der Linden, Dr. Wucherer. Havia também cónsules europeus da Suíça, Suécia, Estados Unidos, Bélgica, Grécia, Itália, Áustria, Dinamarca, Holanda, Rússia e de países sul-americanos como Chile, Peru, Paraguai, Bolívia, Venezuela. Muitos brasileiros constam da lista de participantes das reuniões, além de outros nomes estrangeiros de indivíduos de diversas origens: franceses, italianos, norte-americanos, ingleses, espanhóis, por exemplo. *Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Presidência da Província (Polícia) (s/d) Maço 3106 -1. Lista dos Sócios da Sociedade Bahiana de Imigração: Salvador - APEB.*

porém, em documento de 1858, fixaram-se os estatutos da Associação Bahiana de Colonização, que tinha o papel de arbitrar sobre como se deveriam implantar colônias agrícolas na província da Bahia. Além dos estatutos, existe, no mesmo documento, um estudo sobre a colonização e, o que nos interessa mais aqui, sobre os imigrantes mais apropriados – a exemplo do que foi comentado sobre o aliciamento de teuto-russos em 1930 – para os empreendimentos na província, vejamos:

Para rotear as terras incultas é preciso grande força de braços e homens amoldados e acostumados a trabalhos duros, os quaes não s'encontrarão se não entre os camponezes allemães e suissos, privados em geral dos meios necessários para s'expatriarem, e verdadeiramente são eles camponezes, jornaleiros e pequenos proprietários os unicos e exclusivos pioneiros da colonisação, os quaes à força de trabalho conseguem pôr um terreno em estado de ser cultivado [...]⁴².

Sobre o perfil dos imigrantes alemães e suíços, apontados no estudo acima citado, vale notar as observações que refletiam o contexto político-econômico da Europa do século XIX:

Vejamos agora o que se passa na Allemanha e na Suissa, e se os phenomenos de emigração que aqui se manifestão são conformes às ideas enunciadas. Em geral não há nestes dois paizes grande dispozição d'emigração para o Brasil, sobretudo por falta de consaguinidade, e por consequencia de intelligencia do idioma Brasileiro: e se este desejo se encontra é mais particularmente na classe obreira tendo unicamente por fim melhorar a sua sorte. Ora esta classe obreira consiste principalmente em lavradores e homens d'officio, emprehendidos os camponezes possuidores de muito pequenas propriedades, mas à estes faltão os meios de se transportar à sua custa ao Brasil para ali comprar terras e fazer face às despesas do 1º anno [...]. Actualmente apparecem todos os dias offerecimentos dos habitantes do interior da Allemanha e da Suissa, que estão promptos a emigrar se lhe fizer o adiantamento das passagens sob a condição de reembolso pelo trabalho, mas rarissimos são os que podem transportar-se à sua custa ⁴³.

42 Informações obtidas em documento da Seção de Arquivo Colonial e Provincial, Presidência da Província (Agricultura Colônias e Colonos) (s/d) Maço 4603-1. Estatuto da Associação Bahiana de Imigração: Salvador - APEB.

43 Idem, ibidem.

O que se depreende destes assentamentos coloniais, não obstante se verifique a escassez de dados mais consistentes sobre eles, é que possivelmente sofreram da falta de experiência e organização dos empreendedores particulares, não obstante os governos imperial e provincial, de alguma forma, os acompanhassem através de órgãos criados para esse fim. As iniciativas pautavam-se, de certo modo, naquelas que ocorreram em outras regiões do país, mas se nestas houve problemas semelhantes, terminaram por ser contornados, ao menos o suficiente para garantir sua continuidade.

Evidentemente, não pretendo fazer uma análise pormenorizada das tentativas de colonização alemã no Brasil, cada caso merece atenção particular, mas um dos fatores a serem considerados é a diferença do modelo adotado na Bahia e nos estados do Sul, por exemplo: nestes últimos, a proposta de pequenas propriedades rurais e de povoamento através da concessão de lotes arrendados aos colonos, facilitou sua fixação, uma vez que se tornavam proprietários destes lotes ao cabo de anos de trabalho. Na Bahia, ao contrário, os empreendimentos baseavam-se na concessão de sesmarias a empresários, que mais buscavam “mão-de-obra qualificada” em contraste com à escrava, do que estavam imbuídos em promover o povoamento de áreas improdutivas. Se no primeiro caso o esforço dos colonos já era considerável, no segundo, a perspectiva de sucesso em meio a tantas agruras era quase inexistente⁴⁴.

A apreciação de Quelle (1933) sobre a imigração germânica na Bahia aponta características que, com já foi mencionado, distinguem as experiências acontecidas neste estado, em contraste com a Região Sul do país. Observemos o que pesquisador nos diz:

O resultado de uma história quasi secular da civilização no Estado da Bahia é, no que diz respeito a alemães, extremamente insignificante. Só em estabelecimentos espalhados se acham no sul da Bahia uns 100 alemães, em parte alemães-suíços. Não há nenhuma colônia

44 Sobre estas condições, o viajante Robert Avé-Lallemant, no prefácio de seu livro *Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (1859)*, registrava: “Volto-me formalmente para as autoridades do governo da nossa pátria alemã, suplicando-lhes, instantemente, se interessem com urgência pela sorte dos emigrantes alemães para o Brasil” e, acrescentava, “Enquanto, porém, houver especuladores particulares nesse Império, que quiserem aliciar emigrantes alemães para substituir sua escravatura moribunda, enquanto essa espécie de comércio de carne humana na Alemanha não for punida com as mais severas penas, muitos dos nossos simples e confiantes compatriotas serão seduzidos e vendidos para servir interesses particulares no Brasil [...]”. Avé-Lallemant (1980:12).

compacta de camponeses alemães. A parte preponderante da gente que fala alemão mora na cidade da Bahia, como em alguns portos maiores: Ilhéus, Cachoeira e S. Felix. (QUELLE, 1933, p.470).

O trecho acima citado transparece a dificuldade de contabilizar os alemães e seus descendentes na Bahia, devido a sua trajetória algo descontínua, e Quelle acrescenta:

Sobre o numero total da gente que fala alemão ou de origem alemã, no Estado da Bahia, não me são conhecidas cifras positivas; mesmo o último anuário estatístico não traz numeros. Não creio, porém, que o numero total dos alemães, alemães-austriacos, ou alemães-suíços, domiciliados no Estado, vá além de 600 ou 700. Só à Cidade da Bahia deverá caber mais de 50% desses. (Idem).

No trecho acima, o pesquisador complementa a informação, embora continue aparente em seu discurso que a colônia alemã de Salvador (Cidade da Bahia), ou o resultado da presença alemã no estado seria “extremamente insignificante”, menciona a inexistência de uma “massa compacta de camponeses” o que indica a adoção dos parâmetros das colônias meridionais brasileiras para utilização do termo colônia. De todo modo, Quelle é bastante preciso ao identificar as principais áreas de ocorrência da presença alemã na Bahia. Entretanto, mesmo tomando em conta a data em que o artigo foi redigido, a utilização de termos com “alemães-austriacos” e “alemães-suíços” termina sendo problemática e induzindo ao equívoco de reunir em categorias como estas, três etnias distintas àquela altura. Dá a entender que a língua seria o critério primordial de identificação, repetindo, de certa forma, o critério utilizado desde os primórdios da imigração alemã para o Brasil quando também os passaportes eram o suficiente para atribuir nacionalidade aos indivíduos que aqui aportavam. É evidente que cito dois critérios distintos de classificação: língua e nacionalidade, porém não creio que tenha sido a intenção de Quelle tomar uma etnia por outra, ou uma nacionalidade por outra; contudo, o que chamo à atenção, na realidade, é sobre a inadequação de se utilizar um único critério, seja ele lingüístico ou político, para identificar etnias.

2. O fumo no Recôncavo, o cacau e outros produtos regionais.

O estado da Bahia registrou ainda a instalação e o desenvolvimento, não em modelo colonial, mas fabril, de uma indústria que prosperou significativamente na

região do Recôncavo Baiano no século XIX: a indústria fumageira⁴⁵. A história desta indústria iniciou-se em 1842 quando o português Francisco José Cardoso instalou a fábrica Juventude, em São Félix. Empresas como a Dannemann e Suerdieck destacaram-se não apenas pela produção do fumo, bem como pela criação de importante rede comercial de exportação deste produto a partir de São Félix, Maragogipe, Cachoeira e Cruz das Almas.

Gerhard Dannemann, que chegou à Bahia no ano de 1872, foi um dos empresários que dominou esta atividade na Bahia, tornando-se, inclusive o primeiro Intendente da cidade de São Félix. A Companhia de Charutos Dannemann foi uma empresa de gestão familiar⁴⁶, criada a partir da aquisição da Schnarrenbruch, que chegou a empregar 4.000 funcionários no início do século XX⁴⁷, em 1922 fundiu-se com a Stender em função de dificuldades financeiras ocorridas após a primeira Guerra Mundial. Após a Segunda Guerra Mundial, a família não obteve êxito em mantê-la em atividade, quando, cerca de dez anos mais tarde, em 1976, o grupo suíço Burger Soehne adquiriu a licença para o uso da marca Dannemann, assim permanecendo até os dias atuais.

A Suerdieck, outra empresa produtora e exportadora de fumo, estabeleceu-se na Bahia em 1892, primeiro o comercializando e, em seguida, instalando a fábrica de charutos em Maragogipe (1895), inaugurando ainda, anos mais tarde, com a chegada de Gerhard Meyer em 1909, as filiais de Cruz das Almas (1935) e São Félix (1936). Atualmente, a fábrica de Cruz das Almas funciona com, aproximadamente, 500 funcionários⁴⁸ No entanto, a marca da empresa foi perenizada não apenas por

45 Segundo Marina Helena Chaves Silva (2007:40): “Em 1934, cerca de 70% da produção fumageira ainda era absorvida pelos alemães. Para se ter uma idéia da importância do fumo na economia baiana é oportuno mencionar que na década de 30 do último século a lavoura fumageira se estendeu pelo território baiano, chegando a atingir 101 municípios dos 152 existentes na época”. Citando dados do *Relatório sobre o fumo. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. Cxa. 2378, maço 149, p. 31. Salvador: APEB.*

46 Curioso notar que em documentos de inventário de Gerhard (Geraldo) Dannemann, falecido em 1921, localizado no acervo do arquivo Público do Estado da Bahia (APEB), foi possível verificar que dentre seus filhos, a maioria havia contraído núpcias com alemães, suíços ou descendentes destes. O interesse dos negócios seria uma das explicações possíveis, além, é claro, das afinidades culturais – nomeadamente a lingüística – entre os elementos citados.

47 Disponível em: <<http://www.charutos.com.br/charutos/brasileiros/dannemann.htm>>. Acesso em: 30 dez. 2008.

48 Disponível em: <<http://www.hjobrasil.com/Bahia/historia/histbahia01.htm>>. Acesso em: 30 dez. 2008.

sua atuação de destaque no segmento de produção e exportação de fumo, o *Samba de Roda Suerdieck* é também bastante conhecido na região do Recôncavo⁴⁹.

O setor de produção e exportação de fumo foi de fundamental importância para a economia baiana a partir da segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Seu sucesso garantia a atuação de, ao menos, uma dezena de empresas exportadoras na cidade de Salvador, cujos proprietários eram majoritariamente alemães e suíços⁵⁰. Até a Primeira Guerra Mundial, estas empresas estiveram entre as principais fomentadoras das atividades comerciais locais. A crise econômica européia do pós-guerra, sobretudo na Alemanha, principal porto de entrada da produção fumageira baiana, diminuiu significativamente o volume de negócios e, com o início da Segunda Guerra, as atividades destas e de outras empresas dirigidas por alemães e teuto-brasileiros foram seriamente atingidas, o que ocasionou o desaparecimento da grande maioria delas.

O outro segmento econômico de relevância para a economia da Bahia, o da plantação e exportação de cacau, também foi movimentado, em menor número, por indivíduos de ascendência germânica, havendo registros desde a primeira metade do século XIX sobre a participação de alemães e suíços na produção e comercialização de cacau. Do mesmo modo que o fumo, o cacau foi responsável

49 Mais conhecido como *Samba Suerdieck*, a Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas, da cidade de Cachoeira, é considerado um dos mais tradicionais sambas de roda do Recôncavo Baiano. Criado por iniciativa de D. Dalva Damiana de Freitas, sua fundação data de 1961, sendo composto por um grupo de operárias da fábrica para participar das festas populares da região. Desde 1985 mantém um Samba Mirim que reúne crianças e adolescentes carentes em permanente trabalho de educação patrimonial, visando à garantia da continuidade da tradição do samba e o desenvolvimento de habilidades artísticas como canto, coreografia, confecção de indumentárias e instrumentos musicais. Disponível em: <<http://www.premioculturaviva.org.br/download/finalistas1ed.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2008. Segundo artigo de Luzia Gomes Ferreira, pesquisadora-voluntária do Museu Afro-Brasileiro CEAO/UFBA, orientada pela professora do departamento de Museologia da UFBA, Joseania Miranda Freitas: "O samba de roda da Suerdieck, segundo D. Dalva, foi criado há mais de quarenta anos, na época em que ela trabalhava como charuteira na fábrica de charutos Suerdieck, vem daí o nome do grupo". É formado por mulheres de idades variadas, que se vestem de baianas. O traje é composto por saia, camisú de crioula, bata, pano da costa, torso com aba ou sem aba, dependendo do Orixá; também usam as contas, relativas ao Orixá de cada uma. São os homens que tocam, mas é D. Dalva quem organiza a roda, quem puxa as cantigas. Na roda do samba de D. Dalva, todas as mulheres que fazem parte do grupo sambam antes das pessoas da rua sambarem.

50 Por conta do perfil empreendedor dos imigrantes, a fixação no recôncavo registrada pela historiografia baiana parece ter-se constituído em um modelo intermediário, entre o rural e o urbano, tendo inclusive sido criado em 1887, na cidade de São Félix, um Clube Germania, associação que os imigrantes alemães replicaram em grande parte das localidades em que se fixaram no território brasileiro. A este espaço, como será elucidado na seção que trata de Salvador, atribuiu-se o cunho de promover atividades esportivas e socioculturais, porém suas dependências acolhiam formas diversas de convivência dos imigrantes alemães.

pela existência e desenvolvimento de diversas empresas, principalmente em Salvador, que movimentavam a produção baiana através da exportação deste fruto. É possível citar algumas delas – as principais – Rodenburg, Stolenberg, Behrmann, Overbeck, Steinbach, von Uslar e Domschke⁵¹. Algumas famílias da região de Ilhéus e Itabuna trazem em seus sobrenomes a origem germânica, alemã, suíça e, mais raramente, austríaca, entre eles: Hollenwerger, Berbert, Hoisel, Lorenz, Schaun, Sellman, Weyll⁵².

Outras variedades de produtos agrícolas eram exportados pelas empresas de alemães e teuto-brasileiros, Overbeck cita, além do cacau, o tabaco, o açúcar, o algodão, o café, as amêndoas e a piaçava. As exportações durante o século XIX e início do XX foram, não apenas para a Bahia, mas outros estados brasileiros, o principal vetor de desenvolvimento comercial do Brasil, sobretudo pela condição incipiente em que se encontrava a indústria no país. Era exatamente esta condição que se tentava reverter com a atração de empresários, o que implicou no investimento crescente na economia local, ainda que grande parte dela estivesse concentrada em mãos de estrangeiros que não se fixavam no Brasil. Com relação a este fenômeno, tratarei adiante, em capítulo pertinente.

Este capítulo da história da Bahia fala de uma presença que se caracterizou por períodos de certa descontinuidade, demarcando momentos diferentes da participação dos imigrantes na sociedade baiana. Do malgrado modelo colonizador rural, até o estabelecimento essencialmente urbano ocorrido no decorrer do século XX, passando pela notória atuação no setor fumageiro do recôncavo, os alemães têm feito parte da história da Bahia. Se não com a intensidade verificada em outros estados brasileiros, decerto têm mantido sua contribuição em setores importantes da cultura e da economia do estado.

Edelweiss (1970) sugere que o período compreendido entre 1871 e 1914 representou o apogeu da colônia alemã na Bahia, no qual se teria verificado uma mais significativa presença e atuação destes imigrantes no cotidiano do estado, sobretudo no início do século XX e em localidades urbanas, questão a que me dedicarei nos próximos capítulos.

51 Menezes (1990:37).

52 Edelweiss (1968: 599).

3. Alemães e as guerras: inimigos?

O advento da Primeira Guerra Mundial foi conseqüência de um período notadamente tenso entre as nações européias, que se iniciara no final do século XIX, período este marcado pela crescente disseminação do fortalecimento da Alemanha como nação, sob o comando de Guilherme II e cuja figura proeminente se impunha como símbolo da força e da grandeza alemãs⁵³. O discurso neste sentido ganhava espaço no Brasil⁵⁴, muito embora, no decorrer do conflito a culpa por seu acontecimento fosse atribuída ao *II Reich Alemão*⁵⁵.

Este período causou impacto no cotidiano da vida social da colônia baiana, porém mais sérios foram os efeitos no âmbito das relações comerciais. Em Salvador não se registraram maiores problemas para os cidadãos alemães e seus descendentes, porém empresas sofreram algumas restrições com relação à presença de sócios alemães, sobretudo após o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, seguida da declaração de guerra. Navios também foram retidos em Salvador e seus tripulantes mantidos reclusos em terra, o

53 Marina Helena Silva (2007: 35-36) a este respeito informa: “Em 1914, por exemplo, o periódico *A Tarde* veiculou uma nota alusiva ao aniversário de Guilherme II. A comemoração começou pela manhã com o hasteamento da bandeira da Alemanha nos mastros dos navios ancorados no Porto de Salvador e nas casas comerciais de origem germânica, a partir daí era celebrado um culto de ação de graças, seguido de um coquetel realizado na sede do Consulado. Atividades semelhantes foram desenvolvidas dois anos depois, em homenagem aos 58 anos desse imperador”.

54 A revista *Cultura Alemã* dedicada à divulgação da Alemanha na Bahia – expunha o teor explicitamente laudatório em muitos dos seus textos –, publicada mensalmente no período da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918). A referida revista era publicada por Karl Weber, filho do professor Julius Weber, que atuou em escolas alemãs de Salvador e que, na qualidade de musicista, realizou concertos na sede da Sociedade Germanica. Durante o conflito, textos de simpatizantes do *II Reich* alemão foram publicados, seguindo a ‘linha editorial’ da revista: “Sendo a sua edição de letras, ciencias, artes e actualidades, artigos, ao nosso juízo, em defeza, da sua civilização contra os barbarismos de povos incultos ou invejosos do seu desenvolvimento, commercial e máxima civilização.” A referências à civilização, evidentemente, se dirigiam ao estado alemão, naquele momento já criticado por sua postura belicista, fato que não era tolerado pelos súditos imperiais mais exacerbados. Os artigos continham críticas duras aos oponentes da Alemanha e tentavam, com empenho, minimizar os efeitos de notícias sobre o *front* relatando quaisquer condutas reprováveis do Exército Imperial. Além desta publicação, há numerosos registros em jornais da capital sobre eventos da colônia – muitos deles redigidos em língua alemã –, homenagens a membros da nobreza alemã e de atividades industriais e comerciais empreendidas por alemães em Salvador e em outras regiões do estado, por exemplo.

55 O papel do consulado alemão era de fundamental importância para os alemães residentes no estado da Bahia, como um todo. Relatórios regulares enviados pela embaixada alemã e por órgãos do governo alemão forneciam informações tão atualizadas quanto possível, sobre a situação no *front*. Este procedimento ajudava, não só a manter os súditos do *Reich* informados sobre o que ocorria na Europa, como colaborava para a manutenção do ânimo entre os alemães e teuto-brasileiros ali radicados. Durante a Primeira Guerra, a Alemanha passou a ser representada no Brasil pelos consulados da Áustria-Hungria e Holanda.

caso da canhoneira *Eber*, que será mencionado mais adiante, é bastante ilustrativo neste sentido. Além disso, houve casos isolados de filhos de alemães estabelecidos em Salvador que se juntaram ao exército alemão, alguns destes não retornaram.

O Brasil foi um dos primeiros países a reatar relações diplomáticas com a Alemanha após o fim da guerra, o que ajudou a manter estáveis, tanto quanto possível, as atividades comerciais das empresas pertencentes a membros da colônia de Salvador, antes disso, no entanto houve dificuldades. As implicações mais diretas foram criadas, mormente, para as empresas do setor fumageiro, como o já mencionado caso da Dannemann, e foram elaboradas, segundo depoimentos de atuais membros da colônia, “listas negras” feitas “com a colaboração de comerciantes ingleses e franceses”⁵⁶. Estas listas tinham por objetivo dificultar as atividades comerciais das empresas alemãs ou cujos proprietários fossem alemães, obrigando-os a se dedicarem ao mercado interno e, para continuar suas atividades de importação e exportação, o faziam através de nomes brasileiros ou por rotas alternativas que passavam pela África e Holanda, por exemplo. Ao fim do conflito, o armistício da Alemanha foi recebido pelos membros da colônia com um misto de tristeza e satisfação, dado que grande parte dos alemães estabelecidos em Salvador era monarquista. O gesto do *Kaiser* Guilherme II foi compreendido, assim quer parecer, como um gesto de grandeza a favor da Alemanha que encerrava o conflito, ainda unida.

O período entre guerras significou para a colônia alemã um tempo de recuperação das perdas havidas durante a Primeira Guerra, as empresas mais tradicionais dentre as estabelecidas em Salvador necessitavam buscar alternativas para sua viabilização e manutenção. As listas negras, se não trouxeram conseqüências graves para as empresas mais sólidas, causaram problemas sérios para as empresas de menor porte, o que acarretou o fechamento de algumas delas. De modo geral, o cenário do pós-guerra mostrava mais a tentativa de reorganização, o que refletia a tendência geral da economia mundial. No entanto, ao iniciar a década de 1930, com a ascensão de Hitler ao poder e a decorrente mudança no cenário político europeu, os efeitos se fizeram sentir na colônia, paulatinamente.

O consulado alemão, àquela altura atuando no modelo profissional e não apenas como representação diplomática honorária, evidentemente exercia seu papel

56 Manuscritos do acervo particular de Wolfgang Roddewig.

de instituição de defesa dos interesses alemães na Bahia e em outros estados das regiões Norte e Nordeste e, ao fazê-lo, deixava transparecer a lealdade que se esperava que demonstrasse ao governo alemão. Há registros de solicitação por parte do consulado à Secretaria de Segurança Pública de Salvador para a realização de eventos comemorativos pela colônia, um deles, chama a atenção pelo motivo: celebração do aniversário do *Führer*. No decorrer da década de 1930 a situação tornava-se mais tensa na medida em que os fatos se desenrolavam na Europa e o início do conflito se aproximava em razão da postura desafiadora de Hitler perante as imposições do Tratado de Versalhes.

Na Bahia e em Salvador, a exemplo do que se verificava no restante do país, o clima de hostilidade em relação aos alemães⁵⁷ – e também aos italianos e japoneses – recrudesceu, tendo sido as notícias sobre o afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães na costa brasileira o “estopim” para reações populares violentas⁵⁸. Instituições como a Sociedade Germania e o Colégio Alemão sofreram, igualmente, represálias, casos que tratarei separadamente neste trabalho.

O fato que merece maior destaque, no entanto, é o internamento de cidadãos alemães residentes no estado da Bahia, principalmente os da capital, na cidade de Maracás em 1943, onde permaneceram internados até o final do conflito. Com a declaração de guerra do Brasil às nações do Eixo Berlim-Roma-Tóquio, os alemães

57 As notícias de afundamentos de navios brasileiros por submarinos alemães publicadas pelos principais jornais da capital causaram comoção na população soteropolitana e, deste momento em diante, ofensas pessoais e ataques a estabelecimentos comerciais passaram ser registrados. Na fala de um informante que participou de algumas destas ‘turbas’, elas ocorriam de acordo com a tomada de conhecimento dos afundamentos de navio brasileiros e os promotores destes ataques iam até onde “sabiam” onde havia negócios de alemães, invadiam e depredavam estes locais. No caso específico, o Sr. José afirmou ter participado da invasão de uma loja da Companhia de Charutos Dannemann, no bairro do Comércio, e arremessado a caixa-registradora, entre outros objetos, pela janela do estabelecimento. Perguntado sobre como identificava os alemães, não soube precisar exatamente através de quais indícios o fazia.

58 O relato de João Falcão é ilustrativo: “Em Salvador – testemunhei -, uma onda de ódio e pundonor cívico levantou-se e espalhou-se por toda a cidade, traduzindo-se pelas manifestações populares, passeatas e comícios que reuniam multidões, onde oradores inflamados e traumatizados pediam vingança e a declaração de guerra. Dia e noite o povo baiano permaneceu nas ruas, enfrentando a chuva e muitas vezes a Polícia Especial, gritando pela guerra – já por ele declarada – e prometendo desforra em desagravo aos irmãos que tombaram. Daí para a prática de atos de depredação das casas comerciais de alemães, italianos e também de espanhóis, que formavam a maior coletividade estrangeira na Bahia foi um passo. Provocadores incentivavam a massa e invadiam lojas e escritórios dos membros dessas colônias. O saque foi inevitável”. FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: Testemunho e depoimento de um soldado convocado*, p. 103 *apud* SILVA, Marina Helena Chaves. *Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II guerra mundial*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2007.

na Bahia – grupo que nos interessa no presente trabalho –, além de ameaçados pelos protestos populares, mereceram tratamento cada vez mais severo das autoridades brasileiras, detidos e aprisionados na penitenciária estadual e na Vila Militar dos Dendezeiros, na cidade baixa. Com a justificativa de evitar que os chamados “súditos do Eixo” pudessem comunicar-se com navios e submarinos nazistas, foram eles deslocados (ou internados) em Maracás, município localizado na região sudoeste do estado da Bahia, próxima a Jequié e Jaguaquara. A remoção, em si, encerrava ao menos duas preocupações, em certa medida, contraditórias: ao mesmo tempo em que punia (na maioria dos casos, preventivamente) os cidadãos alemães estabelecidos na Bahia, os protegia das manifestações crescentemente mais agressivas promovidas pela população da capital. A punição preventiva à qual me refiro diz respeito à acusação, na maioria dos casos infundada, segundo Silva (2007), de organização de grupos nazistas locais por alemães estabelecidos em Salvador.⁵⁹ A atitude de protegê-los mais diz respeito ao próprio histórico da colônia alemã em Salvador, dentre os quais muitos já se haviam ali fixado havia décadas e muitos deles possuíam relações de parentesco próximas com as famílias pioneiras a se instalarem na capital e em outras cidades litorâneas do estado.

Sobre Maracás, há relatos de que as condições em que foram mantidos os prisioneiros eram bastante dignas e que as exigências, ainda que existissem, não implicavam no total cerceamento de sua liberdade. Abaixo a descrição de Marina Helena Chaves Silva oferece uma idéia mais clara sobre a situação:

O controle sobre os alemães não se limitou à força policial, pois algumas restrições foram estabelecidas pelo Major Oscar Sá: eles não podiam sair do município nem expressar opinião sobre a vida dos seus habitantes; estavam proibidos de falar sobre a Alemanha e sobre a guerra; não podiam tomar bebidas alcoólicas; não deviam se indispor com os moradores; tinham que obedecer ao toque de recolher; não podiam ter rádio e nem era permitido assisti-lo⁶⁰.

59 A tese de doutoramento da historiadora Marina Helena Chaves Silva (2007) trata detalhadamente do tema durante o período da Segunda Guerra Mundial e suas implicações sobre a colônia alemã na Bahia, com enfoque privilegiado em Salvador, onde se concentrava a maioria de seus membros. Segundo a pesquisadora havia membros do partido nazista em Salvador, contudo, após a realização de investigações e inquéritos realizados pela polícia, a nenhum deles foi relacionado qualquer crime de natureza política.

60 SILVA, Marina Helena Chaves. *E eis que chegam os alemães! Alteridade e memória em Maracás*, p. 60.

Recorda a senhora Margareth, cujo pai, alemão de Hamburgo e empresário do setor de importação e exportação em Salvador, foi detido na penitenciária e em seguida enviado para Maracás:

O meu pai, primeiro, prenderam na penitenciária, foi horrível, uma penitenciária que a 'saúde' (Secretaria) já tinha fechado, foi horrível... Mas depois mudaram pra Vila Militar. E o diretor da Vila Militar era um senhor, Major Enoque (pai da madrastra da senhora Susana) e ele tratou os alemães 'correto', e se alguém falava ele dizia: os alemães não fizeram nada e eu trato eles com todo o respeito. Era mesmo, com todo respeito! Os alemães falavam com ela (madrasta da senhora Susana) como o pai dela era bom com eles. Falando baixo: E lá em Maracás quem tomava conta dos alemães era um amigo dele, era Oscar Sá. Ela não se lembra exatamente quanto tempo o pai ficou internado em Maracás (mais de um ano, supõe) e usou a expressão 'era veraneio'. Ele não podia voltar pra Salvador, então comunicavam-se por cartas. Àqueles que ficaram na cidade, a Cruz Vermelha pagava, pra não morrer de fome... Ao mesmo tempo, acrescenta: Maracás era muito bom. Eu ia lá visitar meu pai nas férias, fizeram até piscina, piscina de terra batida, né? Você sabe como é alemão, não fica parado... Faziam tudo! Plantavam verduras, essas coisas...

A fala da informante não traduz, evidentemente, uma imagem positiva da situação, mas a idade (torno de dez anos idade) que ela tinha à época da prisão do envio do pai para Maracás, possivelmente revelam a situação de internamento como algo 'não tão ruim' se consideradas as condições de existência dos internados nas ocasiões em que ela o visitou. Sobre este tema ainda, mais há na pesquisa de Silva (2007) que nos auxilia a compreender o episódio:

Alguns prisioneiros foram alojados em uma fazenda, denominada Boca do Mato, situada a cerca de 20 km da sede do município e outros foram distribuídos em residências particulares espalhadas na cidade de Maracás. Desconhecemos os critérios adotados pela polícia para distribuir os alemães nessas duas áreas, embora haja indícios de que, no início, aqueles considerados mais perigosos tenham sido instalados na fazenda, onde podiam se ocupar com o plantio de verduras. Para suprir os alemães de alimentação foi instalada uma cozinha central, tendo à frente Richard Gerstenlauer, cozinheiro de profissão. Os moradores de Maracás descrevem o trajeto de homens e mulheres pelas ruas da cidade para buscar a refeição, assim como outros aspectos relativos à presença desses 'novos' moradores: a ação dos policiais e do Major Oscar Sá; os hábitos e os costumes dos alemães e a sua condição de prisioneiros; as modificações ocorridas no município a partir daquela chegada etc. Um sentimento mútuo de medo deve ter permeado os primeiros contatos entre alemães e maracaenses: aqueles, devido aos conflitos

vivenciados em Salvador e em outras cidades do litoral baiano e estes últimos, pela circunstância daquela chegada. Pouco a pouco, porém, o temor deu lugar à curiosidade, a necessidade de aproximação, o conhecimento do outro. Com o fim do conflito mundial, os alemães receberam ordens de abandonar o local de internamento; alguns preferiram continuar residindo em Maracás, deixando marcas naquela cidade⁶¹.

4. Dispersão e reorganização após a 2ª Guerra.

O que se observou após o final da Segunda Guerra foi um processo de dispersão da colônia que, destituída de seus espaços de convivência e preservação da cultura, ocupavam um novo e indesejável lugar na sociedade soteropolitana. A cidade que se tornara sua casa estranhava a presença destes estrangeiros, poucos, naquela ocasião, se comparados à maioria dos descendentes ou teuto-brasileiros. Apesar das perseguições, descendentes das famílias pioneiras permaneceram em Salvador e, alguns deles, que por motivos diversos deixaram a cidade natal, retornaram mais tarde. Apenas nos anos 1950, contudo, iniciou-se um movimento de reorganização da colônia, reduzida a ainda menor número de membros.

Se houve um fato determinante para que ocorresse a reorganização da colônia de Salvador, este foi a necessidade de cultivar sua crença religiosa. Como a maioria dos membros da colônia professava a religião evangélica, precisamente a denominação luterana, havia a demanda pela presença de um pastor que pudesse prestar a essas pessoas os serviços religiosos e a mobilização por parte do grupo ocorreu em contato com a representação da Igreja Evangélica Luterana sediada no Sul do país ainda na década de 1950. Após a Segunda Guerra Mundial, as limitações às iniciativas de reunião colaborariam para a reconfiguração da colônia em outro *modus vivendi*. O papel da religião, sobretudo entre os participantes da Comunidade Evangélica Luterana de Salvador, permitiu e vem permitindo a manutenção da colônia alemã de Salvador, a esta altura – e desde o início do século XX, provavelmente – de forma majoritária por descendentes brasileiros dos primeiros imigrantes. O período que se estende do fim do conflito em 1945 até o início da década de 1960 pouco registra sobre as atividades da colônia, contudo, a prática religiosa continuou ocorrendo, em parceria com a Igreja Anglicana, de cujos cultos

61 Silva (2007:176).

participavam membros luteranos desde 1932 – até ao ano anterior eram realizados na Sociedade Germania. No ano de 1957, com a vinda do pastor Walter Schlupp a Comunidade Evangélica Luterana de Salvador reorganizou-se e os esforços dos membros resultaram na construção da igreja e de espaços de convivência que abrigariam a maioria dos eventos da Comunidade Evangélica Luterana e, de certo modo, da colônia alemã.

A colônia, após a Segunda Guerra, sobretudo a partir da década de 1950, contou com a agregação de novos membros, luteranos ou não, que emigraram da Alemanha para trabalhar em empresas no Brasil. Em significativa parte dos casos, eram convidados por conterrâneos que se haviam estabelecido no Brasil antes do conflito armado e tencionavam oferecer oportunidades para outros alemães em situação de penúria em sua pátria. É fato que na época e especialmente a partir dos anos 1960, empresas brasileiras igualmente buscavam entre os alemães profissionais qualificados para o florescente processo de industrialização brasileira. Com isso, os descendentes dos pioneiros passaram a conviver com indivíduos e famílias que, em alguns casos, permaneciam em Salvador e tornavam-se membros da colônia alemã e da Comunidade Evangélica Luterana de Salvador. Outras contribuições vêm ocorrendo desde então: luteranos, descendentes de alemães de outros estados do país, especialmente do sul, também se engajaram por maior ou menor período na Comunidade. Muitos do que se estabeleceram em Salvador têm participado das atividades da colônia, independente de pertencerem à comunidade religiosa. Nas outras regiões do estado mencionadas no capítulo, poucos são os registros sobre a presença de imigrantes alemães após a final do conflito. A própria Maracás é possivelmente um dos poucos locais onde estiveram, mesmo que por motivos alheios à sua vontade, e onde se encontram vestígios deste grupo, a exemplo da cidade de Ilhéus já citada anteriormente neste capítulo. No primeiro caso, na arquitetura e em melhorias operadas pelos alemães durante o internamento e, no segundo caso, descendentes ligados à antiga oligarquia do cacau, atividade com a qual estiveram envolvidos desde o século XIX.

A discussão sobre a configuração da atual colônia, assim como o ajustamento deste termo ao caso específico de Salvador, será desenvolvida oportunamente, levando em conta, sobretudo, o que foi dito durante o trabalho de campo, através das falas e manifestações de seus atuais membros. As informações mencionadas neste capítulo tiveram como objetivo precípuo esclarecer algo mais sobre a

imigração alemã no estado da Bahia, baseadas em registros dispersos e nos poucos estudos acadêmicos disponíveis sobre o tema. As fontes indicadas até aqui poderão complementá-las, devidamente, para eventuais questões que eu, porventura, não tenha logrado elucidar ou que não sejam objeto de investigação mais acurada no presente trabalho.

Parte III – ALEMÃES EM SALVADOR.

1. Sobre a teoria: reflexões úteis ao objeto.

Preliminarmente, o acesso à literatura sobre o tema da imigração alemã no estado Bahia, tornou possível demarcar com maior precisão o alcance do tema e sua pertinência como objeto de pesquisa de mestrado. Publicações como as de Wilhelm Overbeck (1923), Otto Quelle (1933), Hermann Neeser (1958), Federico Edelweiss (1968), Albene Menezes (1990), Marina Helena Silva (2001; 2007), foram utilizados como referências importantes no estágio inicial da pesquisa e auxiliaram no desenvolvimento dos capítulos da dissertação em que a trajetória da colônia constituiu-se fundamento para a contextualização de eventos históricos ou objeto de análise etnográfica. A natureza do material publicado pelos autores e pesquisadores mencionados varia de pequenos textos, artigos, dissertações e teses de cunho acadêmico, a um livro comemorativo, caso específico de Overbeck.

Em um segundo momento, a aproximação com a literatura existente sobre imigração, sobretudo a alemã ocorrida no Brasil desde o século XIX, mostrou-se um caminho válido. Se, por um lado, a maioria das publicações sobre este fenômeno que freqüentemente abrange aspectos históricos, sociológicos e antropológicos, se concentra nas colônias das regiões Sul e Sudeste do país, por outro não deixa de ser importante à análise de como os principais autores tratam o tema e que inflexões e correspondências são possíveis de se realizar na pesquisa aqui apresentada. As obras mais notórias tratam do tema essencialmente pelo viés histórico e mesmo, em alguns casos, como matéria pertinente à geografia humana brasileira, dentre as quais destaco as dos seguintes autores: Boris Fausto (1999), Arthur Ramos (1947), Manuel Diegues Jr. (1956; 1964), Roberto Cardoso de Oliveira (1976) em obras que versam, de maneira mais diversa, sobre imigração e estudos da etnicidade e Jean Roche (1962), Carlos Henrique Oberacker Jr. (1969), Carlos Fouquet (1974) e Carlos Henrique Hunsche (1977), em estudos sobre imigração alemã, todas elas, em sua própria medida, ofereceram contribuições significativas à literatura sobre o tema. No entanto, merece destaque o trabalho de Emílio Willems (1940; 1946) – um dos pioneiros a abordar o tema sob o ponto de vista estrito das ciências sociais, mais especificamente da sociologia e da antropologia, publicando dois livros

fundamentais para o entendimento do fenômeno da imigração germânica no sul do país.⁶² Com Willems, os conceitos de assimilação, aculturação, adequação aclimação etc., são utilizados como principais conceitos teóricos para os estudos de imigração no Brasil, conceitos estes herdados das escolas norte-americanas de sociologia e antropologia social. Desenvolvendo pesquisas sobre a temática desde a década de 1970, Giralda Seyferth (1974; 1982) também sobre colônias alemãs do Sul do país, tem empreendido análises relevantes em diálogo com as principais correntes teóricas dos estudos da etnicidade, tema a que voltarei a me referir adiante.

Ainda outras referências, no contexto das ciências sociais, são utilizadas no trabalho com o objetivo de enriquecer a análise e elucidar aspectos da cultura alemã como um todo. Sem a pretensão de realizar um escrutínio da cultura alemã historicamente construída, julgo procedente incluir, ainda que de forma colateral, elementos simbólicos significativos para a compreensão do que Norbert Elias (1997) denominou *habitus* alemão e acrescentaria Louis Dumont (1985; 1991)⁶³ através de seus estudos sobre a ideologia e nação alemãs, na tentativa de melhor me aproximar destas questões. Língua, costumes, a *Kultur*⁶⁴ a germanidade e as implicações que possam ter na constituição de grupos de imigrantes e em suas relações com a sociedade receptora, me parecem basilares para confrontar elementos da cultura alemã compreendida como entidade intrinsecamente presente nos indivíduos alemães e outras formas de representação que o cabedal teórico oferecido pela antropologia disponibiliza para compreender estes mesmos elementos.

As teorias da etnicidade, como instrumentos de auxílio na compreensão dos fenômenos de construção de identidades, ideologias étnicas, fronteiras étnicas relacionados ao fenômeno da imigração, se mostram conceitualmente ricas e

62 Os títulos, *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes (1940)* e *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil (1946)* indicam o propósito do autor em tratar do tema utilizando-se de conceitos teóricos em evidência em estudos desta natureza, sobretudo nos Estados Unidos.

63 Cf. Louis Dumont: *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna (1985)* e *Homo Equalis, II: Ideologies nationales comparées (1991)*.

64 Conceito de cultura definidor e constituinte da essência alemã, para além do conceito de cultura genericamente compreendido.

representaram um avanço em relação à discussão teórica vigente até meados da década de 1960. O trabalho de Fredrik Barth (1969) exerce o papel de referência no tema, no entanto citaria ainda os estudos Natan Glazer & Daniel Moynihan (1975), mais recentemente a obra de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998), dentre outros que se vêm dedicando, desde a década de 1960, aos estudos da etnicidade em suas várias correntes, em especial de grupos inseridos em sociedades complexas.

Quando tomamos, à guisa de exemplo, os grupos que compõem comunidades minoritárias em contextos nacionais relativamente homogêneos – considerando território e cultura, em especial –, freqüentemente são expostos aspectos divergentes aos pesquisadores que a elas se dedicam. Sobre tais relações comunitárias étnicas é possível ponderar sobre que elementos seriam constitutivos dessas comunidades. Max Weber, em sua obra referencial, *Economia e Sociedade* (1994) Vol.1, utiliza a expressão “pertinência à raça”, que conduziria ao sentido de “comunidade” e a esclarece:

[...] sentida subjetivamente como característica comum, o que ocorre apenas quando a vizinhança local ou outros vínculos entre pessoas de raças distintas levam a uma ação (na maioria das vezes, política), ou quando, ao contrário, certo destino comum dos racialmente homogêneos se liga a um contraste existente com outros de características acentuadamente distintas”. (Weber, 1994, p. 267).

Contudo, além do conceito de raça, sob diversos aspectos, problemático – e freqüentemente utilizado de forma inadequada ao abordar estudos étnicos – o cientista social alemão lança mão de outros elementos para auxiliar no entendimento de comunidades étnicas:

Sem dúvida, nem toda crença na afinidade de origem baseia-se na igualdade dos costumes e do hábito. Mas, apesar das grandes divergências neste campo, semelhante crença pode existir e desenvolver uma força criadora de comunidade, quando apoiada na lembrança de uma migração real: de uma colonização ou emigração individual. (Idem).

Weber afirma que no processo de adaptação dos imigrantes persiste o “sentimento de apego à terra natal”, ainda que estes indivíduos estejam

completamente adaptados ao novo ambiente e embora lhes pareça ser “insuportável” a possibilidade de um retorno ao lugar de origem. Vai além ao afirmar:

Nas colônias, a relação interna dos colonizadores para com o país de origem sobrevive até a fortes misturas com os habitantes locais e a consideráveis modificações tanto no patrimônio tradicional quanto do tipo hereditário. (Ibidem, p. 270).

Encontram-se, na realidade, na obra de Weber, conceitos fundamentais para as abordagens teóricas que surgiriam ao longo do século XX. Evidencia-se, deste modo, sua influência nas obras de autores que lidam com conceitos como etnia, grupos étnicos e identidade étnica, que somente seriam abordados décadas mais tarde. Utilizando “raça” como conceito central de sua análise – possivelmente, em determinados momentos, em equivalência com conceito de etnia de uso menos freqüente à época –, termos como “afinidade”, “pertinência” e as distinções *Gemeinschaft / Gesellschaft*⁶⁵, Weber oferece elementos constituintes às teorias mais recentes que tomam a “distinção em relação ao outro” (seja na forma de indivíduos ou de grupos) como crucial para o estudo das relações interétnicas. O termo *Gemeinsamkeitgefühl*⁶⁶, também introduzido por Weber, igualmente anuncia questões que serão reiteradamente debatidas sob denominações correlatas nos estudos sobre etnias, nação, povo e outros conceitos presentes neste campo de pesquisa. Comunidade étnica, no sentido em que Weber o utiliza, auxilia na reflexão sobre o objeto de estudo ora em questão, na medida em que os traços distintivos dos alemães em Salvador operam e operaram, no passado, nas relações com a sociedade envolvente, reforçados estes traços, especialmente através da organização de núcleos de convivência. Mais que isso, aos imigrantes ali estabelecidos desde o século XIX, foi necessário manipular um sentido de unidade étnica, em grande medida destituído da idéia de nacionalidade que, de fato, ainda não existia plenamente entre os alemães dos diversos estados germânicos representados na cidade. Assim, o sentimento de pertença baseava-se desde então na evocação de elementos como língua, costumes e crença em uma origem comum.

65 Termos em alemão para Comunidade / Sociedade.

66 Cf. Seyferth (1982): “Termo empregado por Weber para expressar o sentimento que povos e nacionalidades têm de ter qualquer coisa em comum, e inclui nesse conceito o que chama de sentimento nacional”.

A miscigenação, no entanto, registra-se desde o século XIX, contudo, ocorrendo casamentos entre homens alemães e mulheres brasileiras na imensa maioria dos casos. Deste modo, a transferência de informações culturais paternas, considerando o papel social limitado que às mulheres era atribuído à época e, mesmo em território brasileiro, se impunham fortemente na construção social dos descendentes teuto-brasileiros.

Willems, influenciado pela escola de Sociologia e Antropologia Social dos Estados Unidos⁶⁷ orientou sua análise a partir de conceitos que à época prestavam-se ao entendimento dos processos próprios da inserção de imigrantes em contextos sociais novos. Termos como assimilação (chave para a elaboração do primeiro estudo, publicado em 1940), acomodação, adequação dentre outros, foram utilizados com maior ou menor clareza e eficácia por Willems, do mesmo modo como, seis anos mais tarde, utilizaria o termo aculturação com norteador de sua análise das comunidades alemãs que observara ainda na década de 1930.

Sobre o processo de assimilação, Willems (1940) apresenta como condição para a realização deste processo “a disposição de mudar de vida”, que estaria sujeita a “escolha de elementos culturais” correspondentes a desejos preexistentes dos imigrantes. Por outro lado, o autor também menciona o fato de que elementos tais como: padrões de habitação, vestuário, alimentação, trabalho, recreação etc., sistematicamente precisam ser abandonados diante de diferenças identificadas no meio físico, e, embora não correspondam a “atitudes prévias”, mudanças impostas aos grupos em questão afetam profundamente os hábitos individuais e costumes da comunidade.

“[...] assimilação e aculturação são aspectos diversos de um processo único. Com relação à esfera social falamos em assimilação, enquanto que as mudanças verificadas na esfera cultural levam o nome de aculturação. Portanto, não pode haver assimilação sem haver, ao mesmo tempo, aculturação ou vice-versa”. (Ibidem, p.17)

67 Cf. Seyferth (2002). Dentre os principais textos citados pela autora estão: *Encyclopedia of the social sciences de Robert E. Park (1930 / 1937)*, *The polish peasant in Europe and America de Thomas & Znaniecki (1974 [1918])* e *Outline for the study of acculturation de Redfield, Linton e Herskovits (1936)*.

Willems (1980[1946]) menciona outros conceitos que nos ajudam a compreender o processo de adaptação dos imigrantes germânicos através de construções de relações que, em maior ou menor medida de consciência, os situam nos novos espaços sociais nativos, citando o processo de “socialização” como se segue:

“[...] o significado emocional que os valores culturais possuem para os componentes de qualquer sociedade não só aumenta a probabilidade de um sistema social funcionar com um mínimo de atritos internos, mas também representa uma defesa externa relativamente suficiente na hipótese de ocorrerem contatos com sociedades culturalmente diferentes”. (Ibidem, p. 4).

No entanto, cabe observar que embora os conceitos sobre aculturação e assimilação apresentadas por Willems tenham se tornado referências fundamentais para pesquisadores do tema da imigração no Brasil, a reorientação produzida nos estudos interétnicos nas décadas de 1960 e 1970 levou à utilização de conceitos mais amplos e atualizados, como os de identidade étnica, grupo étnico e processo de articulação étnica, por exemplo. Relativizando a idéia de “inevitabilidade” da assimilação completa de etnias advéncias pela sociedade envolvente, os conceitos supracitados configuram-se em “dimensões mais estratégicas” para a melhor compreensão do fenômeno das relações interétnicas.⁶⁸

Na abordagem de Willems, em muito concordante com a de Park (1937), a assimilação seria um processo que consiste no “aproveitamento de atitudes novas emocionalmente associadas a valores culturais novos com que o imigrante vai estabelecendo contato”⁶⁹, portanto ambas as culturas envolvidas no dito processo parecem sofrer alterações, entendido que se há uma atitude “assimiladora” da sociedade receptora e uma atitude “interessada” em ser assimilada por parte do imigrante, ainda assim se estabelece um jogo avaliativo das contribuições que ambas dão ao processo, mesmo que se evidencie a predominância dos valores da sociedade nativa. O desdobramento deste conceito nos põe em contato com outros termos que ora complementam, ora se subordinam ao conceito central de assimilação, a saber: adequação, acomodação, compensação e a própria

68 Cf. Giralda Seyferth em *A Imigração no Brasil: comentários sobre a contribuição das Ciências Sociais*. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 57, p. 19, 2004.

69 Idem cit. *apud* Giralda Seyferth.

aculturação. Na análise de Willems, tal processo constitui-se em transitório, dado que a condição dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil configura antes a marginalidade destes com relação à sociedade brasileira do que a oposição entre sociedades amplas e minorias étnicas.

A assimilação, ante o conceito de aculturação caracteriza-se por ser um processo sócio-psíquico – revelando a tendência do pesquisador de dialogar com correntes da psicologia social – e está intrinsecamente ligada a atitudes mentais e sentimentais, subjetivas. A aculturação, por seu turno, trata de questões mais objetivas, como mudanças culturais em traços mais exteriores como língua, vestuário, culinária etc. Desta forma a aculturação seria antes um processo subordinado à assimilação, tendo em vista a necessidade da sucessão de eventos aculturativos, dentre outros, para a consecução da assimilação. Há ainda diversos processos em questão, postos em evidência pelas múltiplas facetas da assimilação; sentimentos de ambivalência, reajustamentos, compensações referem-se a etapas ou estágios pelos quais passam os imigrantes e seus descendentes quase sempre colocados em confronto com a cultura originária e a nova cultura da pátria de adoção.

As relações entre imigrantes e sociedade local ou abrangente, no caso de Salvador, são emblemáticas devido à opinião predominante no senso-comum de que os alemães foram assimilados a esta sociedade, de tal modo a “terem-se nela diluído” e que os resquícios de uma presença desta etnia resumem-se a memórias de descendentes que, em alguns casos, lembram com orgulho deste “componente étnico” de sua genealogia. Que os processos de assimilação e aculturação ocorreram e ocorrem no âmbito da colônia, não resta dúvida, porém o que não devem é ser inferidos como inevitáveis e supressores da etnicidade, pois o que se verifica no objeto aqui estudado, mais parece com atualizações e ressignificações de uma identidade étnica constituinte dos indivíduos que compõem a colônia.

Se a eficácia dos conceitos adotados por Willems, em certa medida, pode ser posta em questão, isso não significa que sua relevância não persista no âmbito dos estudos sobre imigração. A natureza das questões envolvidas nesse fenômeno encerra em si mesma uma diversidade de aspectos que não se prestam a uma tentativa de redução, isto é, como outras questões investigadas pelas ciências sociais, os aspectos envolvidos na imigração resistem a conceitos totalizantes. Nessa linha de raciocínio, não é mais fácil tratar do tema fazendo uso de teorias

como as que se desenvolveram no entorno e para além dos conceitos de etnicidade. Sem abandonar, evidentemente, questões abordadas inclusive por Willems, os teóricos da etnicidade notadamente e com maior ênfase nos anos 1960 – destacando-se Barth como um dos nomes de maior expressão à época – trouxeram (e trazem) uma ainda maior complexidade para a constituição de conceitos adequados. Além disso, no decorrer da evolução dessas teorias surgiram correntes distintas que se filiaram ora ao pensamento social clássico, ora ao pensamento contemporâneo, a saber: primordialismo, parentesco, instrumentalismo, mobilizacionismo, neomarxismo, neoculturalismo, interacionismo ⁷⁰ tornaram-se algumas das vertentes debatidas e desenvolvidas nas décadas em que a etnicidade se tornou uma das referências centrais em estudos sobre temas como: etnia, raça, povo, nação, cultura, cidadania, identidade, nacionalidade, estado, entre outros, cuja dificuldade de fixação de limites conceituais, freqüentemente, produz sucessivos “borramentos” entre eles.

A abordagem predominante na reorientação teórica anteriormente mencionada foi influenciada pela obra de Eisenstadt (1954) e reforçada pelos trabalhos de Barth e Cohen, publicados em 1969, é a da socialização (já introduzida no trabalho de Willems), porém com enfoque maior na absorção como mudança social com possibilidades integrativas e desintegrativas, destacando-se a ascensão social como mecanismo motivador da aculturação e da integração do imigrante na sociedade abrangente. Sob esta ótica, constituir-se-ia uma estrutura pluralista em que emergem identidades separadas correspondendo a papéis universais da sociedade receptora e papéis especiais particulares ao seu grupo⁷¹, auxiliando na configuração uma análise orientada para os conceitos mais recentes de identidade e etnicidade aplicados em contextos multiculturais e multiétnicos.⁷²

70 Cf. Poutignat, Philippe & Streiff-Fenart, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

71 Idem, loc. cit., p.19.

72 Idem, loc. cit., p. 23.

As teorias da etnicidade⁷³, discutidas no livro de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart apresentam formas de elaboração de conceitos que aproveitam o cabedal teórico preexistente, porém com o nítido esforço de atualizá-los às novas discussões vigentes. Se não há necessidade de destituir a importância de conceitos essenciais como os de assimilação e aculturação, certamente sua utilização torna-se mais restrita diante das inúmeras particularidades e possibilidades colocadas pelos objetos de estudo. O que Barth, particularmente, traz como elemento inovador para a compreensão dos processos envolvidos na etnicidade, é a idéia da existência de fronteiras étnicas. Estas seriam, mais do que os próprios atributos étnicos, fundamentais para o estabelecimento das relações interétnicas, uma vez que, somente através do contato, da consciência da alteridade, é que os grupos étnicos têm consciência da sua própria etnicidade. A partir desta “tomada de consciência” os mecanismos de reforço ou, contrariamente, de negação, atuam como vetores na constituição do grupo étnico como tal diante e no interior de suas relações com a sociedade abrangente.

O caráter inovador e substancialmente mais complexo das teorias da etnicidade enriqueceu, aparentemente, de forma definitiva os estudos sobre a imigração e as relações entre povos, etnias, culturas e temas a eles relacionados. No entanto, as reflexões acerca da pertinência e adequação dos conceitos relacionados direta ou indiretamente às questões postas através dos estudos étnicos aumentaram significativamente as possibilidades de apreensão de fenômenos que se apresentam, se sobrepõem e imbricam-se em realidades diversas nas sociedades, grupos étnicos, comunidades e minorias étnicas. O próprio deslocamento dos debates em direção a uma perspectiva global tem permitido voltar à atenção para as limitações de compreender estes estudos dentro de categorias demasiadamente fechadas conceitualmente.

O entendimento das manifestações da etnicidade, como referido há pouco, pode estar relacionado aos “usos” determinados pelos indivíduos e grupos e podem ser entendidas, então, como estratégias específicas para reforçar, deslocar e ampliar os atributos de pertencimento a uma ou a outra etnia. O instrumentalismo e o mobilizacionismo sustentam que a necessidade de indivíduos e grupos de

73 Segundo Seyferth (2000:152), “O termo etnicidade define uma qualidade ou afiliação étnica [...] e, ainda, de acordo com Glazer & Moynihan (1975:1), “é uma categoria social significativa da condição de pertencimento a um grupo étnico”.

encontrar formas de interagir com outras etnias num contexto de desproporcionalidade demográfica e política, os leva a usos eminentemente pragmáticos. Associações de atributos étnicos a questões sociais e políticas com o objetivo de estabelecer papéis perante a sociedade de acolhimento. O “lugar” ocupado nestes contextos, das relações interétnicas deles resultantes passam, então, não mais a pautar-se somente nas condições subjetivas de imigrantes, minorias ou grupos marginais, mas também nas representações de caráter mais objetivo que os permitem a inserção nas dimensões sociais, não caracterizadas somente pela distinção étnica. No entanto, é importante elucidar que, mesmo existindo motivações políticas nestas estratégias, os meios de executá-las podem ser aqueles aos quais se relacionariam somente atributos da etnicidade desses indivíduos e grupos, tais como a língua, a religião e traços outros identificadores de sua origem étnica.

Fatores como o parentesco, por exemplo, funcionam decisivamente na percepção da etnicidade de um sujeito; no entanto, se esse fator implica em associações negativas, torna-se um problema em potencial. O que valida, pode, ao mesmo tempo, estigmatizar um indivíduo perante seu grupo ou à sociedade envolvente. Os critérios de pertencimento, adoção e distinção de indivíduos no âmbito do grupo apresentam certa flexibilidade, não havendo, necessariamente, relação genealógica para a instituição das relações de parentesco entre seus membros. O exemplo de primordialismo aqui evidenciado através do uso do parentesco, freqüentemente confere aos seus atores características que se supõem inalienáveis, mas o fato é que quaisquer que sejam seus objetivos, as possibilidades de auferir benefícios para si ou para o próprio grupo, variam conforme a relevância do que está em jogo, em especial questões de *status* e poder.

Em meio a outras possibilidades, os usos da etnicidade, aqui rapidamente mencionados, podem dar-se conforme circunstâncias específicas a favor e contra sujeitos, nem sempre cabendo a eles gerir estes usos, na medida em que são manipulados por uma ou outra parte envolvida na interação e que as forças atuantes variam de acordo com os papéis atribuídos a estas partes. Presente nesta constatação há o risco de que, em abordagens por demais sustentadas na objetivação da etnicidade como instrumento consciente, sejam postas em questão características que, de acordo com os grupos étnicos pesquisados, apresentam-se como atributos percebidos como inerentes a eles.

O trabalho de Roberto Cardoso de Oliveira (1976)⁷⁴ versa sobre as relações interétnicas presentes, sobretudo nas interações entre brancos e indígenas e trabalha com os conceitos de sistemas interétnicos, fricção interétnica e modelo do potencial da integração, de 1962 e 1967, respectivamente. Em que pese o objeto de pesquisa prioritário deste antropólogo ter sido os povos indígenas, toda sua reflexão teórica sobre identidade, etnia, mecanismos de integração e adequação de indivíduos em situação de contato étnico-cultural, me parece pertinente para a análise de alguns dos problemas resultantes do processo de mudança social e acomodação em novos ambientes, caso em que se poderiam incluir imigrantes. A discussão proposta por Cardoso de Oliveira procura, não apenas, mas em grau considerável, trabalhar com conceitos introduzidos por Barth e outros teóricos da etnicidade que ganharam maior visibilidade a partir dos anos 1960. O antropólogo, como ocorreu com outros leitores dos estudos de Barth, serve-se do conceito de grupo étnico, por exemplo, para ampliar a discussão e formular alternativas para sua aplicação em questões relacionadas ao seu objeto de pesquisa.

Norbert Elias, sociólogo judeu-alemão em seu trabalho intitulado *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX* (1997)⁷⁵, empreende admirável esforço de análise da cultura e civilização alemãs, concentrando seu olhar em momentos específicos da história alemã – não necessariamente a história da nação alemã –, em fins do século XVIII, decorrer do século XIX e início do XX, examinando períodos como o da Unificação Alemã (1871), até a 1ª Guerra Mundial e a instauração da República de Weimar, culminando com o fim do *Kaiserreich*. Elias trata de questões fundamentais para a compreensão do *Volkgeist*, o nacionalismo e o *ethos* guerreiro dos alemães; coloca-se na posição de, simultaneamente, o mesmo (alemão) e o outro (judeu) diante da complexidade exigida por uma melhor compreensão da história social da Alemanha e, portanto, do povo alemão.

Conforme citada anteriormente, a pesquisadora Giralda Seyferth tem desenvolvido desde a década de 1970 numerosos estudos que tratam de questões

74 Livro intitulado *Identidade, etnia e estrutura social* (1976), composto por quatro ensaios escritos pelo autor, divididos em capítulos complementares.

75 Esta publicação *post mortem* –, título original *Studien über die Deutschen* – é, na realidade, composto de uma seleção de ensaios e conferências realizados por Elias em seus últimos 30 anos de vida, tendo autor falecido em 1990.

próprias das relações étnicas, essencialmente entre imigrantes alemães. Seyferth, contudo, utiliza-se em sua produção – especialmente em *Nacionalismo e identidade étnica* (1982), publicação resultante de sua tese de doutoramento concluída em 1976 – de conceitos introduzidos por Barth e de outros teóricos de semelhante orientação para discutir os fenômenos das relações étnicas. Identidade étnica, nação, nacionalismo estão entre os conceitos que Seyferth desenvolve no âmbito de seus estudos sobre imigração alemã no Sul do Brasil,⁷⁶ oferecendo um quadro analítico profícuo sobre este tema, especialmente quando se verifica entre os imigrantes dos chamados Primeiro e Segundo Períodos da imigração no Brasil⁷⁷, diferenças notáveis de concepção de pertencimento a um ou outro grupo dentre os tantos que compunham, à época, o contingente denominado alemão.

Outro termo objetivamente explorado por Seyferth é a noção de *Deutschtum*,⁷⁸ termo constituinte do processo analítico de estudos sobre imigração e construção da identidade étnica de grupos os mais distintos; entre os italianos, por exemplo, a *italianità* opera da mesma forma na constituição e afirmação do caráter nacional. Termo alemão para *germanidade*, diz mais sobre a construção de uma identidade étnica do grupo, reforçada nas mais diversas formas de manifestação cultural, a exemplo do que se verifica em Overbeck na sua publicação comemorativa de 1923 sobre o Clube Germania e a colônia alemã da Bahia. O termo refere-se, sobretudo, ao sentimento que os alemães possuem e mantêm em virtude e apesar de encontrarem-se distante de sua pátria. Portanto, as formas e mecanismos de cultivo da germanidade, se apresentam nas ações, atitudes e hábitos que reproduzam este sentimento, reforçando os laços entre os alemães e teuto-brasileiros e entre eles e sua terra de origem.

76 Seyferth realizou seu trabalho de campo no estado de Santa Catarina, nos municípios de Brusque e Guabiruba, embora tenha desenvolvido, desde então, inúmeras pesquisas que tratam sobre questões mais genéricas envolvendo o tema da imigração alemã no Brasil.

77 Segundo Diegues Junior (1964) dividiu o fenômeno migratório no Brasil em três períodos históricos: Primeiro (1818 -1850), Segundo (1850 -1888) e terceiro (1888 - 1950).

78 É possível discernir no conceito de *Deutschtum* (germanidade), diferenças de significação, inclusive em sua variante brasileira: “A idéia de *Deutschtum*, em sua variante teuto-brasileira (daí o uso eventual da expressão *Deutschbrasilianertum*), contém um ideal de superioridade germânica, etnocentricamente concebido por oposição aos outros brasileiros; mas podem ser percebidos dois significados alusivos, respectivamente, ao papel econômico-político dos alemães no Brasil e ao pertencimento étnico-nacional.” Cf. Seyferth (1999: 300).

2. Grupo étnico, comunidade, colônia.

Dentre algumas questões cruciais que permeiam o trabalho aqui em desenvolvimento, respeitantes à complexidade de estudos sobre relações interétnicas, destaco a seguinte: a conceituação do grupo ou comunidade que se constitui em objeto de pesquisa. A tentativa não é esgotar qualquer discussão sobre a adequação dos conceitos, mas buscar subsídios, através do que a teoria antropológica oferece para o ajustamento destes mesmos conceitos ao objeto ora pesquisado.

O primeiro deles, o de grupo étnico, está no centro das reflexões sobre estudos interétnicos desde Weber, mas sob a denominação de comunidade étnica, ganhando crescente destaque desde a publicação do trabalho de Fredrik Barth (1969)⁷⁹, que estabeleceu um marco teórico de ampla visibilidade no âmbito da produção teórica de estudos da etnicidade. Weber, embora utilize o termo comunidade, lança bases importantes para a discussão do conceito de grupo étnico, distintas daquelas que preconizam uma escolha racional de pertença a ele, mas fundado num *status*-grupo e em uma suposta honra social, para Weber “a etnicidade como tipo de atividade social baseada nos sentimentos de pertença deriva da comunalização e não da forma associativa guiada pelo interesse racional”⁸⁰. No entanto, dentre as numerosas definições existentes, inclusive a de Barth, sustentada pela noção de fronteiras como demarcadores fundamentais das clássicas relações de oposição entre “nós” / “eles” e “dentro / fora” do grupo, não se distinguem radicalmente entre si. Grande parte delas parece convergir para algumas condições essenciais à constituição de um grupo étnico: língua, contigüidade territorial, crença em uma origem comum, organização política, além de outras que se poderiam associar de acordo com o grupo investigado. No caso específico dos alemães em Salvador é possível identificar alguns destes aspectos “ideais” de um grupo étnico, o cuidado que se precisa tomar é com as diferentes fases que esta colônia urbana atravessou durante sua trajetória, porém, os mais evidentes são: a tendência de organização em clara oposição aos nativos (ao menos no aspecto mais amplo das

79 “Grupos Étnicos e suas Fronteiras”, tradução para o português da introdução disponível no livro “Teorias da Etnicidade”, de Poutignat e Streiff-Fenart (1997).

80 Em Poutignat e Streiff-Fenart (1997: 101-102).

relações socioculturais) e, mais recentemente, a ênfase em uma interação vinculada aos eventos comunitários e aos rituais praticados no espaço religioso da Comunidade Luterana.

Sobre o termo comunidade, é necessário não confundi-lo com a definição de comunidade étnica de Weber, tratado anteriormente, e dizer que não é propósito deste trabalho realizar um estudo de comunidade, dado que sua utilização como categoria analítica estará, no discurso por mim utilizado, referindo-se à Comunidade Luterana (protestante ou reformada) de Salvador, instituição que será descrita em capítulo posterior. O termo comunidade, então, surgirá para denominá-la genericamente, e para delimitar a separação entre o que é pertinente à Comunidade Luterana e o que é pertinente à colônia alemã. A razão pela qual trato destas distinções tem a ver com a própria variação ao se denominar a colônia como comunidade, como grupo ou qualquer outra definição que remeta aos alemães estabelecidos em Salvador e no estado da Bahia. Os imigrantes alemães e seus descendentes, em Salvador, eventualmente, utilizam o termo comunidade, diferentemente de registros documentais que utilizam o termo colônia⁸¹, a despeito de não serem eles exatamente “colonos”, conforme os concebemos em localidades diversas do país em que foram assentados para o trabalho agrícola, essencialmente. O uso, portanto, do termo comunidade em referência à colônia (urbana), mais tem a ver com o papel de destaque que a Comunidade Luterana exerce desde o período da reorganização da colônia no pós-guerra, precisamente a partir da década de 1950, e tornam-se quase sinônimos, em virtude da “materialização” das coisas próprias da colônia e a utilização do espaço físico da igreja como cenário privilegiado para as manifestações da germanidade promovidas por esta colônia.

Pretendo, com essa breve reflexão sobre os conceitos utilizados, demonstrar a intenção de circunscrever o objeto de estudo aos aspectos por eles destacado, sem, contudo, deixar de levar em consideração, a especificidades do objeto como se apresenta. Assumo ser um grupo étnico o que aqui se investiga, assim como ressalto o caráter de comunidade que a ele se aplica pelo viés da agregação religiosa e, por fim, adoto o termo colônia, visando a tornar claro que a presença

81 Recorro a Seyferth (1990:66) para uma melhor definição do termo no contexto urbano: “O termo colônia, aqui, não tem o mesmo significado a ele atribuído no contexto da colonização estrangeira, no Sul. ‘Colônia’ é o conjunto de pessoas de mesma origem que convivem e atuam no âmbito da comunidade étnica.”

alemã em Salvador adquiriu desde o século XIX características de uma colônia urbana e de notável capacidade de organização interna. Elementos como a crença em uma origem comum, combinados com a fundação de espaços de convivência e exercício de atividades profissionais que, de algum modo, colaboraram para a consolidação dos laços em comum entre os membros da colônia, permitem identificá-la, circunstancialmente, como grupo étnico, comunidade e colônia, a partir da perspectiva que se queira privilegiar no momento. Central é o interesse de estudar o fenômeno da imigração e das relações interétnicas, no âmbito da antropologia, tarefa a que continuo a me dedicar nas seções que se seguem no presente capítulo.

3. As (auto) denominações.

Considero necessário aqui retomar a questão da denominação dos imigrantes que vieram a compor a colônia alemã de Salvador. Como foi apresentado no primeiro capítulo, um período de tempo considerável se passou até que a denominação alemã ganhasse sentido político e de unidade nacional. A diversidade e a fragmentação do Sacro Império preservaram o sentimento regionalista de maneira notável, portanto, aqueles alemães que se vinham estabelecendo em Salvador tratavam-se, na realidade, de hamburgueses, bremenses, saxões, bávaros, hessianos, prussianos, entre outros tantos cujos interesses comerciais para esta cidade se dirigiam. Porém, a necessidade de construção de uma categoria analítica genérica e que denote os cidadãos dos territórios germânicos pré-Unificação, tem sido correntemente utilizada pelos pesquisadores das ciências sociais.

Aqui interessa pôr em foco a maneira como estas denominações se apresentam nas descrições e no discurso dos membros da colônia. De fato, apesar das distinções entre os alemães, fossem elas referidas ao credo ou às regiões de origem, não foram decisivas para o processo de estabelecimento como imigrantes no Brasil no decorrer do século XIX. Segundo Seyferth (1982:165), “[...] o sentido de solidariedade existente entre os imigrantes nas primeiras décadas da colonização também ajudou a minimizar as possíveis divergências internas do grupo étnico”, o que, guardadas as devidas proporções, pode ter sido um operador da reunião dos diversos grupos presentes em Salvador. A inserção urbana caracteriza a

solidariedade entre os membros da colônia de outras formas, além da identidade alemã que todos eles tinham em comum, a competitividade das empresas cujos proprietários eram alemães em relação, sobretudo, ao domínio inglês neste segmento de atuação, certamente contribuiu para que existisse algum tipo de associação entre eles. A categoria genérica alemão não dá conta das nuances existentes na composição da colônia e em geral refere-se a qualquer indivíduo que por cidadania ou ascendência, evidencie essa condição. Overbeck (1923) utiliza esta categoria, mas, não raro, sublinha a procedência do indivíduo citado, como bremense, hamburguês ou hannoveriano, por exemplo. Neste trecho, observa que, com a fundação da Confederação da Alemanha do Norte, o quadro fragmentário começava a se modificar:

Erst nach 1866 mit der Gründung des norddeutschen Bundes ändert sich das. Das gemeinsame Deutsche kam zu Tage; der Hamburguer und Bremer sah nicht mehr so scheel auf den Bunzlauer oder Breslauer, bis mit dem Kriege das Deutschfühlen dem Partikularismus ganz ein Ende machte.⁸²

Além das denominações relativas à procedência de regiões distintas da Alemanha, uma outra forma de categorizar membros da colônia, genericamente, como alemães, faz com que sejam assim denominados também os descendentes de alemães, que a rigor enquadrar-se-iam na categoria teuto-brasileiro. Esta categoria, que consagrou-se em estudos como os de Willems (1941) e em praticamente todos os outros que se seguiram a ele, engloba tanto os descendentes de alemão, como alemães que adotam um *modus vivendi* característico dos imigrantes alemães estabelecidos no Brasil, ou seja, ainda que a tentativa de reprodução de usos e costumes germânicos verifique-se entre os membros de uma colônia, o resultado desta atitude se distingue daquele que se poderia classificar como “original da Alemanha”, assumindo um caráter intermediário, no sentido que ele passa atribuir ao cotidiano neste novo espaço.

82 Em tradução livre do autor: “Somente após 1866 com a fundação da Confederação da Alemanha do Norte alterou-se a situação. A união dos alemães tornava-se realidade; os hamburgueses e bremenses não mais olhavam ‘atravessado’ para os naturais de Breslau e Bunzlau (*ambas cidades da baixa Silésia, na antiga Prússia e na atual Polônia, grifo meu*) e com a guerra (*da Unificação em 1871, grifo meu*) o sentimento alemão fez com que o particularismo chegasse ao fim”. Overbeck (1923: 10).

Na fala dos informantes apresenta-se alguma diversidade de termos ou denominações que correspondem à mesma condição: alemão e descendente de alemão são denominações que se verificam com freqüência, enquanto que à denominação “teuto-brasileiro” não se recorre em qualquer caso entre os membros da colônia, permanecendo restrita à categoria analítica manejada pelo pesquisador. Durante as entrevistas e observações realizadas no trabalho de campo, a autodenominação alemão raramente foi complementada com algo semelhante à “filho de alemão”, “descendente de alemão”, a não ser que se colocasse a questão sobre onde havia nascido. Além de ser uma autodenominação freqüente, também é bastante utilizada pelos nativos e outros indivíduos que estejam fora ou em oposição ao grupo étnico teuto-brasileiro. Episódio interessante, relatado pelo pastor em exercício da Igreja Luterana, deu-se com uma descendente (filha) de pais alemães de uma tradicional família da colônia de Salvador, a senhora Margareth: certa ocasião enquanto se reunia em uma atividade desempenhada por um grupo de senhoras pertencente à igreja, uma delas, alemã chegada ao Brasil após a Segunda Guerra Mundial, criticava o “jeito de ser” dos baianos (em particular as mulheres a quem usualmente se recorre no Brasil para a realização de tarefas domésticas) quando a senhora Margareth interveio, dizendo algo como “Cuidado com o que você fala, eu sou baiana!”. Essa mesma senhora, quando perguntada como se definia, sempre privilegiou a denominação alemã e assim foi descrita por outra informante de origem suíça, como “o jeitão dela é de gringa (alemã) mesmo, como diz o povo, né?”. Entretanto, após morar na Suíça por mais de duas décadas e perguntada se preferia morar lá ou em Salvador, respondeu: “Olhe, eu nasci com sol, eu gosto de acordar com o sol e lá na Suíça tem muita neblina. Nove horas tá está escuro, de manhã, é (parece) noite. E quatro da tarde é noite de novo. Isso não tem aqui [...]”, reforçando que, apesar de se dizer alemã e não baiana ou brasileira, valoriza as características climáticas de Salvador, sua cidade natal, como algo que lhe é familiar.

Fundamental frisar que a colônia recebeu contribuições de alemães que se dirigiram a Salvador após a Segunda Guerra Mundial, cujo número de membros é relativamente significativo até os dias de hoje. Em geral vieram para exercer funções específicas em empresas alemãs ou de outras origens e também na Universidade Federal da Bahia – há pelo menos dois casos de membros que vieram para atuar nesta instituição e mesmo após a aposentadoria, permaneceram em Salvador.

Wolfgang Roddewig recorda-se de que funcionários da Bosch, instalada na Bahia “[...] eram muito alegres, tinham católicos no meio (*deles*), faziam churrasco traziam certas novidades, discos de música moderna, contavam coisas diferentes, foi benéfico [...]”, destacando a importância do contato entre estes alemães recém chegados e a colônia local, além do fato de que estes não necessitavam ser protestantes para participar de congraçamentos promovidos no seio da Comunidade Evangélica Luterana. A senhora Margareth lembra, igualmente, de engenheiros alemães da Tibrás (empresa ligada à Bayer e instalada em Camaçari na década de 1970) que vieram residir em Salvador e freqüentavam a casa da mãe dela e a comunidade (aqui no sentido de colônia) para “falar alemão”. Mas ressalta que, dentre estes, muitos voltaram, revelando outro fator pertinente a esta colônia: a presença, por espaços de tempo limitados, de alemães que a freqüentaram e à Comunidade Luterana durante sua estadia na Bahia.

Dentre os membros com quem pude interagir mais assiduamente, a categoria “baiano” não foi registrada como prioritária na autodenominação, embora entre os jovens estejam evidentes traços comportamentais que em nada ou pouco os distinguem de um jovem nativo de mesma classe social. “Baiano” mais representa o nativo de Salvador, sugerindo, na mesma linha de discurso, certa similaridade com o “brasileiro”, nativo do Brasil, ambos circunstancialmente utilizados para marcar a oposição entre estes e os alemães ou descendentes (teuto-brasileiros). Nestes casos, poucos na realidade, parecem haver uma simetria putativa entre o discurso de teuto-brasileiros e alemães residentes em Salvador quando em interação entre si ou nas falas em que esta oposição seja considerada necessária à contextualização de determinado evento comum a eles.

A existência, desde fins da década de 1970, de membros da Comunidade Luterana originários da Região Sul do Brasil, acrescentou ainda outra denominação que se sobrepõe, em alguns casos observados, à ascendência alemã. Na fala de alguns informantes aparece a expressão “(descendente de) alemão lá do Sul”. Os usos propriamente ditos de costumes “gaúchos” percebidos entre membros sulistas evidenciam mais do que o próprio discurso, a sua origem. Para isto certamente colabora o fato de que nas últimas duas décadas, ao menos dois dos pastores luteranos enviados à Paróquia, provêm do Rio Grande do Sul.

Conclui-se que para os membros da colônia cuja ascendência alemã é identificada como de segunda geração, a denominação alemão prevalece ante

qualquer outra, enquanto que entre os alemães natos e teuto-brasileiros provenientes do sul, por exemplo, não se faz necessária aos primeiros e, para aos últimos, circunstancialmente, a denominação “gaúcho” prevalece. Outras denominações foram identificadas, mas se relacionam à interação dos membros da colônia alemã e indivíduos ou grupos de outras etnias, sobre a qual tratarei em momento posterior deste capítulo.

4. Os “colonos urbanos” em Salvador.

Mesmo que não se possa falar de uma colônia alemã em Salvador até, aproximadamente, a terceira década do século XIX, fato é que há registros da presença de cidadãos dos diversos estados da Confederação Germânica. O Reino da Prússia e da Baviera, Cidades Livres Hanseáticas de Lübeck e de Bremen (1817), Hamburgo (1820) estavam entre as primeiras representações consulares. A partir da década de 1820 é possível identificar as seguintes: Württemberg, Hannover, Confederação da Alemanha do Norte, Grão-Ducado de Mecklemburg-Schwerin, Grão-Ducado de Oldemburg, Reino da Saxônia, Grão-Ducado de Hesse, Ducado de Nassau, Cidade Livre de Frankfurt e Eleitorado de Hesse-Kassel. As representações diplomáticas procuravam atender predominantemente a interesses comerciais alemães no Brasil Império; dentre os participantes do corpo diplomático em questão, a maioria dos territórios citados contavam com cidadãos que já se haviam estabelecido em Salvador e, nesta cidade, conduziam negócios dos mais variados ramos. À altura da visita do príncipe Maximiliano da Áustria à Bahia em 1860, já se identificavam em Salvador cerca de trinta representações diplomáticas de estados alemães. O próprio príncipe observara que em diversas residências na Avenida Sete de Setembro, na Vitória havia bandeiras hasteadas de cada um dos estados que ali se faziam representar por seus cidadãos, denominando-o “bairro consular” e após ironizar sobre “quem” não exercia este cargo em Salvador, complementa: “Todos eles são, porém, alemães e, por sua própria origem ou pela hierarquia dos trinta e dois estados, ambicionam novamente, seu posto. Imagine-se, portanto, que ninho de más línguas ou que aldeiazinha germânica é a bela Vitória!”⁸³ Na realidade, em

83 HABSBURGO, Maximiliano de. Bahia 1860 – esboços de viagem. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982, p. 79.

parte dos casos, estes representantes consulares não provinham do local que denominava a representação, ocorrendo mesmo um “rodízio” entre aqueles de maior prestígio nos cargos de cônsules⁸⁴.

Segundo informa Wolfgang Roddewig – que exerceu o cargo de cônsul honorário da Alemanha na Bahia por mais de duas décadas, desde o início dos anos 1980 – tratavam-se de “poderosos comerciantes importadores e exportadores que lidavam com fumo, cacau e navegação”, atraídos desde a segunda década do século XIX pelo processo de abertura dos portos promovido por D. João VI e impulsionados pela assinatura da Convenção de Comércio e Navegação, firmada em 07 de novembro de 1827 entre o Brasil e as Cidades Hanseáticas (Bremen, Hamburgo, Lübeck)⁸⁵.

Portanto, a discussão sobre nomear a comunidade de Salvador “colônia” suscita algumas observações necessárias a sua elucidação. A presença de representantes comerciais e consulares na capital evidencia que as atividades comerciais com outras nações e estados, especialmente europeus, ampliavam-se. Ao longo do século XIX, estas atividades intensificaram-se, não só em Salvador, mas em outros portos do Brasil. O dado relevante parece ser que, sendo Salvador, ao lado do Rio de Janeiro, o principal porto brasileiro e a província da Bahia tornando-se importante pólo produtor de fumo e cacau, principalmente, a presença de negociantes estrangeiros se justificava inteiramente. Se se pode afirmar algo com segurança sobre a colônia alemã em Salvador, é a relação direta entre seu surgimento e a intensificação das relações comerciais entre o Brasil, neste caso, a Bahia e o interesse de diversos empresários de fixarem-se nesta cidade. Está claro, porém, que este não foi um movimento de migração em massa, as motivações comerciais traziam indivíduos que, em muitos casos, viajavam ao Brasil, da mesma forma que o faziam em outros países onde tinham interesses comerciais. A fixação, ainda que tímida, deu-se de fato e as evidências encontram ainda hoje na capital baiana. Sob este aspecto, não diferiu muito do que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo.

84 Cf. Seção Arquivos Colonial e Provincial. Correspondências Recebidas dos Consulados. Ano: 1828 -1869. Maço 1165.

85 Cf. Seção Arquivos Colonial e Provincial. Legação e Consulado Geral do Império do Brasil nas Cidades Hanseáticas (1848, Hamburgo). Maço1212-1.

Entretanto, quanto maior se tornava o número de empresas estabelecidas em Salvador, maior era o contingente de profissionais demandado ao seu funcionamento. A prosperidade destas empresas proporcionou a crescente fixação de cidadãos dos diversos estados alemães e a conseqüente necessidade de permanência. Os casamentos com brasileiras certamente foram um fator que colaborou para a fixação de empresários, embora não ocorressem de modo significativo nos primeiros anos de constituição da colônia. Vale ainda observar a organização desta colônia quando, já na década de 1840, fundava a Associação Baiana de Tiro ao Alvo (*Bahia Schützenverein*) em Salvador e em 1851 criava a Associação Cemitério dos Estrangeiros (*Fremdenkirchhofverein*) em frente ao Cemitério do Campo Santo e a Sociedade Germania, em 1873, sucedendo a referida associação de tiro. Durante o século XIX, escolas, pensões, restaurantes dentre outros estabelecimentos dirigidos por alemães, faziam parte do cenário urbano de Salvador. No século XX, especialmente em sua primeira metade, a comunidade alemã havia fundado um número considerável de empresas e, mesmo com o advento da Primeira Guerra Mundial, continuava a exercer papel relevante na economia baiana e, conseqüentemente, a consolidar sua presença como colônia urbana. Nos segmentos de construção civil, óptico, químico, fumageiro e de comércio exterior, os alemães mantinham em evidência sua atuação econômica no estado da Bahia, exercendo então, a capital baiana, papel essencial através das empresas envolvidas com as atividades comerciais de importação e exportação.

O caso de Salvador em muito difere daqueles do Sul do Brasil, onde o estabelecimento rural para a formação de colônias era, naturalmente, propício a um movimento “para dentro” destas comunidades e que reforçava a idéia de enquistamento tão propalada pelo governo e sociedade brasileiros na primeira metade do século XX. A conformação urbana conferiu, desde o início, um dinamismo fundamental para o desenvolvimento da colônia, não obstante buscassem meios de convivência mais restritos ao grupo étnico. Durante o século XIX, a colônia alemã estruturou-se, essencialmente, em torno das atividades comerciais às quais muitos dos empresários e negociantes de menor *status* (caixeiros viajantes) e outros cidadãos, em número menor, dispersos pela cidade, exercendo atividades artesanais, se dedicavam. Deste modo, o núcleo que daria forma e organizaria a colônia durante as décadas seguintes do século XIX, era constituído por empresários, que além de deterem o capital, adquiriam crescente

prestígio na sociedade local. A colônia alemã de Salvador, pois, sempre participou ativamente do universo comercial e industrial da capital e do estado, assim não parecia causar estranhamento pelo fato de portarem-se, em geral, como se esperava de indivíduos pertencentes à classe dominante branca dos séculos XIX e XX⁸⁶. A atividade comercial, como nenhuma outra, à época oferecia aos empresários, alemães ou não, a possibilidade de acumular riqueza e de angariar projeção na esfera social local.

No seio da colônia, pois, notava-se a segmentação entre os alemães, teuto-brasileiros e outras etnias, no que dizia respeito à natureza da convivência entre eles. Esta condição de coexistência entre alemães e teuto-brasileiros locais e oriundos de outras regiões do país (com destaque para o sul) marca uma especificidade da colônia de Salvador, na medida em que se, não mais agrega “novos” alemães ao seu meio, possui número considerável deles em sua composição, emigrados entre o pós - Segunda Guerra e a década de 1970. As agremiações anteriormente mencionadas foram fundadas por razões que se poderiam associar à identidade étnica da colônia, contudo os fundadores foram indivíduos que ocupavam posições de notada centralidade, fosse como empresários, ou como detentores de cargos relevantes em empresas, instituições públicas ou particulares.

A tentativa de aumentar o prestígio da cultura e dos produtos alemães junto à sociedade brasileira e, por conseguinte, à sociedade baiana não deve ser negligenciada. Se as atividades comerciais exercidas por membros da colônia estavam vinculadas ao comércio de exportação e importação, o interesse de ampliar a aceitação de produtos alemães em detrimento daqueles provenientes da Inglaterra e da França, principalmente, o esforço para alterar este estado de coisas evidenciava-se entre os alemães e teuto-brasileiros. Até as décadas finais do século XIX a reduzida colônia não se projetava na sociedade soteropolitana com grande

86 Interessante, ainda, a menção à existência de uma variável relevante para a análise do processo de estabelecimento das relações entre alemães e seus descendentes no seio da sociedade local que, no caso da Bahia, em particular de Salvador no período da Primeira República (1889-1930), distinguir-se-ia de outras comunidades germânicas predominantemente agrárias constituídas no Brasil desde os primórdios da colonização. Sobre esta época nos diz Jeferson Bacelar em seu trabalho sobre os imigrantes galegos na Bahia: “[...] e tantos outros, alguns alemães, ingleses e suíços, fazem o *gran-monde*, a elite identificada como branca, civilizada, cosmopolita [...]”. Bacelar (1994, p. 22)

amplitude, assim a unificação em 1871 foi sem dúvida um acontecimento que auxiliou na mudança de postura da população local – essencialmente da classe dominante. Faz sentido, portanto, a observação de Edelweiss sobre o período de “apogeu” da colônia alemã na Bahia, que se estenderia desta data até a segunda década do século XX.

5. Alemães, descendentes e seu “lugar” em Salvador.

Para melhor compreender a existência da colônia alemã e teuto-brasileira em Salvador e sua inserção no espaço urbano desta cidade, creio ser válido discorrer, ainda que muito brevemente, sobre o cenário em que se desenvolveu esta colônia. Em primeiro lugar, a importância de Salvador como principal porto brasileiro, mesmo após a transferência da capital do Império para a cidade do Rio de Janeiro, demandou, após a abertura dos portos por D. João VI, reformas que viabilizassem a ancoragem de navios de maior calado. E é neste período que os alemães começam a estabelecer seus negócios em Salvador. Com o passar do tempo, a cidade, após ganhar ao mar significativas áreas para urbanização, se verticaliza na região do Comércio e um dos marcos deste período é a construção do prédio que abrigou a sede da maior empresa importadora e exportadora do norte / nordeste, *Westphalen, Bach & Krohn*, ainda na segunda década do século XIX.

Na primeira metade do século, já se inicia uma divisão no espaço urbano que afeta diretamente na organização da colônia, a Cidade Alta, que se consolida como região administrativa e de residência da elite, e a Cidade Baixa, onde as atividades comerciais fundamentalmente vinculadas ao porto, à época, predominam. Na metade do século a cidade contava com cerca de 100.000 habitantes, dentre os quais estima-se que cerca de metade fossem escravos ⁸⁷. Em mapa de Carlos Augusto Weyll, da primeira metade do século XIX, observa-se que a maior concentração urbana de Salvador ocorria na Cidade Baixa, da região portuária estendendo-se, – sempre rareando o número de construções, até o bairro de Roma e observando-se pouquíssimas habitações para além desta localidade – na direção da península de Itapagipe. Da zona portuária ou do Comércio, ascendendo à Cidade

87 Fonte: História Urbana de Salvador, produzido pela Coordenação de Extensão Comunitária da UNIFACS, organizado por Débora Nunes, s/d.

Alta, a concentração maior se dava até o Campo do Barbalho, Nazareth e Barris. A região do Campo Grande e adjacências como os atuais Garcia, Vitória, Graça e Barra, ainda encontravam-se escassamente povoadas⁸⁸.

A partir da segunda metade do século XIX, a cidade cresce em direção à Barra, consolidando a região da Vitória como o local preferencial da elite da capital e, pouco a pouco colocando a orla, a partir do porto da Barra, no perímetro urbano. No entanto, levaria ainda quase um século até que as localidades para além do Rio Vermelho, fim de linha de alguns itinerários de bondes, tornassem-se mais do que opções de veraneio. A preocupação nesta época ainda era grande com relação à higiene necessária ao crescimento urbano, cabe lembrar que por volta ainda da metade do século XIX e anos seguintes, Salvador foi vitimada por epidemias de febre amarela e cólera, que redundaram em numerosos óbitos entre a população local e, notadamente, entre os estrangeiros ali residentes⁸⁹.

Vale à pena citar, ao menos, trechos da descrição da cidade feita por Avé-Lallemant, quando de sua passagem pela província da Bahia em 1858:

Começa com o citado farol, no litoral, e sobre uma rocha saliente, no meio de pequeno forte, contra o qual arrebentam as ondas espumantes. Ergue-se por trás o solitário convento ou igreja de S. Antônio, sobre uma elevação alcantilada, enquanto, mais em baixo, na praia, as insignificantes baterias de S. Maria e S. Diogo guardam a entrada da baía. No alto e no fundo, exuberante vegetação de palmeiras. Toda essa ponta sul da baía chama-se também Graça, em intenção duma pequena e velha igreja ali situada, que data do tempo dos primeiros descobridores. No alto da costa, casas de campo, vistosos jardins, praças e o forte de S. Pedro; em baixo, na praia, começa a verdadeira cidade com casas altas, ruas estreitas e sujas e intensa vida comercial. Estende-se mais além para o norte e para o noroeste terminando com longa fila de habitações à beira-mar, que pouco a pouco se perdem no distante Bonfim e Monserrate. Em cima, no alto, para o interior, a cidade alta, continuação alcantilada da cidade baixa, uma babel de casas, igrejas, conventos, um caos de vielas, praças, recantos, becos e travessas, que sobem e descem, e em cuja conexão, só depois dalgum tempo, pode o recém-chegado descobrir alguma ordem⁹⁰.

88 Idem.

89 É notório, este momento, através dos registros de óbitos do Cemitério dos Estrangeiros, instituição que será contemplada em seção apropriada.

90 Avé-Lallemant (1980:21-22).

A estrutura de transporte público baseava-se em bondes, puxados ainda por mulas – em fins do século os bondes mecânicos começariam a ser utilizados e apenas no século seguinte, os bondes elétricos –, o que não impediu a convivência destes três modelos na cidade até o início do século XX. Com a construção de vias como a Ladeira da Montanha, o acesso com veículos sobre rodas tornara-se possível, o que obrigou o investimento em veículos que nelas trafegassem, uma vez que o grau de inclinação destas vias impossibilitava o acesso de outros meios de transporte mais rudimentares. Sobre o bonde movido à tração animal Wilhelm Overbeck registrou em seu livro a seguinte observação:

Die Transportes urbanos hatten breitspurige Gleise, man fuhr bis zur Höhe des hinteren Theatereingangs; dann wurden die Maulesel ausgespannt, und der Wagen glitt dem Eigengewicht einerseits und der Bremsfähigkeit des Führers andererseits überlassen bergab. Vor dem jetzigen Guarany wurden die inzwischen herabgeführten Tieren wieder vorgespannt und je nach Bedarf ein oder zwei weitere seitlich oder davor als Hilfe, um die Rua Carlos Gomes vollbepackt mit Passagieren hinaufzukommen. Der Eifer des mit der Überwachung dieses Dienstes betrauten alten Angestellten war Quelle immer erneuter Heiterkeit für die Passagiere. Es waren wirklich noch gute gemütliche Zeiten; man war anspruchslos, schimpfte zwar und war doch zufrieden mitzukommen⁹¹.

A população estimada de Salvador em 1900 era de cerca de 205.000 habitantes, o que representava um crescimento de mais do que o dobro em relação ao número de habitantes estimados cinquenta anos antes. O contexto social da cidade na segunda metade do século XIX dividia-se em quatro categorias, conforme o poder econômico, de acordo com Kátia Mattoso (2002) em: a) funcionários da administração imperial, militares de alta patente, o alto clero secular e regular, grandes comerciantes e grandes proprietários rurais; b) funcionários, militares, comerciantes, proprietários rurais, com ganhos inferiores ao primeiro grupo, além de profissionais liberais e mestres de ofícios nobres como ourives e pintores; c) funcionários subalternos da administração real, militares de baixa patente,

91 Os transportes urbanos tinham trilhos largos, se dirigiam até a altura da entrada dos fundos do teatro, ali as mulas eram arreadas e o carro descia, por um lado em decorrência do próprio peso e por outro, da capacidade de frear do condutor. Em frente ao atual Guarany (*cinema*) os animais eram presos e, de acordo com a necessidade, mais dois eram colocados ao lado ou em frente para auxiliar à subida da Rua Carlos Gomes, cheio de passageiros. O ânimo dos velhos responsáveis por esse serviço era fonte de diversão para os passageiros. Ainda eram tempos realmente bons e agradáveis, não se tinha exigências, reclamava-se, mas se era feliz por vivenciá-los. Overbeck (1923: 99-100).

profissionais liberais secundários, mestres de ofícios mais simples (pedreiros e carpinteiros) e pequenos comerciantes e, d) mendigos escravos e desocupados⁹². Esta sociedade dividia-se, embora nem sempre pobres e abastados vivessem distantes, em regiões, em geral, bastante distintas da cidade, conforme Eloísa Peti Pinheiro a distribuiu:

Na Sé, e depois da Vitória, Canela, Graça e Barra, vivia a população de alta renda; em Santo Antônio, em Santana e no Passo (região do Carmo), vivia a classe média; na Cidade Baixa (Comércio e Conceição da Praia), situavam-se os comerciantes, principalmente os portugueses, que viviam nos mesmos edifícios em que trabalhavam e, no bairro de Brotas, semi-rural, existiam terrenos arrendados a trabalhadores livres, de modo geral, pobres.

A região norte – onde se situam a península itapagipana e a ponta do Paripe, utilizadas para veraneio da elite local –, era pouco habitada, em geral por moradores de baixa renda, quadro que se modificou após a implantação da linha férrea, possibilitando o estabelecimento mais intenso destes últimos naquelas localidades. A rede de transporte, ainda segundo Pinheiro, criou a possibilidade de se trabalhar e morar em locais mais distantes, que não se podiam necessariamente ter acesso caminhando. Esta nova realidade contribuiu para a separação gradual das classes sociais, afastando das regiões mais centrais e privilegiadas, os habitantes subalternizados.

No início do século XX, marcado pelo período de estagnação econômica de Salvador que se fazia sentir desde fins do século XIX, as atividades que se destacavam, além daquelas mobilizadas pelo capital estrangeiro, eram a produção de fumo e cacau, atividades a que os alemães se dedicavam significativamente. À época, a transformação urbana continuava em curso sob os efeitos de ondas migratórias provindas do interior do estado e pela expansão contínua da cidade na direção sul, a Orla atlântica que inicia-se na Barra, rumo aos balneários do Rio Vermelho, Amaralina, Pituba até Itapuã. No curso deste desenvolvimento Salvador experimenta, sobretudo a partir da década de 1950, a ampliação de sua malha urbana configurando desde então, as características urbanas que, de modo geral,

92 Cf. História Urbana de Salvador, produzido pela Coordenação de Extensão Comunitária da UNIFACS, organizado por Débora Nunes, s/d.

perduram até a atualidade, com a distribuição populacional sendo facilitada pelas vias de acesso entre os vales que formam a cidade.

5.1 Moradas.

Proponho nesta seção o exercício de verificar, de acordo com os elementos apresentados na introdução do capítulo anterior e dados colhidos em documentos e entrevistas com informantes, como se distribuíam os imigrantes alemães em Salvador, até o período aproximado da dispersão ocorrida no pós-guerra de 1945.

Os alemães ou cidadãos dos vários estados de territórios germânicos que viviam em Salvador desde as primeiras décadas do século XIX, encontravam-se estabelecidos na malha urbana que a caracterizava naquele período. Inicialmente, os locais privilegiados obedeciam à lógica da proximidade com os locais onde exerciam, majoritariamente, suas atividades profissionais. O critério da posição social era, certamente, relevante; contudo somente a partir do momento em que se consolidava a fixação destes indivíduos na cidade, poderia ser efetivamente considerado. A hospedagem em pensões e, eventualmente, em residências de amigos ou conhecidos já estabelecidos, eram práticas comumente identificadas naquele tempo.

Com o avançar do século e da consolidação da colônia em Salvador, ao mesmo tempo em que os negócios prosperavam, incrementou-se a procura pelos locais tradicionalmente pretendidos pela elite da capital, com a região central da Cidade Alta, especificamente o Campo Grande e a Vitória, não excluindo a porção superior do Garcia, Graça e Canela. Esta região oferecia a vantagem de não ser ainda tão populosa quanto o “miolo” que concentrava a região da Piedade, Aflitos e Avenida Sete de Setembro e suas vias de acesso à Cidade Baixa através de ladeiras, por exemplo. Além disso, o aspecto paisagístico, mesmo para a época, já indicava a preocupação em tornar a referida região, um espaço de flagrante bem estar e que atraiu não só a elite nacional, mas também os diversos estrangeiros bem-sucedidos que se estabeleceram em Salvador: ingleses, suíços e, também, alemães, procuraram, não só ali residir, como fundar seus núcleos de convivência social. Como exemplos, citaria a Clube Inglês e, mais tarde, a Igreja Anglicana, no Campo Grande, a Sociedade Baiana de Tiro ao Alvo (*Bahia Schützenverein*), no

Garcia e, já na segunda metade do século em diante, a Sociedade Germania e o Colégio Alemão, na Vitória. Representações consulares também foram estabelecidas nesta região, assim como o mais conhecido estabelecimento de hospedagem entre os alemães, a Pensão Jensen, que se situava, igualmente, na Vitória, próxima ao clube e colégio alemães. Overbeck (1923) cita, em não poucas ocasiões, os locais onde os empresários que atuavam nas esferas políticas da colônia, residiam. Menciona o Campo Grande – “um lugar aberto, descuidado com antigas e imponentes árvores, onde uma área pantanosa havia sido aterrada”, salientando que com o erguimento do Monumento à Liberdade, em 1893, um paisagista alemão cultivou o jardim que remete à característica que possuía nas primeiras décadas do século XX⁹³; e a Vitória que, segundo o empresário e autor do livro, não era uma via muito utilizada, com ruas estreitas, com raras calçadas e calçamento precário, além de muitas árvores antigas nos jardins a frente das residências e poucas delas possuíam mais do que um pavimento⁹⁴. A senhora Margareth lembra-se que seu avô, Theodor Westphalen, após casar-se na Alemanha, morou com a esposa “no início do Corredor da Vitória, próximo ao Campo Grande, só que minha avó não seu deu bem com o clima, era muito primitivo naquele tempo, era tudo areia, bondes puxados por mulas”. Overbeck recorda ainda a Rua Direita do Palácio, onde se localizava a Loja Mottau⁹⁵, preferida pelas damas alemãs para realizarem suas compras, o que obrigava os homens casados, nestas ocasiões, a “*tiefer in die Tasche greifen*”⁹⁶.

Entretanto, não se deve supor que o caráter elitista a que se associa a colônia alemã de Salvador no século em destaque, circunscrevia as moradias de muitos de seus membros a este espaço. A região central, anteriormente mencionada, abrigou cidadãos alemães que, se considerada a divisão proposta por Mattoso, exerciam atividades outras, inclusive comerciais e associadas às grandes empresas, mas também caixeiros que por razão de constituírem família na Bahia, buscaram residir nos espaços que se lhes eram possibilitados pelo *status* econômico. Em lista

93 Overbeck (1923: 70).

94 Idem, ibidem.

95 Idem, pg. 74

96 “Pôr, mais fundo, a mão no bolso”.

documental de “Termos de Apresentação de Estrangeiros”⁹⁷ e “Títulos de Residência a Estrangeiros”, foi possível identificar registros destes indivíduos e suas famílias, que viveram nos seguintes logradouros: Ladeira da Preguiça, Ladeira da Praça, Areal de Baixo, Areal de Cima, Beco dos Calafates, Rua Direita de Santo Antonio além do Carmo, Rua do Paço, Rua dos Barris, Rua da Lapa, Praça do Palácio, Rua das Mercês, Rua da Piedade, Aflitos de São Pedro, Rua de São Bento, Rua do Rosário, Rua do Bom Gosto, Rua do Hospício, Rua do Mundo Novo, Rua da Faísca, Rua do Unhão, Rua do Fogo, Rua da Barra, Rua da Alfândega, dentre outros, distribuídos pelas freguesias de São Pedro, de São Pedro Velho, da Vitória, Freguesia da Sé e assim por diante. Nota-se um ou outro caso de morador da Cidade Baixa (Freguesia do Pillar) e da própria freguesia da Vitória, que não se limitava apenas ao trecho da Avenida Sete de Setembro onde se concentrava a elite, incluindo Barris e Aflitos, por exemplo, em sua extensão.

A documentação referida aponta dados interessantes sobre a fixação destes imigrantes, cuja situação de cada um deles era registrado pela polícia provincial como: Obteve Título de Residência “para sempre”, prazo de 2 anos, prazo de 1 ano e prazo de 6 meses, além de casos em que deviam apresentar-se a polícia a cada 6 meses para prestar contas de sua atividade profissional e moradia. Mesmo nos casos de “para sempre”, não há garantia de que todos os contemplados permaneceram na cidade; o mesmo se dá com os casos de prazo de 6 meses a 2 anos, não se pode garantir que estes estrangeiros deixaram a cidade nos prazos estipulados ou os estenderam por razões que variariam da possibilidade de empreender seu próprio negócio a casamentos com brasileiras, por exemplo. Alguns dos estrangeiros registrados em 1842 e 1843 já se encontravam em Salvador desde o início da década de 1820 e, o registro “para sempre”, mais parece ratificar ou legalizar uma situação de permanência já consolidada por laços com a cidade, profissionais ou pessoais. Os casos que não se incluíam no *status* “para sempre”, freqüentemente referiam-se a caixeiros cuja faixa etária predominante oscilava entre 18 e 30 anos e obtinham títulos de permanência mais limitados, de 6 meses, 1 ano e 2 anos, estes últimos mais raros nos registros consultados. Notável também a

97 Curioso verificar que denominações como: nariz comprido, nariz grande, nariz grosso, nariz afilado, ruivo, sobreolhos louros, testa larga, testa estreita, cheio de corpo, seco de corpo, cabelos louros, olhos azuis, olhos esverdeados, eram utilizadas para auxiliar na descrição dos estrangeiros de origem germânica que se estabeleciam na Bahia. Estas caracterizações eram também utilizadas na descrição de outros estrangeiros cujos registros encontram no documento analisado.

ausência de mulheres, com exceção de dois casos específicos em que configuram, muito provavelmente, em criadas (governantas ou tutoras). Uma delas, inclusive estando sob a responsabilidade de um brasileiro que, por ela, assinou o título⁹⁸.

Nas primeiras décadas do século XX, com a já citada expansão da cidade para o sul e Orla atlântica, as referências de moradia também modificavam-se. A família da senhora Margareth, até a Segunda Guerra Mundial residiu na Avenida Princesa Isabel, na Graça, próximo ao extinto Clube Bahiano de Tênis, região a qual se referiu como pouco habitada na época de sua infância nos anos 1930. Regiões como a Federação passaram a atrair famílias de alemães e suíços, após o loteamento de fazendas desta localidade, na segunda metade do século XX, como lembra a senhora Margareth:

Aqui só tinha boi...Terra ótima! A casa do Dr. Elsimar Coutinho (onde funciona atualmente sua clínica) era de fazenda, o resto era muito bicho, mato, boi... Aqui, na Federação, só morava ou estrangeiro ou médico, sabe por quê? Porque o baiano não gosta de cemitério, já viu? Aqui na frente? (referindo-se ao Campo Santo e ao Cemitério dos Estrangeiros estabelecidos no século XIX, sendo o último criado em 1851, bastante tempo após a fundação do primeiro).

Não justificou esta afirmação sobre a resistência dos baianos a morar próximos a cemitérios, mas, não obstante se possa considerá-la de algum modo válida para a época, decerto não impediu que a cidade crescesse naquela direção durante o século XX e algumas famílias se estabelecessem nas imediações da Estrada de São Lázaro, onde já na década de 1960 foi construída a Igreja Luterana. Outra informante, a senhora Susana, filha de suíços, que viveu parte de sua infância em Ilhéus, residiu em Brotas e no Rio Vermelho, recorda que o deslocamento desde o Campo Grande na região próxima ao Colégio Alemão era feito de bonde. A praia do Rio Vermelho também era local de lazer e lembra que uma das distrações era “catar pititingas⁹⁹ caídas das redes de pescadores que acabavam de voltar do mar”. A senhora Lívia, brasileira, também ex-aluna do Colégio Alemão, lembrou-se que um

98 Seção Arquivos Colonial e Provincial. Polícia: Termos de Apresentação de Estrangeiros (1839). Maço 5656; Polícia: Títulos de Residência a Estrangeiros (1842). Maço 5657-1; Polícia: Títulos de Residência a Estrangeiros (1842 - 1843). Maço 5659; Polícia: Títulos de Residência a Estrangeiros (1839 - 1841). Maço 5657.

99 Espécie de peixe, bem pequeno, cuja ocorrência é comum no litoral de Salvador e bastante apreciado, ainda hoje, como petisco, ao ser preparado frito com farinha e servido em porções que podem conter dezenas deles.

sobrinho do seu pai alugava “casa de veraneio em Amaralina” e que, ainda na década de 1930, “tomava-se um bonde para ver o mar”, cujo fim de linha ficava no Rio Vermelho.

Se até os anos 1940 os membros da colônia tendiam a concentrar-se nas regiões mais tradicionalmente identificadas como preferenciais, fosse para elite, fosse para aqueles com menor poder aquisitivo, a partir de então, especialmente após a dispersão da colônia, os critérios de escolha (ou ausência dela) parecem ter acompanhado o processo de reorganização urbana de Salvador, que acentuou, gradativamente, a separação de seus habitantes por critérios socioeconômicos e criou novos locais privilegiados de residência, caso da Orla atlântica. Há casos isolados como o da família da senhora Margareth, que mantém atualmente a casa construída na década de 1950 na Federação, onde moraram seus pais após a Segunda Guerra, e onde ainda reside um de seus irmãos. Ela própria reside, atualmente, em rua próxima dali, no mesmo bairro.

Ondina, Rio Vermelho, Pituba, Caminho das Árvores, Vitória, Barra são alguns endereços de residência verificados entre os membros da colônia, no entanto, este é um dado sobre o qual não se fundamentaria qualquer relação étnica específica, à maneira como foi observado no passado. O que se poderia, eventualmente destacar, é a existência de restaurantes típicos (cada vez menos comuns) nestes bairros, que nos casos da orla de Salvador, teriam potencial para atrair mais turistas do que propriamente membros da colônia. Nota-se, atualmente, que membros da atual colônia residem no município de Lauro de Freitas e mesmo na região de Camaçari, em localidades do denominado Litoral Norte. Em Lauro de Freitas, havia inclusive, até cerca de dez anos, um restaurante de comidas típicas alemãs, onde que funcionava também uma *delicatessen*. Ali, era possível aos interessados na culinária alemã, adquirir alguns dos ingredientes para preparo de receitas em seus lares.

6. Vivências e Convivências.

Ao tratar das moradas dos membros da colônia, evidencia-se a necessidade de descrever também algo sobre a interação dos membros da colônia com outros segmentos da sociedade soteropolitana, em especial a população nativa. Incluo as

relações com outras etnias, com destaque para os suíços, com quem os alemães e teuto-brasileiros mantinham e mantêm estreitas relações desde o século XIX.

Os ingleses também, de certa forma, exerceram papel importante nas relações, havendo relatos que antes dos conflitos mundiais, reuniam-se para comemorar, por exemplo, o aniversário da rainha Vitória, ligada, dinasticamente, à casa de Hannover e Saxe-Coburgo-Gotha, alemãs, portanto. Estabelecidos antes dos alemães na Bahia, por conta dos privilégios concedidos a eles na ocasião da abertura dos portos, os ingleses, além de dominarem o comércio de importação e exportação, beneficiaram-se durante longo tempo do prestígio de representarem a maior potência mundial no estado. O Clube Inglês, situado no Campo Grande, foi durante muito tempo referência para a sociedade soteropolitana e, mesmo após a Segunda Guerra, ainda impressionava por seu *glamour*, inclusive a membros da colônia alemã que tiveram a oportunidade de visitá-lo. As relações com os ingleses se estenderam também ao domínio religioso, fato que será mais bem detalhado posteriormente.

Meu esforço dar-se-á no sentido de observar as relações cotidianas, em que as diversas formas de manejo da etnicidade se apresentaram (ou se apresentam) em relevo no contexto de interações sociais de Salvador. Perceber como ocorriam e que efeitos provocaram na trajetória da constituição da colônia são alguns dos objetivos a serem buscados a partir deste momento.

6.1 A colônia e os nativos: na cidade multicolor um pedaço da Germania re-configurada.

Início a seção tomando como auxílio impressões da população nativa de Salvador – com destaque para os afro-brasileiros –, descritas por dois alemães, em momentos distintos da história desta cidade. Com a cautela de não tomar tais impressões como verdadeiras e compartilhadas por todos os membros da colônia, as apresento com o intuito de ilustrar com imagens aproximadas, a percepção de estrangeiros (neste caso, alemães) a respeito destas pessoas. Em primeiro lugar, cito Avé-Lallemant, que em um misto de descrição impressionista e admiração pelo “exótico” dirigida aos africanos – numerosos na cidade –, apresenta o seguinte quadro no ano de 1858:

“Quando se desembarca na Bahia, o povo que se movimenta nas ruas corresponde perfeitamente à confusão das casas e vielas. De feito, poucas cidades pode haver tão originalmente povoadas como a Bahia. Se não se soubesse que ela fica no Brasil, poder-se-ia tomá-la sem muita imaginação, por uma capital africana, residência de poderoso príncipe negro, na qual passa inteiramente despercebida uma população de forasteiros brancos puros. Tudo parece negro: negros na praia, negros na cidade, negros na parte baixa, negros nos bairros altos [...]. Entanto, quase não se pode ver mais soberba figura de homem que as desses negros da Bahia, sobretudo os Minas, tão comuns ali”.¹⁰⁰

A despeito do evidente impacto causado pela constatação feita por Avé-Lallemant de que em Salvador predominavam os africanos e afro-brasileiros (e o componente de racismo percebido em seu discurso) e, ainda que se identifique alguma reverência às qualidades físicas por ele atribuídas aos negros, cabe ressaltar o sentimento de admiração do viajante quanto à peculiaridade da composição étnica e a dinâmica dela decorrente, onde “uma população de forasteiros brancos puros” se distinguia dessa maioria. Em 1858, a pequena colônia alemã de Salvador convivía com esta diversidade, porém participava da minoria hegemônica branca, cujo acesso pela via econômica, decerto, constituía-se em dado relevante. Estavam, os alemães, situados em estratos sociais distintos, porém identificados com elite branca da qual, por circunstâncias geralmente relacionadas ao sucesso profissional, faziam parte e no meio da qual conquistariam prestígio crescente no final do século.

Mais tarde, no século início do século XX, Overbeck, em discurso algo parecido com o anterior, descreveu assim a características da população negra de Salvador:

Straßenleben und die Strassen selbst waren auch viel interessanter. Die älteren unter uns erinnern sich der Kontorneger, deren manch einer noch die Zeichen schwerer Tätowierung im Gesicht trug; es waren treue, zuverlässige Leute. Heute sind sie ausgestorben, wie auch die alten Lastträger, zu deren Klasse sie gehörten. Auch die alten Negerinnen hatten solche Narbenschnitte auf beiden Wangen vielfach aufzuweisen. Sie liebten die alte Tracht, das reich durchbrochen gestickte Hemd, den weiten bunten Rock, meist so gestärkt, daß er krinolineartig abstand, die kleinen Pantoffeln und vor allem das echte ‚panno da costa‘, das Umschlagetuch, in verschiedenen Farben gestreift, afrikanische Handarbeit. Dazu kam eine überreichliche Sammlung von dickem, aufdringlichen

100 Avé-Lallemant (1980:22).

Goldschmuck, Ringe, Ketten und Armbänder und das turbanartig gebundene Kopftuch¹⁰¹.

No discurso de Overbeck, chama à atenção também a descrição que fez do zelador da Sociedade Germania, Marcellino, um ex-escravo nascido e criado na casa de Franz Wagner¹⁰² e que, mesmo depois de liberto, lá permaneceu. Algo diferente, diz de Marcellino que: “ele foi um sempre voluntarioso e leal ajudante, o modelo de um negro da *escola antiga (grifo meu)*”, fazendo supor que os negros da época em que foi publicado o livro não possuíam mais os referidos atributos. Este tipo de discurso reforça a idéia que provavelmente vigia no século XIX e assim parecia manter-se no início do século XX, de que as qualidades dos negros estavam relacionadas a critérios como: lealdade, presteza, bom comportamento e obediência, claramente indicativos das condições de subalternidade a que foram historicamente submetidos.¹⁰³

Igualmente interessantes os relatos da senhora Margareth – que mais de uma vez durante as conversas que tivemos, declarou-se contra atitudes racistas – sobre as relações interétnicas em Salvador, ocorridos nas primeiras décadas do século XX:

“Tinha mais do que um caso de que os homens quando eram solteiros se juntaram com negra, eu sei de três casos... Prossegue: Mas nunca casaram, pra casar iam na Alemanha e traziam uma alemã! Mas com brasileira branca, isso tem muito! Sabia de um caso de um alemão [...] que teve muitos filhos com uma negra, foi pra Alemanha, casou com uma alemã branca e pegou os filhos todos e tirou da mãe (não é ruim, isso?, perguntou-me), da negra. Educou

101 “A vida nas ruas e as ruas elas próprias eram muito mais interessantes. Os mais velhos, que se encontram entre nós, lembram-se dos empregados negros, dos quais alguns traziam tatuagens na face; eram pessoas leais e confiáveis. Hoje, estão mortos, assim como os antigos carregadores, que pertenciam à mesma classe deles. Também as velhas negras traziam marcas de cortes (*cicatrices*) que muitas vezes se mostravam em ambas as bochechas. Elas amavam os antigos trajes, blusas ricamente decoradas com pedras, largas saias coloridas, a maioria bastante resistente, as pequenas chinelas e, acima de tudo, o genuíno ‘pano da costa’, o xale com diferentes listras coloridas, artesanato africano. A tudo isso acompanhava uma abundante coleção de impertinentes adornos dourados, anéis, colares e grossas pulseiras e um lenço preso firmemente como um turbante”. Overbeck (1923:96).

102 Empresário, membro destacado da colônia, atuante na época da grande seca (1889) e na Guerra de Canudos (1898), quando providenciou através da *Hilfsverein* (Sociedade de Auxílio) e da Cruz Vermelha o envio de víveres e assistência aos necessitados. O “alemão com coração brasileiro”, como era conhecido, recebeu homenagem em 1906 ao ter seu sobrenome, Wagner, escolhido para nomear uma cidade da Chapada Diamantina, distante 390 km de Salvador, próxima aos municípios de Ruy Barbosa, Lençóis e Utinga e Morro do Chapéu, região atingida pela seca, supramencionada.

103 Sobre uma proprietária de pensão, Minna Laporte, Overbeck faz menção em seu livro de que possuía escravos, “duas moças e um rapaz avaliados em 500 mil réis”.

aqui, falavam um ótimo alemão, freqüentavam aqui (a Igreja Luterana) também... Levou pra morar com ele e a mulher alemã. Outro caso foi: [...] um que se juntou (com uma negra), uma filha, que parecia mais com a mãe – também tinha filho louro, sempre tem um com olhos azuis, um escuro, outro com o cabelo duro, outro com o cabelo liso – ela teve paralisia infantil e ele mandou ela viver em Bremen com a mãe dele, pra poder se tratar. Depois que ficou adulta ela voltou para aqui (no Brasil) falava perfeito, sem sotaque, alemão, é claro. Naquele tempo, né? Pra ele levar uma criança assim negra, pode-se dizer. Ele foi coração mole, né? Comentou que: [...] a mãe dele foi muito boa pra menina. A menina voltou a morar na Bahia, mas depois ele casou com uma alemã muito católica, rígida e que queria pôr esta filha (ilegítima) no convento, como fizeram muito, antigamente...Essa filha se mudou pra São Paulo e casou lá com um alemão“.

A distinção continua a ser notada na fala da informante como se a distância entre os brancos europeus e os negros fosse necessariamente marcada pelo *status* social, mais até do que o racial, na medida em que haviam relações não-formalizadas entre alemães e negras, que eram de certa forma “toleradas” e não impediam que eles se casassem com mulheres alemãs, quando desejassem constituir suas famílias. No entanto estes casos não parecem ter acontecido em famílias de maior poder aquisitivo, e tradicionais em Salvador. A distância da Alemanha permitia uma vida pré-nupcial com negras, sem que destes relacionamentos resultasse matrimônio – no sentido convencionalmente estabelecido, com os papéis sociais de marido e esposa bem definidos na constituição do núcleo familiar. Sobre isto Willems observou que “não há dúvidas que, dentro da sociedade urbana, os valores tradicionais trazidos por imigrantes e preservados por seus descendentes, encontraram seu maior baluarte na classe média” ¹⁰⁴, o que faz pensar que a assimilação como processo de integração à sociedade soteropolitana só era considerado se a brasileira em questão fosse, possivelmente, branca e de família pertencente a um *status* social semelhante ou equivalente. No entanto, há registro de pelo menos um caso na colônia atual de matrimônio entre uma mulher alemã e um brasileiro afro-descendente e que pertencem à Comunidade Luterana de Salvador, em relacionamento que gerou descendência e já ultrapassou duas décadas de convivência. ¹⁰⁵ Além de outro, que

104 Willems (1951) *apud* Blanchette (2001:45).

105 Este senhor, que também exerceu atividade docente na Universidade Federal da Bahia, já ocupou a presidência do presbitério da Igreja Luterana, assim como ocupa a vice-presidência do

uniu em casamento um alemão e uma brasileira mestiça, cujas características fenotípicas denotariam sua ascendência africana, segundo observou um informante.

106

As relações com brasileiros pertencentes a estratos da sociedade (não subalternizados econômica e socialmente como os afro-descendentes), ou seja, os chamados brancos e mestiços que se podem incluir na primeira categoria por razões diversas, tais como: posição social e fenótipo não marcadamente negro, nível educacional, parecem ter sido pautadas pela cordialidade. No entanto, há motivos para crer que os limites impostos pelo grupo étnico alemão ante os brasileiros sempre tenham existido na colônia. Nos poucos registros de casamentos interétnicos verificados, predominantemente ocorriam entre homens alemães e mulheres brasileiras. Mesmo não se podendo considerar uma regra, há evidências de que algumas famílias alemãs e teuto-brasileiras privilegiaram casamentos entre seus pares ou com outras etnias identificadas como brancas e de origem européia, sobretudo, durante o século XIX.

Do ponto de vista das relações com a vizinhança, por exemplo, a inserção urbana promovia, ou ao menos franqueava a possibilidade de maior interação, o que de fato ocorreu na maioria dos casos. Entretanto, no caso da família Westphalen, desde a época em que residiam na Avenida Princesa Isabel até o estabelecimento no bairro da Federação, o isolamento da sociedade soteropolitana ocorreu, conforme relata a senhora Margareth ao ser perguntada sobre suas amizades na infância e, mesmo após o seu casamento:

A gente só falava alemão, amigas alemãs, tudo... Era uma turma e a outra (risos) de brasileiros. E, mesmo mais tarde, já casada, lembra: Era tudo uma família aqui, só tinha um portão, a gente nunca saía do portão, (moravam próximos) Bremgartner (família de origem suíça), nós, meus pais e aqui, o portão, tudo inteiro. Meus filhos andavam pra cima e pra baixo...

Conselho do Instituto Cultural Brasil Alemanha, sendo apontado pelo atual pastor como um dos membros que mais conhecem a história da colônia e da Comunidade Luterana.

106 Quanto a este caso, pareceu-me que a questão da aparência física permanece sendo um fator relevante, muito embora o fato desta senhora pertencer à Comunidade esteja absolutamente consolidado, uma vez que sua união com o indivíduo alemão, ao que tudo indica, aconteceu dentro dos padrões sociais convencionais e seu *status* de viúva, freqüentadora da Comunidade, me parece um indicativo claro desta condição.

Estas circunstâncias geraram, ao menos, uma conseqüência para ela: somente começou a falar português fluentemente há cerca de dezoito anos, quando retornou da Suíça, onde fora residir, algum tempo após seu casamento.

Outra informante, a senhora Ruth, ao falar sobre sua trajetória, destacou que “minha filha, casou com baiano” e “meu filho, casou com baiana”, sem que isto sugerisse descontentamento; ao contrário, demonstra satisfação ao contar sobre como os filhos, nascidos na Alemanha e chegados ao Brasil ainda pequenos, se adaptaram ao país e tiveram êxito profissional e pessoal, porém reiterando seu caráter alemão e a vantagem, sob seu ponto de vista, de poderem usufruir da dupla condição de serem alemães e brasileiros.

A culinária foi mencionada como um fator de estranhamento, em especial para a senhora Ruth, tão logo chegou a Salvador, após alguns anos em Petrópolis (RJ). Ela enjoava com o cheiro do óleo (azeite de dendê) e passava mal, segundo relatou. Falou com o marido que precisava fazer sua própria comida, nem que fosse “batata com casca”, pois a comida oleosa lhe fazia mal. Imediatamente, a senhora Margareth “defendeu” o azeite de dendê ao afirmar que ele “novo” é bom, somente faz mal se reutilizado, repetidamente. Contudo, ao ser perguntada sobre em que consistia a alimentação em sua casa durante a infância e sobre a presença de pratos brasileiros ou tipicamente baianos, respondeu: “Não, na minha casa, não. Prato alemão! Minha mãe não fazia baiana (*comida*). Tinha cozido, sim, feijoada também, feijão de leite (*risos*), essas comidas simples... Mas, assim, vatapá, essas coisas (*balançando a cabeça em negativa*)...”.

De maneira geral, a convivência com brasileiros é historicamente elogiada, merecendo destaque por parte de Overbeck em um dos capítulos do seu livro, em que lista características tais como: bem dispostos, amigáveis, persistentes e acolhedores. A exceção a esta constatação verificou-se nos momentos mais agudos dos conflitos mundiais, quando brasileiros e alemães encontraram-se de lados opostos, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial.

Relações de outra natureza com brasileiros e outras etnias serão tratadas nas seções referentes aos espaços de convivência da colônia alemã e em eventos que contam com a presença numerosa de brasileiros, por exemplo. Em separado, apenas a convivência com suíços, merece, a meu ver, ser observada, conforme procedo em seguida.

6.2 Alemães e suíços, alemães ou suíços e outras relações.

As relações com os suíços verificam-se desde os primórdios da presença alemã na Bahia, seja nas tentativas de implantação de colônias no Sul do estado, como já foi tratado aqui, seja na constituição da colônia de Salvador. Chamei à atenção para a discutível inclusão de suíços-alemães, ou suíços germanófonos nas estatísticas de imigrantes alemães na Bahia feita por Otto Quelle. Conforme salientei no Capítulo II, a literatura sobre imigração alemã no Brasil sempre se deparou com esta problemática, devido à dificuldade de se encontrar registros suficientemente seguros e confiáveis sobre número e origem destes contingentes. Da mesma forma, foi tratado no Capítulo I o problema de classificação dos imigrantes alemães em virtude da histórica fragmentação dos estados alemães até sua unificação em 1871. Essas variáveis, se não explicam, auxiliam a entender um pouco da relação entre estas duas etnias no Brasil. Um dado a ser lembrado é que em numerosas colônias implantadas no país, alemães foram agregados a núcleos suíços – há pelo menos um caso notável, Nova Friburgo, no Rio de Janeiro –, ou suíços foram agregados a núcleos alemães, casos mais freqüentes. Relata-se que a primeira iniciativa, a Colônia Leopoldina, contava com número expressivo de suíços, possivelmente superando o de alemães, mas estes não são dados, de todo, confiáveis.¹⁰⁷

Mas, para o que interessa a este trabalho, a cidade de Salvador acolheu uma colônia suíça significativa, na qual predominaram, sempre, os suíços-alemães. Este fato pode ser tomado como uma das principais razões para a aproximação entre os dois grupos, pois se culturalmente existem claras diferenças entre eles, a utilização do mesmo idioma constituiu-se em um elemento decisivo para o estreitamento destas relações. Sobre este aspecto volto a discorrer mais adiante.

As relações entre os dois grupos são bastante antigas e os exemplos mais concretos são a Sociedade de Tiro (*Bahia Schützenverein*) fundada em 1845 e a Associação do Cemitério dos Estrangeiros (*Fremdenfriedhofverein*), ambos serão abordados separadamente ainda neste capítulo. O que se sabe de dissensões entre alemães e suíços tem a ver, primeiro, com a posição suíça durante a Guerra Franco-Prussiana que consolidou o processo de Unificação Alemã em 1871, Overbeck

107 O que vale ressaltar é a existência de um município no extremo sul da Bahia chamado Helvécia, que se encontraria na localização aproximada desta primeira colônia. À exceção de comentários isolados, não poderia afirmar que haja ainda algum indício desta presença na cidade nos dias atuais.

menciona que a Suíça assumiu uma postura pró-França, o que teria causado mal-estar entre eles. E, naturalmente, no período da Segunda Guerra Mundial, quando a despeito da neutralidade assumida pela Suíça, seus cidadãos viram-se associados aos alemães pelos brasileiros. Não são raros os relatos de descendentes de suíços em Salvador que sofreram ofensas de brasileiros e sentiram fisicamente ameaçados em sua integridade. De ambos os lados, alemão e suíço, nota-se que este período deixou marcas. Uma informante alemã observou: “Olhe, tinha suíço, como meu marido, que nunca fez diferença, ele falava com todo mundo, mas tinha suíço...”. Surpreendentemente, a mesma informante proferiu a seguinte frase, em outra ocasião: “Aqui é tudo assim: suíço, alemão é tudo igual.” E dentre os suíços nota-se no discurso, até hoje, a tentativa de fazer distinção entre eles e os alemães, sempre que se apresentam circunstâncias em que há a possibilidade de confundi-los.¹⁰⁸

Cautela se faz necessária ao assumir o idioma como “amálgama” na relação entre alemães e suíços em Salvador. Dado que os suíços não só utilizam o *Hochdeutsch*¹⁰⁹ como língua oficial e administrativa em aproximadamente 75% de seu território, como também o francês (20%), italiano (4%) e reto-romano ou romanche (1%), em regiões distintas e, em numerosos casos, os cidadãos da Suíça ou Confederação Helvética, são capazes de se comunicar utilizando em todas ou em algumas delas.¹¹⁰ Este quadro sugere haver matizes variados no que se refere à etnicidade suíça, o que implica numa convivência multiétnica no interior da própria nação. Saliento, no entanto, outro detalhe importante sobre o compartilhamento do idioma entre alemães e suíços como elemento potencialmente “diluyente” das diferenças entre as duas etnias: o *schwytzertütsch* ou *schwyzerdytsch*, ou ainda, como se observa na fala de membros da colônia, de ascendência suíça ou alemã, o “suíço”¹¹¹.

108 Faz sentido que os suíços se distingam, pois desde o século XIX já haviam fundado, por exemplo, uma Sociedade de Beneficência na Bahia, cujo modelo inspirou a criação do mesmo tipo de instituição pelos alemães.

109 O *Hochdeutsch* é o que se considera o alemão standard ou padrão, que se tentou consolidar desde a tradução da Bíblia feita por Lutero. Evidentemente, deste então, sofreu processos de evolução e ajuste até chegar a sua forma moderna séculos depois. Ampliou definitivamente seu uso após a Unificação e ortografia moderna consolidou-se em 1901. É também o idioma oficial da Áustria, Luxemburgo e Lichtenstein.

110 Para melhor elucidar a organização lingüística da Suíça, ver Walter (1997: 284).

111 Na Suíça alemã fala-se uma variante do dialeto *alemmanisch* (alemânico), também falado no Lichtenstein, regiões da Áustria, do norte da Itália e no sul / sudoeste da Alemanha. Na Suíça esta

Da primeira vez em que ouvi a denominação “suíço” referindo-se à variante do alemânico falada na Suíça, foi em um contexto jocoso que citava situações acontecidas durante a Segunda Guerra Mundial¹¹², uma vez que cidadãos suíços foram freqüentemente confundidos com alemães, casos em que o fenótipo europeu apresentou-se “desvantajoso” a estes indivíduos, dada a compreensível dificuldade de distinguir um grupo de outro. Sobre estas situações, diz o seguinte a senhora Susana:

Meu pai, em Ilhéus, como ele é (era)... estrangeiro, o povo considera (considerava) alemão, perseguiam um pouco, né? Mas ele não tem nada com alemão, ele é suíço... Mas ele não teve nada não... E acrescentou: Meu pai que não foi (preso) porque ele era suíço, mas o pessoal de Ilhéus ficava ‘pisando’, né? Acho que pra ver se era, né?

As referências sobre o “suíço” falado por este grupo e o alemão, idioma corrente da colônia alemã, também ocorreram em falas de uma informante suíço-brasileira, senhora Susana, nos seguintes contextos:

Eu tive que aprender, meu filho... Se eu não aprendesse a falar ‘suíço’ (confundindo com o alemão), coisa que tinha na mesa, que eu queria comer, que pedia em português, a velha fazia que não tava ouvindo! Aí eu fui falando em alemão, por isso que eu aprendi. Aprendi ‘a pulso’! Dona Augusta (alemã), essa senhora que morou com a família. Ela dizia assim: que tinha vez que tinha bolo, eu pedia um pedaço de bolo... Aí, quando eu pedia ‘ein Stück Kuchen’, ela aí me dava, né? Aí eu digo: é assim? E meu irmão ficava... Quando eu pedia, aí ele ‘ia na onda’, também pedia, né? Porque se ele não pedisse (em alemão), ela também não dava, não...

Entretanto dizia: “Eu era muito de meio de alemão, sabe? Mais de que suíço”, recorda que seu pai falava ‘suíço’ e que “Não se falava alemão em casa porque a

variante se cristalizou como *schwytzertütsch* ou *schwyzerdütsch*, utilizado cotidianamente e quando o uso do *Hochdeutsch* não é exigido formalmente.

112 A despeito da gravidade do momento, episódios anedóticos teriam ocorrido durante a perseguição aos alemães na Bahia, segundo um informante e membro da comunidade estabelecido em Salvador após o final do conflito mundial, na década de 1950. Um deles, em particular, merece menção de como a distinção entre alemães e suíços significou, em determinadas circunstâncias, a diferença entre ser ou não incriminado e sofrer as conseqüências de ser cidadão de uma das nações pertencentes ao Eixo. Segundo o informante em questão, quando abordados por policiais em Salvador falando o idioma alemão, os suíços afirmavam, na realidade, estarem utilizando-se do ‘idioma suíço’, como se houvesse de fato tal denominação. Poderiam se referir, é claro, ao uso do dialeto alemânico falado na Suíça (*schwytzertütsch*) caso os interlocutores fossem suíços, ou à utilização do alemão padrão (*Hochdeutsch*), que a depender dos interlocutores poderia ser o idioma em uso entre suíços e alemães, por exemplo. Ao cidadão suíço, em interesse de sua própria causa e valendo-se da incapacidade do corpo policial de distinguir quaisquer variações lingüísticas desta natureza, o mais importante seria diferenciar-se dos alemães, reforçando sua origem étnica em oposição ao grupo perseguido.

segunda esposa (*do pai*) não entendia. Ela (*senhora Susana*) aprendeu algumas palavras (*de 'suíço'*) e “soltava” algumas palavras à mesa e o ‘velho’ (*seu pai*) dava risada...”.

A senhora Margareth, que foi casada com um suíço, se refere assim a esta relação entre o uso dos idiomas alemão e o dialeto utilizado na Suíça:

“Meu marido falava ‘suíço’ com os amigos e com meus pais, alemão. Meu marido falava todas as línguas muito bem! É outra língua e tem palavras que são completamente diferentes... Diz que, não são todos, que falam bem alemão, [...] se ouve de longe que é suíço!”

Em outra ocasião, ao referi-se ao marido da senhora Berta, observou:

O marido (suíço-brasileiro) dela (da senhora Berta, suíça) é suíço também, como Susi (senhora Susana), 100%! E lá em São Félix onde o sogro (da senhora Berta) trabalhava, numa fábrica de charuto (Dannemann), também tinha Colégio Alemão! O marido dela, que era suíço, falava perfeito alemão! Ele tinha essa vantagem. São Félix tinha Colégio Alemão também, ele sabia alemão, não só o dialeto, mas ele falava muito bem, o que é raro!

Não se quer dizer aqui que tais manifestações de distinção étnica ou cultural entre os dois grupos, impeçam a convivência e colaboração nos espaços e circunstâncias em que eles atuam comunitariamente, a exemplo da Igreja Luterana (onde luteranos e reformados de outras confissões se reúnem, calvinistas suíços, por exemplo); do Cemitério dos Estrangeiros (cuja administração até os dias de hoje é compartilhada); e dos eventos que reúnem as duas colônias em conagraçamento, como ocorre, anualmente, no *Bazar de Natal*. Portanto, as colônias suíça e alemã, não obstante conservem estreita relação desde o século XIX e a despeito de possíveis divergências ocorridas na trajetória de ambas, atuam em complementaridade e, mesmo que a colônia alemã tenha sido sempre mais numerosa, é certo que estas “trocas” e “contribuições” têm sido constantes. Associações empresariais e casamentos entre os dois grupos revelam a proximidade entre eles, mais do que qualquer outro, com exceção talvez da própria sociedade de acolhimento – estabelecido na Bahia.

7. O *ethos* empreendedorista: comércio, indústria e outras formas de atuação.

Conforme foi mencionado em momentos preliminares do trabalho, a formação da Colônia Alemã é um advento originado na atividade comercial, fundamentalmente aquela sustentada pela navegação, amplamente impulsionada desde a abertura dos portos em 1808. O perfil da colônia, deste modo, foi impresso, primeiro pela atividade de importação e exportação, e aquelas a estas últimas relacionadas, posteriormente ampliando sua atuação em atividades diversificadas, exercidas por profissionais liberais, pequeno comércio e atividades artesanais. O atributo fundamental a ser associado aos alemães estabelecidos em Salvador é o empreendedorismo, ou melhor, o *ethos* presente em muitos deles e que possibilitou o êxito de numerosas empresas cujos proprietários foram ou são alemães e teuto-brasileiros.

Objetivando não me afastar por demais do propósito maior deste trabalho, pretendo discorrer, de maneira, breve, sobre as atividades em que se puderam identificar os membros da colônia alemã de Salvador, relacionando-as ao próprio processo de desenvolvimento da colônia. Estas atividades, em determinados momentos, dizem bastante sobre a trajetória da colônia e sobre as razões pelas quais muitos destes imigrantes permaneceram na capital da Bahia.

7.1 Caixeiros, empresários, profissionais liberais e outros ofícios.

As empresas de importação e exportação estabelecidas em Salvador, gradativamente, se desenvolveram, demandando a criação de estruturas administrativas, mas, fundamentalmente, de circulação de produtos. Neste contexto, a larga utilização de caixeiros viajantes atraiu indivíduos de diferentes regiões da futura Alemanha, notadamente das cidades hanseáticas de Hamburgo, Bremen e Lübeck.

O comércio em Salvador, então, apoiou-se nos esforços destes profissionais, que viajavam pelo interior com tropas de mulas. Uma das empresas, decerto a de maior destaque e mais longeva, consolidou-se com o nome de *Westphalen, Krohn & Bach*, chegando a completar em 1928, cem anos de existência. Atuou

destacadamente, distribuindo produtos através na região norte, nordeste do Brasil e norte de Minas Gerais. Como importadora e exportadora era responsável por abastecer o mercado desta região com vasta diversidade de produtos, de parafusos a motocicletas, passando por tecidos, produtos agrícolas, ferragens diversas e automóveis. Marcou a arquitetura da cidade com a construção de sua sede na antiga Rua da Alemanha – que teve o nome modificado para Rua da Polônia após a Segunda Guerra Mundial –, reconhecida pela população como sendo a construção mais alta da cidade e que hoje abriga o INSS. A empresa implantou a *Villa Allemanha*, com o objetivo de abrigar grande parte de seus funcionários, cujo último endereço foi a Avenida Sete de Setembro em 1910, no casarão que hoje abriga a Aliança Francesa. A história desta empresa se encerrou com o segundo conflito mundial, quando foi tomada de seus donos pelo governo brasileiro (e, jamais, fora restituída) e desapareceu do mercado, junto com tantas outras empresas de propriedade de alemães na época.¹¹³

Ainda no âmbito do comércio de importação e exportação, dezenas de empresas atuaram em Salvador, escoando a produção de produtos como cacau, fumo, charutos, piaçava, açúcar, café, algodão, dentre outros. Traziam também linho, seda, lã, brins, meias, fogos de artifício, vidros, porcelana, embutidos, carne salgada, trigo, tintas, mobílias, pianos, drogas (medicamentos) e diversas outras mercadorias. Dentre as empresas que merecem destaque neste ramo, cito: *Laporte & Co.*, *Overbeck, Linde & Co.*, *Hoffmann & Co.*, *Behrmann & Co* e *Von Uslar*, algumas delas movimentando as exportações das empresas de fumo do recôncavo baiano, como *Dannemann* e *Suerdieck*.

Atuando em navegação C. Domschke, representando a *Hamburg-Sudamerikanischen-Dampfschiffarts-Aktien-Gesellschaft* (até hoje atuante neste segmento com a marca *Hamburg Süd*) e a *Norddeutscher Lloyd*, representada pela *Behrmann & Co.*, ainda no segmento de transportes aéreos, havia o Sindicato Condor, mais tarde, Cruzeiro do Sul.

O *Deutsch-Brasilianische Bank*, fundado em 1873, esteve presente em Salvador até a década de 1920, quando a crise econômica alemã se agravou após a Primeira Guerra Mundial. Outras áreas de atuação foram de notada participação de alemães, como o comércio de instrumentos musicais, pianos em especial; serviços

113 Cf. Livro comemorativo *Westphalen, Bach und Krohn*. Centenário: 1828-1928. Salvador: s/ed. 1928.

de fotografia, litografia, relojoaria e jardinagem. O ensino de música e idiomas era anunciado em jornais no século XIX e início do XX. Alemães estiveram presentes também no segmento de energia elétrica e mineração.

Numa cidade em que havia poucas alternativas de hospedagem, havia ao menos duas pensões de proprietários alemães: Pensão Jensen, de propriedade da família Gebers, Pensão Laporte, da senhora Minna Laporte¹¹⁴ e Pensão Lösche, cuja dona era descendente de alemães de Joinville, que segundo informantes, atendiam as exigências de viajantes alemães, insatisfeitos com as condições que encontravam em pensões brasileiras. A primeira, Jensen, funcionou por muito tempo na Vitória, abrigando não só viajantes, mas membros das colônias que não possuíam residência própria, geralmente funcionários de empresas solteiros. As cervejarias Brahma e Antarctica, ambas criadas por alemães e que atuavam havia bastante tempo no estado da Bahia, protagonizaram uma curiosa disputa para fornecer seu produto ao Clube Germania. Houve, inclusive, um abaixo assinado no clube a favor da segunda, porém, sendo o representante da primeira eleito diretor social do clube, utilizou-se desta condição para reverter o resultado a favor da empresa a qual era vinculado.¹¹⁵

No século XX, as atividades já existentes e exercidas por membros da colônia diversificaram-se, o ramo óptico, com as *Óticas Ernesto*, pertencente à família Weckerle; a chegada da família Odebrecht, que originariamente viera de Blumenau, passando antes por Recife, antes de estabelecer-se definitivamente em Salvador no ramo da construção. Ambas prosperaram, embora as famílias raramente interajam com a colônia atual. Após a Segunda Guerra, a colônia diminuta recebeu, ainda que temporariamente, alemães que atuavam na indústria química e mecânica; foram instaladas a *Tibrás (Bayer)*, *Cremer*, *Bosch* e, recentemente, a Continental, fabricante de pneus.

A rápida exposição aqui feita pretende mostrar a diversidade de atividades em que estiveram envolvidos os alemães em Salvador, alguns deles apenas de modo efêmero, no entanto deixando sua contribuição para a colônia. Atualmente não se

114 Esta cozinheira alemã, curiosamente, protagonizou o único caso registrado por mim de utilização de uma variação deturpada do idioma alemão à maneira que registra nas colônias do Sul do Brasil: “*Abra mich mal die janella, aber n’bischen mit die Preß*”. Algo como: “Abra a janela para mim, mas depressa (ou rapidinho)”, numa forma ‘aportuguesada’ de estabelecer comunicação com seus empregados.

115 Manuscritos do acervo particular de Wolfgang Roddewig.

pode relacionar, exceto no comércio de fumo e charutos, atividades a que a pequena colônia esteja especialmente vinculada, sejam elas desempenhadas por membros de nacionalidade alemã ou por teuto-brasileiros.

8. Instituições comunitárias e seus papéis.

É, sem dúvida, crucial o papel das instituições de caráter étnico para qualquer grupo, sobretudo entre os imigrantes alemães. Há notícias da existência delas desde as levas pioneiras de imigrantes (Willems 1980 [1946], Fouquet 1974, Seyferth 1982; 1990), fossem eles de inserção rural ou urbana. A colônia de Salvador, desde muito cedo, fundou-as na forma de espaços com finalidade religiosa e, principalmente, de reunião social de seus membros.

Creio ser válido referenciar, introdutoriamente, a relevância destas instituições para os alemães, ilustrando através de exemplos dados por pesquisadores deste grupo étnico no Brasil, além de depoimentos de pessoas que, alemães ou teuto-brasileiros, membros ou não de colônias, concederam, na forma de menções a respeito do tema. Seyferth (2004:156) nos diz o seguinte:

“[...] era possível ter uma alta cultura associada à atividade criadora do ‘espírito germânico’ – música, poesia, romance, teatro, conhecimento da tradição literária em língua alemã, e toda uma sociabilidade marcada pela convivência nos espaços chamados *Verein* (associação)” .

Sobre este misto de apreço e necessidade de criar espaços de convivência, sobretudo aqueles cuja intenção era promover atividades recreativas, de lazer, de modo geral, Roddewig comentou: “[...] quando da sua fundação (*do Clube Germania de Salvador em 1873*), já havia outros clubes ou *Vereine* funcionando em Salvador como: canto, equitação, tiro, leitura... Eram pequenos e de pouca expressão”. E brinca com o fato de os alemães terem “mania por clubes” ¹¹⁶. Seyferth exemplifica, no mesmo texto citado acima, a colônia de Blumenau (SC):

116 Carlos Fouquet (1974:156) utiliza a expressão “mania das sociedades” para ressaltar a tendência, amplamente verificada no Brasil, de fundação de clubes, sociedades e associações por alemães, tenham surgido em contexto urbano ou rural.

As primeiras associações, destinadas a práticas esportivas, reuniões sociais e atividades culturais, surgiram logo no início da colonização. Significativamente, eram *Schützenvereine* (portanto, destinadas à prática de tiro) – um tipo de agremiação considerada utilitária (no início) e com raízes nacionalistas. Utilitária porque seus associados eram atiradores, formando uma espécie de linha de defesa colonial, conforme assinalado em textos comemorativos; expressão da ‘cultura germânica’ porque seus salões serviam também para apresentações musicais e teatrais, portanto algo mais do que festas e bailes, igualmente vinculados ao ‘caráter alemão’ nos discursos que enfatizam os quatro *ff* (mais presentes no contexto de outra associação similar, a *Turnverein*, (sociedade de ginástica) – *Frisch* (lépido), *Fromm* (devotado), *Froelich* (alegre) e *Frei* (livre). Tais rótulos, junto com outro bastante comum nos discursos sobre a colonização – *Tüchtigkeit* (capacidade, valor) – supõem um princípio moral disciplinador e uma vinculação histórica com a guerra contra a dominação napoleônica, contexto de surgimento do nacionalismo alemão moderno, cujas principais figuras eram os filósofos Fichte e Herder, e o poeta Ernst Moritz Arndt.

Portanto, os valores mencionados por Seyferth como expressivos do ‘caráter alemão’ e como sugerem autores como Willems (1980 [1946]) e Fouquet (1974), nelas se podia exercitar algo que no espaço amplo da sociedade de acolhimento não lhes era possível. Cultivar costumes, tradições e manifestar suas expressões mais genuínas de cultura estão entre as razões fundamentais para sua criação, porém, mais do que isto, cumpriam um papel social essencial a estes imigrantes, que em numerosos casos encontravam ali, apoio acolhimento e auxílio nas mais diversas questões. Recreação e conagração, pois, mesmo se considerada sua centralidade nas relações entre os membros da colônia, representavam uma parcela importante, mas não a principal, creio, da existência destas agremiações.

Saliento que serão incluídas nestas descrições instituições (sociedades, associações) algumas que jamais tiveram sede física, mas que existiram utilizando-se de espaços disponíveis para sua reunião conforme as possibilidades de seus participantes. Veremos que o Germania foi um dos espaços a acolhê-las, sem que com isso deixassem de manter sua autonomia.

Além destas, serão tratadas aqui instituições como o cemitério e a Comunidade Luterana, a primeira, com espaço conquistado ainda em meados do século XIX e, a segunda, só o realizando na década de 1960 do século passado.

Nestes casos, serão considerados fatores diversos que as tornam, à sua maneira, mais do que instituições étnicas alemãs.¹¹⁷

Exponho, a seguir, as principais delas, procurando situá-las no contexto da colônia e de seu desenvolvimento desde sua fundação, que data, a mais antiga delas, da década de 1840. A sua existência, com exceção do Cemitério dos Estrangeiros e da Comunidade Luterana, por motivos mais evidentes, que os vinculam a atividades de cunho religioso, resistiram ao período crítico da Segunda Guerra Mundial, quando as outras existentes foram suprimidas, simultaneamente, pela ação governamental e pressão popular.

8.1 Sociedade de Tiro (*Bahia Schützenverein*).

As Sociedades de Tiro ou de Caça e Tiro foram bastante comuns nas colônias alemãs implantadas no Brasil, conforme. Em alguns casos, como cita Seyferth a respeito de Blumenau e em Salvador, caso aqui estudado, estas foram as primeiras agremiações a serem fundadas por colonos alemães. Sua função utilitária, a que se refere a autora em excerto citado na seção anterior, mais sentido faria nas regiões de colonização rural, no entanto, dois fatores podem ser considerados com relação a Salvador: o que diz respeito à própria característica da cidade, uma capital, cercada por grandes áreas inabitadas em seu entorno, o que permitiria pensar em práticas como o manuseio de armas em algumas delas fora do *stand* de tiro e, o mais importante, o papel eminentemente agregador da colônia e único espaço de convivência e exercício da germanidade entre eles.

Fundado em 1845, por alemães e suíços, o a *Bahia Schützenverein*, sobre o qual há poucos registros disponíveis, situava-se à Rua do Garcia; seu terreno estendia-se da Rua do Bom Gosto, do bairro do Garcia até o acesso da Estrada do Cemitério (Campo Santo). Overbeck relata ainda que ao final da década de 1860 a

117 Optei, neste trabalho, não incluir o Instituto Cultura Brasil-Alemanha (ICBA) entre as instituições comunitárias, precisamente por não se adequar ao caráter étnico, no sentido de preservação e manutenção de tradições e costumes da colônia de Salvador. Seu objetivo, na realidade, é o de promover a cultura alemã em diversos países do mundo, fomentando o intercâmbio cultural entre a Alemanha e outros povos, sem representar qualquer particularidade desta pequena colônia. Cabe mencionar que o espaço do ICBA, contudo, tem tido importância singular na cidade desde sua fundação, por desempenhar o papel de espaço democrático de difusão cultural e de reunião da diversidade política e intelectual local, sobremaneira durante o período em que vigia a ditadura militar no Brasil.

sociedade realizou melhorias construindo um pátio em frente à *Kegelbahn* (espécie de pista de boliche)¹¹⁸ e havia, evidentemente, nas dependências da sociedade, um o *stand* de tiro (*Schießstand*). Quanto às atividades sociais lá desenvolvidas, pouco há registrado, com exceção de escassa publicação de anúncios em jornais da capital, convocando os membros para reuniões gerais deliberativas, de boas-vindas a novos associados e comemorações, conforme transcrevo a seguir:

Bahia Schuetzen Club

General Versammlung der Mitglieder des Bahia Schuetzen Clubs am Samstag den 5. Maerz um 10 Uhr Morgens im Schuetz-Hause zur Aufnahme neuer Mitglieder. Bahia den 2. Maerz de 1854.
Das Comitê¹¹⁹.

Anúncios como este revelam que a Sociedade de Tiro era ativa, quase dez anos após a sua fundação e ainda agregava novos sócios. Não tive acesso a informações que dessem conta da aceitação de sócios brasileiros ou e outras nacionalidades, além dos alemães e suíços, seus fundadores. Contudo, o anúncio apresenta curiosidades quanto à grafia em língua alemã: há erros de registro como em '*Morgens*' com inicial maiúscula, indicando o horário da reunião (10 da manhã), quando o correto seria: *morgens* (pela manhã, vinculada ao horário indicado, diferenciando-o de *abends*, à noite, por exemplo), iniciado por minúscula; assim como a presença da preposição 'de' na data final, o que não existe, em absoluto, na grafia de datas em alemão. O correto seria 'Bahia, den 2. Maerz, 1854. Além disso, o uso do 'C' praticamente inexistente em alemão moderno, onde se utiliza, preferencialmente, o 'K' em seu lugar 'Club' em vez de Klub, do mesmo modo, 'Comitê' em vez de Komitee, com o agravante do acento circunflexo, estranho a esse idioma.

Outro anúncio divulgava evento anual comemorativo da Sociedade de Tiro, conforme se segue:

118 *Kegeln* é um jogo praticado pelos alemães em uma pista, onde se arremessa uma bola com objetivo de derrubar nove pinos. É uma espécie de 'ancestral' do boliche, tal como é praticado atualmente. No Brasil é conhecido também como 'bolão' entre os teuto-brasileiros, especialmente na região Sul.

119 "Clube de Tiro da Bahia: Reunião geral de associados do Clube de Tiro da Bahia, sábado, 5 de março às 10 horas da manhã na casa de tiro para a apresentação dos novos associados. Bahia, 2 de março de 1854. O comitê." *Jornal da Bahia, sexta-feira, 3 de março de 1854. Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Seção de Obras Raras.*

Das Comitê des Bahia Schuetzen Clubs zeigt hierdurch den respektiven Mitgliedern desselben an, dass das jährliche Stiftungs Fest am 2. Februar Statt findet. Diejenigen Mitglieder welche am Preis Schiessen oder Preis Kegeln theilnehmen wollen, werden ersucht sich am Sonntag den 29. dieses im Schuetzen Hause oder bis Montag Nachmittag um 3 Uhr den 30. dieses bein Praesidenten des Clubs zu melden. Des Program des Festes wird am Sonntag den 29. diesen zur ansicht in Schuetzen Hause ausgelegt. Bahia 27. Januar 1854.¹²⁰

No conteúdo deste anúncio, podem-se observar ocorrências semelhantes às que destaquei anteriormente. Parecem, então, refletir, além de registros lingüísticos anteriores à consolidação da ortografia do *Hochdeutsch* em 1901 – já mencionada neste capítulo –, a dificuldade do jornal em reproduzir corretamente o texto, devido à usual publicação de anúncios em língua alemã pela Sociedade de Tiro em periódicos locais. A prática possivelmente teria em vista um público que utilizava esta língua para comunicação cotidiana àquela altura em Salvador, a saber: as colônias alemã e suíça. No entanto, cabe ressaltar o caráter mobilizador da sociedade, como agremiação representativa da germanidade em Salvador.

O *Bahia Schützenverein* funcionou como principal núcleo de encontro da colônia alemã até o início de 1873. Overbeck indica que já havia desentendimentos entre alemães e suíços quanto à administração da sociedade, além do que os primeiros não teriam apreciado a simpatia dos suíços pela causa francesa por ocasião da guerra franco-prussiana, que redundou na Unificação Alemã. O sentimento de orgulho próprio dos alemães após este acontecimento histórico também é citado por Overbeck como um dos fatores contribuintes para o agravamento da crise entres as partes que fundaram a sociedade. Ao fim, separaram-se alemães e suíços. Além de permanecerem com o terreno onde funcionava o clube, aos alemães foi também imputada a culpa pelo fim da sociedade.

120 “O comitê do Clube de Tiro da Bahia anuncia através deste aos respectivos associados que a festa anual de fundação terá lugar em 2 de fevereiro. Aqueles associados que queiram participar do concurso de tiro e do concurso de Kegeln, devem solicitar no domingo, dia 29 deste mês, na casa de tiro ou na segunda-feira à tarde, até às 3 horas do dia 30 deste mês, ao junto ao presidente do clube. O programa da festa será exposto para informação, no domingo, dia 29 na casa de tiro. Bahia, 27 de janeiro de 1854. *Jornal da Bahia, sábado, 28 de janeiro de 1854. Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Seção de Obras Raras.*”

8.2 Associação do Cemitério dos Estrangeiros (*Fremdenfriedhofverein*).

O cemitério, cuja denominação à época de sua fundação em consórcio entre alemães e suíços, era Associação Cemitério dos Estrangeiros (*Fremdenfriedhofverein*), uma sociedade civil particular. Com o tempo, no entanto, tornou-se conhecido como Cemitério dos Alemães, supostamente pelo maior número de sócios desta nacionalidade e, ainda, pela dificuldade de se distinguir entre seus sócios, ao menos para os brasileiros, quais deles seriam alemães ou suíços. O cemitério foi fundado em 1851 com objetivo de garantir um local para sepultamento de cidadãos não-católicos a quem, durante o império, não era facultado sepultar seus entes em cemitérios católicos.



Figura 1: Visão frontal da fachada da Sociedade Cemitério dos Estrangeiros e portão de acesso principal, no bairro da Federação.

Localiza-se no largo do Campo Santo, em frente ao Cemitério de mesmo nome, no bairro da Federação. A propriedade mede 3.612 metros quadrados, sua fachada consiste de um muro branco, com larga faixa na cor preta, com aproximadamente 1 metro de altura a partir do nível do calçamento. Possui uma única entrada frontal feita através de um alto portão de ferro, pesado, que possui cerca de 3 metros de altura, dando acesso a uma pequena rampa que leva ao interior do cemitério, conduzindo o visitante até o portal, não muito estreito, de uma varanda construída em 1918 com o intuito de abrigar as cerimônias de velório. Ao adentrar o cemitério, ao fim da rampa, à esquerda, encontra-se a casa do zelador, pequena e com um quintal igualmente reduzido à frente e ainda menor, nos fundos, do mesmo modo, ao lado direito há outra área com uma pequenina casa que serve como depósito de ferramentas e vestiário para funcionários. Ao lado e para adiante da varanda, estendem se corredores de circulação entre as sepulturas cinco, à esquerda e quatro, à direita. A distância entre as primeiras sepulturas e o muro que limita os fundos do cemitério é de aproximadamente 40 metros de comprimento. Há sepulturas antigas, cujas famílias remontam às primeiras estabelecidas no estado da Bahia. Ao fundo do terreno encontra-se a capela, construída em 1971, substituindo a antiga varanda e onde, desde então, se realizam as cerimônias de velório.



Figura 2: Corredor central do Cemitério dos Estrangeiros, ao fundo a capela onde se realizam as cerimônias de velório.

O terreno não é muito amplo e os espaços entre as sepulturas são, em geral, bastante reduzidos. Algumas delas encontram-se desgastadas pelo tempo e pela falta de manutenção apropriada, fato que não se dá com outras sepulturas cujas famílias parecem dedicar mais recursos para este fim. O terreno é bastante arborizado, de tal maneira que, da rua, à distância, não se divisa facilmente qualquer indício de que ali funcione um cemitério. A presença de árvores muito altas – uma delas, parece remontar aos primeiros anos de existência do cemitério – e de plantas ornamentando diferentes áreas do terreno, confere ao lugar aspecto de jardim. As sepulturas variam de tamanho, assim como as áreas por elas ocupadas e a altura e natureza de seus ornamentos, incluindo plantas que cobrem toda a área da sepultura. Há algumas aparentemente rasas, cujo aspecto, muitas vezes, nos dá a impressão de que são pouco cuidadas, mesmo pelas famílias dos que ali foram enterrados.

Há certa discrepância estética entre as sepulturas, jazigos e covas do cemitério, mas nota-se que, ou por maior interesse e reverência dedicados a elas, ou uma melhor condição econômica, algumas delas aparentemente recebem

manutenção mais constante e cuidadosa do que aquela garantida pelos recursos provenientes da taxa de anuidade (que atualmente encontra-se em torno de R\$ 150,00 por membro da família, sepultado ou não). A condição para fazer parte do quadro de associados do cemitério é, além da capacidade de efetuar o pagamento em dia da anuidade, a aprovação do novo associado pela diretoria.

Poucos registros há, mas já ocorre desde algumas décadas, de brasileiros (não descendentes de alemães ou suíços) e outros representantes de etnias diversas como: ingleses, poloneses, suecos, holandeses, franceses, austríacos, belgas, dinamarqueses, noruegueses, espanhóis, italianos e, mais raros ou casos isolados, de nacionalidades russa, norte-americana, iugoslava, romena, lituana, tcheca, iraniana e mexicana¹²¹ constarem entre os sepultados. Vale chamar à atenção para as ocorrências, sobretudo dos sepultamentos de escandinavos, que aconteceram, mormente, no século XIX, devido a epidemias de tifo, cólera e febre amarela. Em geral eram tripulantes de embarcações de transporte de cargas e passageiros. Dentre os alemães, no século XIX os registros de hamburgueses eram bastante numerosos, assim como bremenses e berlinenses¹²², em menor número, quando ainda não se havia consolidado o processo de unificação da Alemanha.

O Livro de Tombo registra data de abertura em 1869, contudo, contabiliza desde o primeiro sepultamento em 1851, ano de fundação do cemitério.¹²³ Os dados sobre os sepultados eram registrados, inicialmente, apenas em alemão, mais tarde também em português e consistiam em: número, data de sepultamento, nome, idade, religião, local de nascimento, profissão, estado civil, local de sepultamento no cemitério e *causa mortis*. A partir da década de 1920, foi incluído o campo referente ao *status* do associado, em dia ou não com a anuidade.

Embora a criação do cemitério tenha sido em razão da intolerância religiosa do império com relação, não apenas, aos protestantes, a Sociedade Cemitério dos

121 A título de curiosidade, observei que dois zeladores, assim como a filha de um deles, foram sepultados, gratuitamente, no cemitério entre 1900 e 1931. O ano de 1931, inclusive, marcou o início dos registros apenas em língua portuguesa.

122 A partir das décadas de 1930 e 1940, cresce o número de sepultamentos de teuto-brasileiros e suíço-brasileiros, embora sejam ainda significativos, até a década de 1950, os sepultamentos de cidadãos alemães.

123 Com exceção daqueles que retornaram à Alemanha ou deixaram a Bahia por quaisquer outros motivos, os principais nomes da colônia alemã de Salvador e alguns de outras cidades do estado, foram sepultados no Cemitério dos Estrangeiros, a saber: Franz Wagner, Geraldo Dannemann, Wilhelm Overbeck, Hans Westphalen, Frederico Edelweiss, Carlos Ott, entre outros.

Estrangeiros não restringiu o sepultamento de quaisquer confissões religiosas. Notável que nas primeiras décadas, os registros apontem quase que a totalidade de sepultados da religião protestante. Com relação à distinção específica entre protestantes e católicos, o que havia, até o início do século XX, era diferenciação dos lados em que eram sepultados, uns do lado direito e outros, no lado esquerdo, o que deixou de existir há bastante tempo.¹²⁴ Existem casos de famílias que trasladaram os restos mortais de seus entes de outros cemitérios para o Cemitério dos Estrangeiros, como os casos, por exemplo, oriundos do Campo Santo, de outros estados (como São Paulo) e da Alemanha, inclusive.

A administração é feita por diretoria assim composta: presidente, vice-presidente, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro, 1º secretário, 2º secretário, 1º mordomo e 2º mordomo. Estes últimos são, normalmente, acionados nos casos em que famílias associadas necessitem comunicar o óbito e providenciar o funeral. Poucos brasileiros não descendentes de alemães ou suíços constam dos registros como membros da diretoria. O ano de 1931 marca, no Livro de Ata, os últimos registros e somente em 1955 houve novo registro de reunião para reconstituir a sua diretoria. Na ocasião, esteve presente o senhor Gottlieb Hauser, único remanescente dos membros da antiga diretoria e que atuara praticamente só nos cuidados de interesses do cemitério após a Segunda Guerra e a quem foi dedicado “um voto de louvor”, registrado em ata.

O total de sepultamentos, desde sua fundação até o ano de 2008, é de 1.228, segundo o livro de atas. Nota-se, desde o início, irregularidade no número de sepultamentos, nunca superando um máximo de vinte, chegando a registrar apenas um ou dois por ano. Em 2007, segundo Wolfgang Roddewig, atual presidente da sociedade, houve oito sepultamentos, o que ele considerou um número significativo. Até o momento da coleta de dados, o último sepultamento registrado ocorreu no mês de fevereiro de 2008.

A referida escassez de sepultamentos não me possibilitou a observação deste ritual específico, sobretudo porque ocorrem, usualmente, em regime de discrição e o

124 Há casos pontuais e, mais recentes, de judeus, budistas e bahá'í sepultados no cemitério. Quanto à última denominação, trata-se de “uma religião mundial, independente, com suas próprias leis e escrituras sagradas, surgida na antiga Pérsia, atual Irã em 1844. A Fé Bahá'í foi fundada por Bahá'u'lláh, título de Mirzá Husayn Ali (1817-1892) e não possui dogmas, rituais, clero ou sacerdócio”. Disponível em: <<http://www.bahai.org.br>>. Acesso em: 05.02.09.

acesso é reservado a amigos e familiares¹²⁵. As informações a que tive acesso dão conta de que os sepultamentos não necessitam da presença de um representante religioso para ocorrer, havendo casos em que algum dos presentes proferiu palavras sobre o indivíduo falecido como forma de reconhecimento e homenagem a sua pessoa.¹²⁶ Antes da organização da Igreja Luterana após a Segunda Guerra, era comum que pastores presbiterianos procedessem à assistência religiosa em funerais.

A Sociedade Cemitério dos Estrangeiros, cujo nome foi alterado, recentemente para Sociedade Cemitério Federação, é um interessante exemplo de como os imigrantes alemães (e suíços, neste caso) encontraram uma forma de preservar suas tradições em um local de grande importância para os membros da colônia, sem que significasse apartar-se radicalmente da sociedade envolvente. A sociedade, apesar de ser uma instituição particular – cujo acesso aos serviços vincula-se ao pagamento de taxas de manutenção – desenvolveu caráter pluralista, na medida em que não restringia e não restringe a participação de quaisquer pessoas, de qualquer credo e etnia.

8.3 Colégio Alemão.

A promoção da educação básica, em língua alemã, entre as crianças de uma colônia tem se verificado um dado inequívoco entre os imigrantes alemães no Brasil. Segundo um informante teuto-brasileiro, cuja origem é uma cidade do Sul do país, ressalta que entre as principais preocupações dos colonos no momento de seu estabelecimento, verificavam-se: a fundação de um cemitério, a criação de um

125 A título de curiosidade, o zelador informou ter havido um sepultamento, cerca de um ano atrás, que reuniu um número atipicamente grande de pessoas e, surpreendeu-se ao testemunhar uma cerimônia de velório onde, segundo desejo da pessoa falecida, realizou-se verdadeira festa, com execução de músicas animadas e de diferentes gêneros, além de decoração com balões de gás (estourados ao final da cerimônia). A família, de ascendência alemã, possui outros membros ali sepultados e provém da região Sul do Brasil. Este exemplo, algo inusitado, indica certa tolerância por parte da diretoria com respeito às formas de celebrar o ritual de sepultamento por parte de seus associados.

126 A não obrigatoriedade a que me refiro serve apenas para ilustrar que, diferente do que se observa entre grupos como católicos, a presença de um representante religioso depende da decisão da família enlutada. Como foi citado, às homenagens feitas ao ente falecido podem ser feitas por leigos (parentes, amigos) e, em casos de impossibilidade de comparecimento de determinado representante religioso, nada impede que outro, cuja confissão se assemelhe a da família, realize o serviço religioso no funeral.

espaço religioso e de uma escola, estando os dois últimos associados, mais freqüentemente, entre os luteranos. Em pelo menos duas cidades baianas a instituição comunitária escolar, que nos interessa neste momento, esteve presente: em São Félix, onde havia alemães e suíços atuando no setor fumageiro e em Salvador, objeto deste trabalho.

Em Salvador, antes da criação do Colégio Alemão, ao qual dedicarei maior atenção adiante, há registros que dão conta da existência de escolas desde a década de 1860. A primeira delas, segundo Overbeck, teria sido a escola de Heinrich Burkhard, criada em 1860, nos Barris. Esta escola baseava-se na pedagogia de fundamento alemão, embora acolhesse rapazes e moças, não só alemães, mas brasileiros, suíços e franceses também. Mais tarde, funcionado exclusivamente para moças, ficou conhecida como internato para “as filhas dos Barões do Açúcar”. Deixou de funcionar em 1868. Neste mesmo ano criou o Colégio Alemão Coração de Maria, para moças, localizado, primeiro, no Areal de Baixo e, em seguida, no Areal de Cima. Foi freqüentado por número significativo de estudantes baianas, que se lembravam da contribuição da ‘Tia Pati’ em sua educação, e pelo entendimento introdutório da germanidade (*Deutschtum*) e da língua alemã. No ano seguinte, Franz Joseph Bokel criou seu instituto, contabilizando, em 1871, 150 estudantes e significativo corpo docente. Dificuldades econômicas também inviabilizaram esta instituição que, antes do final daquela mesma década, encerrou suas atividades.

Além destes exemplos, é preciso lembrar que não era incomum a prática de contratar os serviços de professores particulares de idiomas, incluído o alemão, entre as famílias de origem germânica e também brasileiras, desejosas de uma educação mais ‘sofisticada’ para suas crianças.¹²⁷

127 O caso mais emblemático é o de Norberto Odebrecht, cujo preceptor foi um pastor evangélico, Otto Arnold e de quem recebeu toda a educação básica. Até os 11 anos de idade, Norberto só falava alemão e tinha muito pouco contato com o mundo fora de sua casa. *Entrevistas (1989 e 2004) com Norberto Odebrecht. Programa Memória Viva. TV Educativa da Bahia.*



Figura 3: Colégio Alemão, que funcionou no bairro da Vitória entre 1921 e 1941.

O Colégio Alemão, que dá título a esta seção, merece destaque dentre os outros citados, devido sua maior duração e por um fato decisivo para seu relativo sucesso na sociedade baiana: era fruto de prática já estabelecida na colônia alemã de Salvador de criar sociedades, portanto, no âmbito de outras sociedades, principalmente a Germania. Assim, a Sociedade Escolar (*Schulverein*) também foi criada. Conforme descrição de ex-alunas, o colégio ficava situado atrás da sede do Clube Germania, numa casa erguida em 1922 com fundos obtidos entre membros da colônia participantes da Sociedade o Banco Brasileiro para a Alemanha. Tratava-se de um colégio particular, que aceitava matrículas de crianças de outras nacionalidades¹²⁸, inclusive brasileiras. Porém, está claro em Overbeck que a fundação do colégio privilegiava o cultivo da cultura alemã e, por conseguinte, a germanidade, como valores basilares da instituição.

128 Foi mencionado por ex-alunas que havia, além de alemães, teuto-brasileiros, luso-brasileiros, suíços e suíço-brasileiros, também dinamarqueses, suecos e ingleses entre seus colegas. 'Todas as raças', segundo a senhora Margareth.



Figura 4: Alunos de classes diferentes com o diretor, Herr Jensen, a professora, Frau Behrmann e senhora não identificada, ambos à esquerda, de pé, no pátio do Colégio Alemão.

Em março de 1921, antes da construção da sede, já contava com 35 alunos, mais 23 juntaram aos primeiros e, após 4 casos de evasão por motivos familiares (2 alemães e 2 brasileiros), restaram 54 alunos, dos quais 18 tinham o alemão como língua materna, no entanto, o número de alunos pertencentes a “boas famílias brasileiras” era crescente. O material escolar era enviado da Alemanha, livros, tabuadas, cadernos, tudo o que era necessário para a alfabetização e educação básica das crianças alemãs e teuto-brasileiras e àquelas de nacionalidades outras que ali estavam matriculadas. A língua utilizada no colégio, cotidianamente, era o alemão. ¹²⁹ Os alunos, que nunca chegaram a somar uma centena, durante a existência do colégio, tinham aulas teóricas, de laboratório (para os maiores) e educação física. Vejamos o que a senhora Lívia nos disse sobre as aulas de educação física:

129 A senhora Susana Brechbühler, suíço-brasileira, ex-aluna do colégio, lembra: “Na escola também só falava alemão, mas tinha uma aula de português... Quando não tinha professor (*por perto*), a gente falava português escondido.” Outra ex-aluna, brasileira, recorda: “O idioma falado era o alemão, tudo, tudo. Entrei com 5 anos de idade, então a gente começava a ouvir os pequenos comandos, né? De ‘entrada’ e ‘saída’ e aí...começava a se familiarizar com a língua.”

Agora, me lembro muito, muito, do Colégio Alemão, me marcou muito. Eles davam muita ênfase às marchas, exercícios assim, de corridas, de obstáculo, altura, largura... Eu sei que a gente fazia ginástica... O colégio Alemão era onde é o ICBA, não sei se exatamente no mesmo terreno. Era no terreno vizinho. Os alunos desciam para fazer ginástica lá embaixo naquela pista reitor Miguel Calmon (Vale do Canela), ali que era a parte plana, ali que era a área de ginástica, as corridas, as marchas. Não tinha ainda pavimentação, era terra pura, mas a gente fazia muita marcha, muita corrida de obstáculo, corrida de largura, corrida de altura, com as bombachas (sic) pretas e a blusinha branca.

Sobre outras atividades na escola, havia brinquedos como o carrossel, tablado de areia, onde reproduziam acidentes geográficos. Recorda-se das aulas de matemática, quando “tinha ‘competição da tabuada’, o chão da sala era tabuado e a professora colocava todo mundo no fundo da sala e ia perguntando (*a tabuada*), quem acertava andava uma tábua, para ver quem chegava ao outro lado da sala primeiro.”

No entanto, as marchas, que uniam a atividade física e musicalidade, pareciam ser constantemente realizadas. Ainda com respeito às músicas, a senhora Lívia recorda que cantavam em diversas oportunidades, inclusive o Hino Nacional Alemão ou Canção dos Alemães (*Das Lied der Deutschen*), ela observou que todos cantavam com entusiasmo, inclusive os homens – diretores e professores –, comportamento diferente dos homens brasileiros que, segundo ela, evitavam manifestar-se desta forma em público. As Festas de Natal também eram tradicionais no colégio, quando as crianças caracterizavam-se de diversos personagens relacionados com o tema e com roupas camponesas típicas de regiões da Alemanha.

O caso desta informante assemelha-se a de outros alunos brasileiros do colégio, pertencentes a famílias de classe média de Salvador, receberam formação alemã, de tal modo que as experiências são contadas com orgulho. Wolfgang Roddewig, em depoimento, comentou:

Teve uma freqüência grande, famílias da society baiana fizeram questão de que seus filhos lá estudassem. Encontrei entre as autoridades brasileiras grande número de pessoas de famílias tradicionais, em posição de destaque, ainda falando um pouco de alemão e se orgulhando de ter estudado no Colégio Alemão na Vitória. O presidente do Tribunal de Justiça da Bahia sabia ainda

cantar o Tannebaum,¹³⁰ o reitor e um dos fundadores da UFBA e que foi governador (Edgard Santos) também, a dona Regina Simões, do jornal A Tarde, que fala até hoje alemão. Muitos demonstravam seus conhecimentos de alemão, menos no falar, que é mais difícil, mas nas canções de crianças que eles aprenderam nos seus primeiros anos de estudos ali.

A senhora Lívia apresenta outros aspectos em seu discurso, entre eles, a apreensão de sua família, com a forma como ela percebia e absorvia os valores disseminados no Colégio Alemão:

Afirma que o Colégio Alemão era 'muito bom' na cidade e que as Festas de Natal eram lindíssimas: Eu participei destas Festas de Natal, eu digo que pra mim o Natal tem muita lembrança do Colégio Alemão. Eu achava muito bonito! Eu me lembro de uma vez que eu saí vestida de floco de neve, com papel crepom branco, com um algodão na testa, com algodão na beira do vestido... Fiquei 3 anos no Colégio Alemão. Depois desse tempo todo me tiraram e me botaram nas Sacramentinas (colégio), onde já estudavam minhas irmãs. Minha irmã mais velha, que era muito responsável, começou a ficar muito assustada porque eu fiquei muito imbuída do espírito germânico, quer dizer.. Eu era uma criança de quase... 5 a 8 anos, mas eu comecei a dizer em casa que a minha pátria era a Alemanha, que eu achava o hino alemão muito mais bonito do que o nacional (risos), aí minha irmã ficou muito ... (e disse): Minha mãe tira essa menina desse colégio senão não vai dar...

130 Canção natalina tradicional na Alemanha, cujo título significa 'Pinheiro', em referência à árvore de natal.



Figura 5: Alunos reunidos para a *Weihnachtsfest* (Festa de Natal). Note-se que as crianças estão caracterizadas, algumas usando roupas típicas alemãs, outras caracterizadas para apresentações que aconteciam durante a festa (1935).

De todo modo, somados aos exemplos mencionados por Roddewig, podemos citar ainda o historiador e professor Cid Teixeira; o ex-governador Roberto Santos; o ex-provedor da Santa Casa, Nilo Pedreira; a filha do ex-deputado Jayme Junqueira Ayres, Maria Elisabeth. É fato que o Colégio Alemão alcançou prestígio na sociedade baiana, entretanto o advento da Segunda Guerra Mundial modificou rapidamente este quadro.

O governo Vargas, desde 1937, promovia a nacionalização do ensino e as escolas fundadas por imigrantes – a que se seguiram proibições ao funcionamento e existência de instituições étnicas – tornaram-se alvos preferenciais neste processo. A imprensa de Salvador denunciou, no ano de 1941, em várias matérias, a inadequação do Colégio Alemão às leis brasileiras, em teor que antecipava o clima geral a instalar-se a partir de 1942, quando Brasil declararia guerra ao Eixo. Abaixo, alguns exemplos: “O programma de férias foi executado em lingua germanica”¹³¹;

¹³¹ Sobre a divulgação e execução do programa da Festa de Natal que marcava o encerramento do ano letivo em língua alemã. Reprodução de trecho do jornal ESTADO DA BAHIA (18.12.1941), parte do Acervo do Consulado Alemão da Bahia, do Centro de Estudos Baianos (CEB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

“Não deve haver complacência!”¹³²; Apenas um livro em português na biblioteca de 500 volumes!”¹³³ e “Castigo merecido.”¹³⁴

Nas palavras da senhora Margareth, ex-aluna, teuto-brasileira, o fechamento do Colégio Alemão foi relatado da seguinte forma: “Guerra começou (*em*) 39, né? Ainda, ainda queriam (*ahan*) ver... Eu sei que a gente cantava o Hino Nacional¹³⁵, sempre (*risos tensos*), hasteava a bandeira brasileira, mas não adiantou não... Fecharam...”. Apesar das investigações realizadas pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, em relatos de ex-alunos se identificou que apenas uma aula de língua portuguesa era ministrada semanalmente, o que não deixa dúvidas de que a formação ou educação essencialmente alemã continuava a ser, apesar do número significativo de alunos brasileiros, objetivo precípuo do colégio. O crescente controle realizado pelo governo Vargas, a partir da década de 1930, sobre instituições organizadas por estrangeiros no Brasil, deixava claro que este tipo de prática não mais seria tolerada. Quanto a notícia publicada pelo jornal *A Tarde* em 21 de dezembro de 1940, cabe comentar que parece forçada a afirmação de que 79 alunos eram brasileiros; talvez o fossem se aplicada a noção de *jus soli*,¹³⁶ critério jurídico predominante no Brasil para a atribuição de cidadania. Ainda que pudesse haver número majoritário de luso-brasileiros, é de se questionar se não havia entre

132 Reprodução de trecho do jornal DIÁRIO DA BAHIA (19.12.1941), parte do Acervo do Consulado Alemão da Bahia, do Centro de Estudos Baianos (CEB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nesta matéria lê-se: “Sua ação é enérgica [...] diante da afrontosa atitude da direção do Colégio, que parece disposta a manter uma mentalidade nitidamente germânica em um núcleo escolar, ensinando a jovens brasileiros a língua, a história e os métodos teutônicos, formando um ambiente diferente do nosso, no referido estabelecimento.”

133 Reprodução de trecho do jornal A TARDE (21.12.1941), parte do Acervo do Consulado Alemão da Bahia, do Centro de Estudos Baianos (CEB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Lê-se ainda: “Nenhum aluno de nacionalidade germânica freqüentava o estabelecimento – Matriculados 79 brasileiros e 1 suíço – Nada havia, pelas paredes, que lembrasse o Brasil...”

134 Reprodução de trecho do jornal DIÁRIO DA BAHIA (31.12.1941), parte do Acervo do Consulado Alemão da Bahia, do Centro de Estudos Baianos (CEB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Notícia sobre a cassação do registro do Colégio Alemão pelo Secretário de Educação Isaias Alves.

135 Sobre o Hino Nacional, outra polêmica circulou pela imprensa soteropolitana à época: era considerado difícil por funcionários do colégio e somente era ensinado nas aulas de canto, não sendo executado com a mesma freqüência que a Canção dos Alemães. O mesmo foi mencionado em jornais sobre o não hasteamento regular da bandeira brasileira, igualmente lembrado pela senhora Margareth.

136 Em oposição ao *jus sanguinis*, referência entre os imigrantes alemães, que de acordo com Seyferth, “engloba critérios de raça, língua, cultura e espírito germânicos.” Cf. Seyferth (1999:300).

eles teuto-brasileiros (o que é bastante provável), cujo sentimento de germanidade no seio de algumas famílias, os incluía, indubitavelmente, no grupo étnico alemão.

Após o fechamento do Colégio Alemão, os ex-alunos, cuja língua materna era o alemão, enfrentaram-se dificuldades para, quando de sua matrícula em colégios brasileiros, pois o uso escasso ou inexistente do idioma português os deixava em flagrante desvantagem se comparados aos seus colegas brasileiros. É possível relacionar este fato, primeiro, com o empenho de famílias alemãs em inculcar em suas crianças os valores essenciais da germanidade, em detrimento de uma aproximação com a cultura local e, segundo, porque tradicionalmente, depois de concluído o equivalente ao ensino fundamental, com aproximadamente dez anos de idade, os filhos de alemães eram enviados para a terra de seus ancestrais a fim de complementar sua formação educacional. Ao menos um caso como este se verificou em Salvador, e que um membro da colônia foi enviado para a Alemanha, porém, antes que pudesse retornar, foi convocado a lutar ao lado das forças alemãs durante a Segunda Guerra Mundial, evento que o marcou com seqüelas para o resto da vida. Certamente não muitos, mas houve casos como o da senhora Lívia, que mesmo tendo sido retirada do Colégio Alemão em função da preocupação de sua família com a formação de seu caráter, voltou a estudar o idioma alemão. A situação apresento a seguir:

A Frau Henkel era uma professora, não se sabe se preparada, mas aproveitava no Brasil o 'dom' de saber alemão e dava aula para muitos jovens. Depois, o marido dela morreu, durante a Segunda Guerra, de infarto, após a morte dele as aulas rarearam. Antes da morte do marido, Frau Henkel já ficava 'muito inflamada' com as notícias da guerra. Tinha um retrato de Hitler, a bandeira da Alemanha, sobre a mesa e quando a Alemanha estava vencendo, colocava flores. Quando ela chegava com as irmãs para a aula, a professora contava o que estava acontecendo na guerra. Dizia: 'Abaixo, abaixo!', com relação aos afundamentos de navios inimigos por submarinos alemães. O pai da Dona Lívia começou a achar que o 'negócio não estava bom' e interrompeu o curso.

Entre os atuais membros da colônia não se verifica o uso da língua alemã a não ser por uns poucos remanescentes das famílias tradicionais, que remontam ao século XIX e por alemães agregados à colônia após a Segunda Guerra Mundial. Entre os mais jovens, apenas os teuto-brasileiros descendentes desta leva posterior demonstraram alguma proficiência no idioma alemão, mas são casos isolados. Entre os jovens adultos e adolescentes, não verifiquei qualquer caso notável de interesse

em aprender o idioma dos ancestrais, demonstrando o acentuado grau de assimilação pela cultura local, excetuando apenas os casos mencionados, fortuitamente, de teuto-brasileiros, filhos e netos dos membros mais velhos da colônia, que buscaram formação educacional na Alemanha.

8.4 A Sociedade Germania

O papel exercido pelas instituições comunitárias nas colônias alemãs fossem elas rurais ou urbanas, já foi comentado aqui. Contudo, as sociedades recreativas certamente foram as que possuíram maior poder de mobilização entre os membros das colônias. Willems (1980 [1946]) observou a presença de associações recreativas em cidades brasileiras lembrando que:

No meio urbano, onde não faltavam ensejos para a diversão, um clube convencionalmente chamado Germânia satisfazia as necessidades residuais de recreação. Estas compreendiam precisamente aqueles elementos que nas cidades brasileiras não podiam ser encontrados. Daí o caráter acentuadamente germânico que a feição desses clubes invariavelmente apresentava.¹³⁷

Carlos Fouquet afirma que “esses empreendimentos associativos, granjearam renome na representação das colônias urbanas e também colaboraram em atividades culturais”,¹³⁸ e Seyferth destaca a vitalidade destas sociedades ou agremiações ao dizer:

Essa atividade associativa intensa, procurando reafirmar valores culturais julgados peculiares ao povo alemão era, portanto, valorizada como meio de evocar a lembrança da pátria de origem. Essas sociedades recreativas (é difícil considerá-las apenas como tais), de certa forma, também refletiam o dualismo característico da identidade teuto-brasileira: elas ‘cultivavam os valores alemães’ mas também ‘procuravam, à maneira alemã, honrar o Brasil.’¹³⁹

137 Willems (1980 [1946]): 403.

138 Fouquet (1974:160).

139 Seyferth (1982:153).



Figura 6: Fachada da Sociedade Germânia, no bairro da Vitória, s/d.

O anteriormente citado Clube de Tiro da Bahia foi o antecessor do Clube Germania de Salvador que, mais tarde, tornar-se ia Sociedade Germania. Além do caráter recreativo salientado pelos autores supracitados, a sociedade exerceu outros papéis fundamentais à organização da colônia alemã local e, decerto, foi o local de maior importância para colônia alemã de Salvador por mais de seis décadas. No terreno em que funcionava, na Avenida Sete de Setembro, na Vitória, abrigava o Colégio Alemão, a Sociedade Hípica e, provavelmente, eventuais encontros de outras sociedades existentes como: Sociedade de Canto (*Gesangverein*), Sociedade de Leitura (*Leseverein*) e a Sociedade de Auxílio (*Hilfsverein*)¹⁴⁰ Há notícias de que no Germania foram realizados cultos evangélicos, em virtude da inexistência de uma igreja na qual fossem realizados.

140 Esta sociedade tinha como objetivo precípua auxiliar, em primeiro lugar, membros da colônia que passassem por dificuldades, durante os esforços de guerra enviou ajuda para a Alemanha, incluindo um navio que saiu clandestinamente de Salvador com quantidades grandes de mantimentos. Dela faziam parte pessoas físicas e pessoas jurídicas, sendo regulamentada em estatutos, os quais estabeleciam os casos e condições de prestação de auxílio. A mãe da Senhora Margareth foi uma das principais mobilizadoras desta sociedade, sendo chamada, carinhosamente, de “Mãe da Comunidade”. Acolheu, em sua casa, enfermos, crianças e outras pessoas que pertenciam à colônia alemã ou não, em situação de vulnerabilidade, com destaque para o caso de uma teuto-brasileira que, nos anos 1930, passou a prostituir-se, não aceitou afastar-se das ruas conforme aconselhamento e teria terminado, em versão não confirmada, por atirar-se do alto do Elevador Lacerda .

Iniciou suas atividades na Baixa da Graça, mas a sede que consolidou sua presença na cidade foi a que se estabeleceu em uma ampla casa alugada no corredor da Vitória, e situada, segundo informantes, muito próxima onde hoje se encontra o Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA).¹⁴¹ O terreno era grande e estendia-se até o Vale do Canela, onde encontrava-se a área reservada para os cavalos da Sociedade de Equitação (*Reitverein*). Segundo fotografias disponíveis no livro de Overbeck, a sede era constituída de um *hall* de entrada, salão de festas, sala de leitura, varanda, biblioteca e um cômodo nomeado *Eberzimmer*, onde foram depositados quadros, bandeiras da marinha imperial, espadas e a cabeça de um javali (*Eber*), recebidos do próprio imperador Guilherme II e que decoravam o interior de um navio afundado na Bahia em 1917, durante o primeiro conflito mundial.¹⁴² O clube contava também com uma quadra de tênis (construída posteriormente), pista de boliche (*Kegelbahn*), além do espaço que, a partir de 1922, abrigou o Colégio Alemão.

O clube, segundo reza em seus estatutos de 1873, tinha por finalidade “oferecer aos seus associados uma sede para recreio sociável”, no entanto, mesmo aceitando sócios não-alemães posteriormente, somente os sócios alemães tinham direito a voto e a serem votados para cargos do clube. Para a admissão era necessário dirigir a proposta à Diretoria, assinada por dois sócios com direito a voto, que deveriam ter possuído um “cartão de ingresso” por no mínimo doze meses.¹⁴³ Alemães residentes por dois anos ou mais no estado da Bahia poderia ser admitidos imediatamente e com direito a voto, ao solicitarem admissão. Funcionava de 8 horas da manhã até a meia-noite, normalmente, durante toda a semana, com eventuais extensões neste horário e poderia ter seu espaço cedido pela diretoria a reuniões de interesse alemão.

141 Edelweiss (1968:589) informa que a Sociedade Germania ficava “desde fins de 1878 até a sua extinção, durante a segunda guerra mundial, no terreno contíguo ao Instituto Cultural Brasil-Alemanha, onde hoje se erguem o Hotel Plaza e o Edifício Manuel Vitorino”.

142 Segundo relato de Wolfgang Roddewig, o navio (canhoneira) *Eber*, entrou desarmado e com bandeira comercial no porto de Salvador, porém foi internado em Itapagipe de 1914 a 1917. A cabeça do javali, bandeiras da marinha imperial, espadas e outros objetos foram retirados e transportados para o Clube Germania (no *Eberzimmer*) no Clube Germania. Puseram querosene no convés, abriram as válvulas e o navio, pegando fogo, afundou. Os marinheiros do *Eber* foram mandados para o Rio de Janeiro.

143 Este “cartão de ingresso” era normalmente concedido para amigos de sócios efetivos que visitavam o clube em ocasiões especiais, sempre acompanhados por eles. Mas servia também para submeter os interessados em ingressar no quadro efetivo de sócios, a um período de observação, com as mesmas obrigações que os últimos cumpriam.

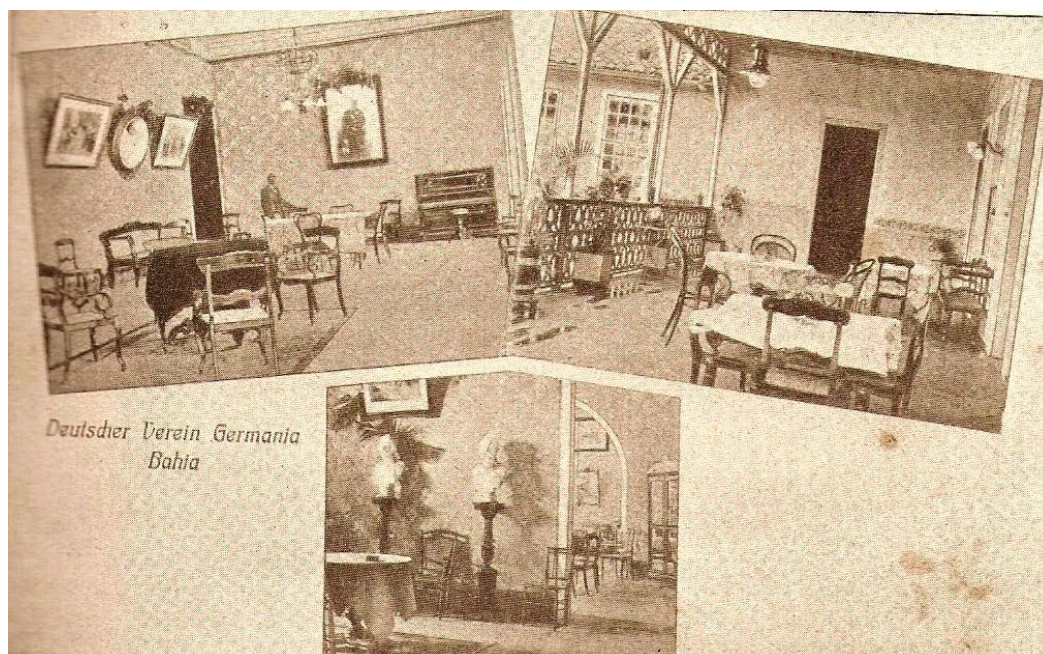


Figura 7: Áreas internas e varanda do Clube Germania.

Eventos culturais diversos aconteceram nas dependências do Germania no decorrer de sua existência: bailes, concertos, celebrações, teatrais, conferências sobre literatura, recitais de piano e de música, pequenas encenações teatrais (*sketches*), enfim, quaisquer eventos que motivassem a reunião dos membros da colônia que a ele tinham acesso. Alemães notáveis, como o Príncipe Heinrich, da Prússia (1882) e ministros de estado, assim como tripulantes de navios de guerra, eram recebidos, usualmente, com bailes que em geral eram anunciados nos principais jornais da capital. Aniversários como os do Imperador Guilherme II e da imperatriz ou o centenário de Bismarck, também mereciam o empenho da colônia em organizar festejos no clube.



Figura 8: Grupo de cavaleiros da Sociedade de Equitação, em passeio na região da Pituba, década de 1930.

O quadro de sócios, até o período imediatamente posterior à primeira Guerra Mundial, era composto exclusivamente por alemães e uns poucos de nacionalidades como a suíça, a austríaca e a dinamarquesa. Anos mais tarde, na década de 1930, havia número significativo de sócios não-alemães, dentre eles teuto-brasileiros.¹⁴⁴

Freqüentemente, o clube recebia seus sócios e familiares em ocasiões diversas. Entre os homens, as cervejadas e a disputa de partidas de Kegeln ocorriam com freqüência. Almoços e encontros que reuniam as famílias eram comuns, como lembra a senhora Susana: “Uma vez por mês, faziam almoço (*sopa de ervilha, feijoada, ‘essas comidas de caldo’*) e todos passavam o dia lá, quem jogava boliche jogava, e a gente ficava brincando por baixo ‘correndo picula’¹⁴⁵”. Os passeios a cavalo que iam até a Amaralina e Pituba, na década de 1930, também eram assíduos, reunindo dezenas de participantes, dentre eles, policiais militares, que apreciavam participar da atividade, conforme a Figura 8.

144 Cito alguns nomes presentes no relatório anual da Sociedade Germania publicado no ano de 1933: Dr. Archibaldo Baleeiro, Carlos Pinto, Oscar Tarquínio Pontes, dentre outros.

145 Expressão que significa brincar de pique: modalidade de brincadeira infantil em que os participantes correm uns atrás dos outros.

Segundo seus estatutos, já em conformidade como o Decreto-Lei nº 383 de 18 de abril de 1938, o número de sócios não-alemães não poderia ultrapassar a metade do número de sócios alemães. A esse respeito, comentou Wolfgang Roddewig “reunia comerciantes importantes do fumo, açúcar e de outros produtos agrícolas exportados, funcionários de bancos alemães, de poderosas representações de navegação...”, e acrescenta informações curiosas a respeito do perfil do clube:

Havia caixeiros viajantes que não faziam parte da elite, estes precisavam alcançar algum status para serem aceitos no clube ou de alguém que pertencesse ao quadro social do clube para ter acesso em determinados eventos. É, o Clube Germania era um clube de elite... E nunca teve muitos sócios. Jovens que vinham para trabalhar em casas comerciais e os donos eram sócios do clube podiam freqüentar o clube como ‘aprendizes’, sempre sob a responsabilidade destes sócios, porém jamais eram aceitos como sócios. Esse clube era muito elitista e muito nacionalista, ele não queria a participação de sócios brasileiros, né? A vontade dos brasileiros de fazer parte disto era muito grande. Era o clube mais de elite e mais cobiçado pela society!.

Apesar do prestígio alcançado pelo clube, com as notícias de afundamento de navios brasileiros por submarinos alemães, “foi atacado e depredado por uma multidão, fechado e não mais foi reaberto.”¹⁴⁶ As manifestações dos sócios durante a guerra eram discretas, evitando hastear a bandeira alemã e expressar contentamento em razão dos sucessos militares iniciais da Alemanha nos primeiros anos do conflito. Roddewig acrescenta a essas informações o relato subsequente: “Um diretor de um banco alemão, amigo meu e sócio do clube, foi o último a escapar pelos fundos, pelo Vale do Canela, levando o livro de visitantes, grande, pesado e grosso (*encontra-se no consulado, atualmente*), dado a mim por este senhor, idoso,

146 Sobre o papel do clube no período da Segunda Guerra, Silva (2007:235-236) fornece as seguintes informações: “Na Bahia, a situação não era diferente, conforme consta no processo de Hans Kolbe. Ao ser inquirido se freqüentava reuniões de caráter nazista, respondeu que freqüentava o Clube Germânia raramente, descrevendo o que presenciou: ‘teve ocasião de assistir reuniões em que os moços cantavam, bebiam cerveja, liam artigos de jornais alemães sobre o nazismo e faziam comentários, uns a favor e outros contra, uma vez que os freqüentadores do Club não tinham a mesma idéia’. Outro agravante que envolvia o Clube Germânia era que ele abrigava dois outros organismos em seu interior: o *Ortsgruppen*, o partido nazista na Bahia, num barracão construído no terreno ao fundo do prédio e a *Deutsch Arbeitsfront* (DAF – Frente Alemã do Trabalho), vimos que este último era uma espécie de corporação criada por Hitler que reunia todos os trabalhadores, anteriormente divididos em várias organizações. Embora ocupassem espaços existentes no Clube Alemão, os participantes dessas instituições podiam não ser os mesmos e nem sempre a sua presença se dava mediante filiação. Na impossibilidade de apresentar dados precisos [...] a participação no Clube Germânia era bem maior do que nas outras duas: num total de 84 indiciados, cerca de 90% confirmaram o vínculo com esta associação recreativa.

no leito de morte”, preservando-o como documento de significação histórica sobre a Sociedade Germania. Sobre a possibilidade da criação de novo clube ou sociedade de caráter alemão em Salvador, o ex-cônsul declara:

Quando assumi o consulado em 1981, eu promovia festas e pensaram: Wolfgang é cônsul, agora nós vamos ter o clube alemão. Eu tinha conhecimento de alemães, têm alemães “assim e assado”, né? E a mania também dos alemães, mesmo hoje ainda, (se acham) superiores. Eu não fiz a mínima força para o clube existir...

A fala de Roddewig reflete uma característica que se associa aos alemães, de maneira geral, quando do reforço da suposta superioridade deste povo sobre os outros, insistentemente afirmada pelo Nazismo. O que confere relevância a essa fala é, justamente, o reconhecimento da existência deste comportamento dentre seus compatriotas por um alemão. Na opinião dele, a associação entre alemães em Salvador na forma de uma agremiação, somente acentuaria esse caráter por parte de indivíduos que interessados em apartar-se da sociedade local. Para ele, o espaço da Igreja Luterana exerce positivamente o papel agregador da colônia e permite a interação com brasileiros em eventos que ali ocorrem, fato que considera positivo.

8.5 A Igreja Evangélica Luterana.

Há consenso entre os pesquisadores da colonização alemã no Brasil que a maioria dos imigrantes daquela região da Europa professava a religião evangélica, destacadamente a luterana. Merecem esclarecimento as diferenciações existentes entre evangélicos que se estabeleceram no país desde o início da imigração em massa, pois a maioria luterana agregou membros de outras denominações, mais ou menos próximas à doutrina a qual seguiam. Segundo informa o pastor Klumb, os reformadores não tencionavam atribuir seus nomes às correntes religiosas reformadas que, a partir daquele momento, diferenciavam-se do catolicismo por meio de suas idéias e questionamentos. As denominações posteriores – como o próprio luteranismo e o calvinismo – derivaram do termo preferencial: evangélicos. Na Alemanha não se estabeleceu apenas o luteranismo, que se tornou mais influente na região norte, mas ao sul houve influência do calvinismo, que na

Alemanha denominavam-se reformados. Há, portanto, ainda segundo Klumb, três tipos de evangélicos na Alemanha: os luteranos, os reformados e os da União, cujas características evidenciavam influências da doutrina de Martin Luther e de Jean Calvin.

Sobre o luteranismo praticado no Brasil, aquele vinculado à Igreja Luterana da Baviera (*Bayrische Landeskirche*) predominou, desde o final do século XIX, a linha de uma obra missionária conhecida como Associação Luterana Caixa de Deus (*Lutherischer Gotteskast*), mais rígida, e que exerce influência nos estados de Santa Catarina e Espírito Santo. A exemplo desta obra missionária, outras enviaram representantes para comunidades alemãs no país, o que justifica a diversidade de condutas no seio da Comunidade Luterana, mais ou menos ligados à liturgia do luteranismo, não obstante todas obedeçam aos seus preceitos. A Comunidade Evangélica Luterana brasileira divide-se em sínodos (dezoito, no total) – antes da criação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em 1968 –, consolidando o projeto de união da Igreja Luterana no Brasil, sobretudo após os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial e seu impacto nas comunidades evangélicas das regiões de imigração alemã ¹⁴⁷.

Na Bahia, a história da Comunidade Luterana inicia-se, oficialmente, em 1925, com a vinda do pastor Otto Arnold – anteriormente citado neste trabalho como preceptor de Norberto Odebrecht e seus irmãos e professor do Colégio Alemão –, quando se verificam os primeiros registros de realização de ofícios como cultos e batismos, por exemplo. Antes dele, Overbeck registrou a visita de um pastor chamado Hollerbach, que atuara em Teófilo Otoni (MG) e celebrou um culto na sede do Clube Germania, em 1887, em visita a estados da região nordeste. Os cultos, por conta da ausência de um espaço apropriado, eram realizados em residências de membros da colônia e, devido à inexistência de um pastor designado para atender aos alemães evangélicos em Salvador, comumente celebrados, assim como outros ofícios, por indivíduos que possuíam maior instrução e conhecimentos sobre a liturgia luterana ou reformada. O Clube Germania também sediou cultos luteranos antes da construção da igreja no bairro da Federação, que só ocorreria na década de 1960, todavia, não há registros de quantos e em que condições foram realizados.

147 Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/categories/Quem-Somos/Nossa-Hist%F3ria/Presen%E7a-no-Brasil/Forma%E7%E3o-dos-S%EDnodos/>. Acesso em: 10.02.09.

Com respeito à prática de ofícios religiosos conduzidos por leigos,¹⁴⁸ os dados são recorrentes na história da imigração germânica no Brasil e revelam uma característica peculiar entre os evangélicos: a participação em uma comunidade religiosa está fundamentada mais nos interesses gerais do grupo, do que na obediência doutrinária e em uma possível relação hierárquica com o pastor. Elucidativo o termo *Gottesdienst* que, se traduzido literalmente do alemão, significaria algo como “serviço divino”, sendo essa expressão traduzida, mais adequadamente, para “serviço religioso”. O pastor luterano atua como um prestador de serviços à comunidade a qual é enviado pelos sínodos, sem que esta relação o impeça de exercer papel de liderança entre os seus membros. O que está claro nesta relação de “reciprocidade institucionalizada” é o atendimento das necessidades da comunidade no âmbito religioso por um representante legítimo da Igreja Luterana,¹⁴⁹ cujo processo de preparo, intelectual e moral, demanda anos de dedicação em ambiente acadêmico, além da própria formação doutrinária.

Observa-se uma presumida postura de lealdade dos luteranos à sua Igreja, traduzida pela flexibilidade de realizar cultos sem a presença obrigatória de um pastor preparado especialmente para exercer essa função. Em Salvador, a presença de pastores sofria de certa irregularidade, não por ausência de interessados, mas pelo fato, já citado, da inexistência de um espaço para a reunião e celebração de cultos¹⁵⁰ em que se pudesse consolidar a Comunidade. Havia, em Salvador, batistas, anglicanos, presbiterianos, enfim, denominações evangélicas, às quais a colônia alemã se poderia juntar, decerto, com menor dificuldade, se não fossem a postura de lealdade referida acima e uma característica importante do luteranismo: o forte caráter étnico nele percebido. No entanto, mesmo sendo notória a relação entre ser alemão e ser luterano, sobremaneira em contextos de imigração majoritariamente constituídos de elementos que professam esta religião, a colônia

148 Na década de 1950, antes da chegada de um pastor destinado a atender a comunidade evangélica luterana de Salvador, Hermann Neeser, ex-cônsul da Suíça na Bahia, nascido em Salvador, ministrava os ofícios necessários aos membros da comunidade, fazendo às vezes de um “pastor leigo”, semelhante à figura do “pastor colono” dos primeiros anos de imigração no Brasil.

149 A composição do Presbitério, que auxilia o pastor na administração da Comunidade Evangélica Luterana, prevê os seguintes cargos: presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureira, conselho fiscal e conselho vogal.

150 Os luteranos teriam feito uso ainda de espaços da Igreja Batista de Sião, no Campo Grande, e de dependências do Colégio Dois de Julho.

de Salvador – como resultado de relações amistosas com brasileiros e ingleses –, utilizou-se também de seus templos, porém, realizando, nestes espaços, cultos luteranos, em horários inteiramente distintos das celebrações dos anfitriões. A “parceria” com os anglicanos chamou-me a atenção, pois é sabido que, durante as duas grandes deflagrações mundiais, alemães e britânicos estiveram em lados opostos. Dentre os relatos colhidos, afirma-se que os alemães e teuto-brasileiros luteranos de Salvador realizaram seus cultos na Igreja Anglicana localizada no Campo Grande, na região da ladeira que atualmente dá acesso ao Vale do Canela, mas existe alguma controvérsia sobre se os cultos aconteceram antes ou depois da Segunda Guerra Mundial. Segundo o pastor Klumb os cultos anglicanos ocorriam aos domingos de manhã e os luteranos, à tarde.¹⁵¹

A construção do espaço que hoje abriga a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana na Bahia tratava-se de uma providência indispensável a ser tomada pela comunidade, mas outro evento, de grande impacto, ocorreu na década de 1950, incentivando à Comunidade a fortalecer-se. A Segunda Guerra, como marco histórico fulcral para a colônia alemã de Salvador, em especial, foi responsável por dois momentos distintos: a dispersão dos membros da colônia e, cerca de uma década mais tarde, o que foi chamado de reorganização da Comunidade Luterana, cujas conseqüências, em grande parte, respondem pela existência da colônia atual. Evidentemente, as perseguições aos alemães no Brasil durante o conflito provocou a dispersão da colônia e, logo, da Comunidade, a qual a maioria dos alemães e teuto-brasileiros do estado da Bahia, era filiada. O próprio pastor em exercício, à época da guerra, partiu para a Alemanha para evitar perseguições, uma vez que virtualmente “todos os alemães passavam por suspeitos”. Assim, o lapso de tempo ocorrido após a guerra deixou a Comunidade sem atendimento religioso e, de acordo com o relato do Pastor Klumb, houve solicitação de envio de um pastor, feita por luteranos de Salvador que, por algum equívoco, teria sido direcionada para o Sínodo de Missouri, dissidência da Igreja Luterana da Alemanha, constituída por alemães emigrados para os Estado Unidos.

151 O mencionado compartilhamento, obedecendo aos horários em que cada grupo nele se reunia, terminou após um suposto incidente ocorrido da celebração do Culto de Natal, normalmente no dia 24 de dezembro. Os anglicanos teriam se esquecido de deixar as chaves para que os luteranos tivessem acesso às dependências da igreja, o que criou constrangimentos e fez com que os últimos concluíssem ser urgente a construção de um espaço próprio para cultos e reuniões da Comunidade. De acordo com essa narrativa, os cultos na Igreja Anglicana teriam, sim, ocorrido após a Segunda Guerra, denotando a reaproximação entre as colônias alemã e inglesa de Salvador.

De fato, foi mandada uma representação missionária pertencente a esta Igreja e iniciaram-se, assim, entendimentos com algumas famílias, predominantemente teuto-brasileiras, àquela altura, para a constituição de uma Igreja Evangélica Luterana em Salvador. Os Odebrecht, os Weckerle, os Von Czékus, Gebers, entre outros, aderiram a essa denominação.¹⁵² Contudo, outras famílias alemãs, especialmente as mais antigas, receberam a representação com desconfiança, conforme recorda a Senhora Margareth:

Lembra que o “crente” (Wetzel) da outra Igreja Luterana (Sínodo de Missouri) foi conversar com os pais dela em sua casa, mas [...]eles ficaram desconfiados, pois notaram que alguma coisa não estava certa, preferiram chamar Hermann (Manu) Neeser para atuar como pastor leigo.

Em outro momento de entrevista chegou a referir-se a esta Igreja como *Sekt* (seita), rejeitando a idéia de que esta pudesse ser uma Igreja Luterana tal qual ela conhecia, marcada pela orientação alemã que a caracterizava claramente e o que parece ter sido posto em dúvida sobre uma denominação que, mesmo instituída por alemães emigrantes que se dirigiram para a América do Norte, não convenceu a maior parte dos luteranos de Salvador a ela aderir. Esta denominação, que permaneceu em Salvador, sendo reconhecida como Igreja Evangélica Luterana da Bahia, possuía linha de trabalho mais conservadora do que às da Igreja Luterana de missões alemãs; apegada a questões morais muito fortes, recomendava não beber e não dançar, por exemplo, em uma demonstração de ascetismo que incomodou os membros da colônia já habituados às relações mais informais, apesar das observações aos costumes dos luteranos, serem semelhantes nas duas denominações.

A reação do Sínodo do Brasil Central, ao qual estava vinculada a paróquia de Salvador naquela época,¹⁵³ não tardou: ao receber solicitações de membros da

¹⁵² No relato do pastor, o missionário convidou-os a voltar a se encontrar como igreja. Iniciaram as atividades, criaram uma comunidade e construíram um espaço de culto no bairro de Nazaré. A família Odebrecht muito colaborou para que o empreendimento tivesse êxito e, inclusive para construção do espaço. Pouco a pouco, os membros da comunidade perceberam que o pastor que os estava orientando não era da mesma linha de outros pastores que os tinham atendido anteriormente na Comunidade Luterana original.

¹⁵³ Atualmente a Paróquia de Salvador está vinculada ao Sínodo Espírito Santo e Belém. Para maiores detalhes sobre o tema, acessar o Portal dos Luteranos. Disponível em:

colônia, insatisfeitos ou não agregados à Igreja Evangélica Luterana da Bahia, o sínodo atendeu ao pedido da comunidade enviando um pastor que já havia atuado em Minas Gerais (Teófilo Otoni) como pastor auxiliar, Walter Schlupp, que chega em 1957.¹⁵⁴ Veio com o objetivo de reorganizar a comunidade evangélica que fora desarticulada durante a Segunda Guerra e estava entre os pastores que pensavam uma Igreja maior, mais unida, alinhado com a tendência que resultaria em 1968, na criação da IECLB.¹⁵⁵ Era prussiano, viveu determinado período na Rússia e, ao chegar a Salvador, restabelece o atendimento como pastor da região norte e nordeste, visitando Recife, Fortaleza e Belém do Pará, em viagens missionárias. A representação consular alemã, agora não mais profissional, mas honorária, fora restabelecida e assumiu papel destacado na obtenção de recursos para a construção da igreja. Além dos recursos concedidos pelo Ministério do Exterior da Alemanha e pela Igreja Luterana da Alemanha, membros da Comunidade uniram-se em torno da causa colaborando com recursos próprios para a aquisição dos terrenos e a construção da casa do pastor e do espaço de culto, concluídos em 1964. A escolha do local, segundo o Pastor Klumb, foi motivada pela presença de famílias alemãs e suíças residentes nos terrenos adjacentes, o que proporcionou intensa convivência comunitária no espaço físico da igreja.

<http://www.luteranos.com.br/categories/S%EDnodo-Esp%EDrito-Santo-a-Bel%E9m/> Acesso em: 06.02.09.

154 A essa disputa pela preferência da colônia protagonizada pelas duas denominações luteranas, Roddewig chamou, espiritualmente, de: "*Baianische Kirchenkampf*", ou seja, Luta Baiana de Igrejas.

155 Apenas as igrejas vinculadas ao Sínodo de Missouri (EUA), da Igreja Evangélica Luterana dos Estados Unidos, não participaram da formação da IECLB.



Figura 9: Fachada da Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Salvador (BA), localizada no bairro da Federação.

A construção da igreja, abrigando a Comunidade Evangélica Luterana de Salvador, principalmente, – alguns residentes em cidades como Ilhéus, Itabuna, Valença, Alagoinhas, Simões Filho e Lauro de Freitas faziam e fazem parte do corpo de afiliados –, representou, mais do que a conquista de um espaço de profissão religiosa. Tornou possível, após mais de uma década, a reunião da Comunidade Evangélica Luterana e da reduzida colônia alemã, luteranos ou não, em eventos comunitários, após a extinção do Clube Germania em 1942, que sempre fora o espaço de congregação e vivência da germanidade em Salvador:

Sua estrutura física consiste, numa visão geral, da casa do pastor, de uma pequena sala de convivência e de um salão de cultos, em uma construção contínua. Atrás da casa do pastor há uma varanda coberta e um quintal, em nível mais baixo. O acesso à igreja se dá por um portão frontal, por onde se acessa a área em frente à porta da casa. À direita da entrada, há um pequeno jardim que, ao final, encontra uma garagem coberta, acessada por outro portão frontal, distante cerca de dez metros do portão principal. A sala de convivência faz às vezes de uma biblioteca e local de armazenamento de materiais e utensílios utilizados nos cultos. Nela encontram-se sofás, uma mesa de centro, uma espécie de mesa de leitura, além de estantes e armários nas paredes laterais; ao fundo,

uma divisória, com uma porta à direita, a separa do salão de cultos. Este, por sua vez, não parece ter mais do que quinze metros de comprimento por quatro de largura e seu espaço é preenchido por cadeiras plásticas que são divididas em dois lados, formando um corredor pelo salão totalizando cerca de dez fileiras, que alcançam a área do altar. No fundo, atrás das cadeiras da última fileira, à direita, fica o órgão, utilizado durante os cultos. Nesta área estão duas janelas voltadas para a rua. O altar é simples, situado, como de costume em outras igrejas, em nível elevado com relação ao piso do salão. À esquerda do altar fica o quadro que indica os trechos da bíblia e hinos que serão lidos e entoados durante o culto. A entrada /saída principal do salão fica à esquerda, próxima de onde estão uma bancada sobre a qual se colocam hinários, exemplares de bíblias e eventuais informes e uma caixa de coleta de dinheiro de contribuições dos participantes dos cultos. Esta saída conduz à área externa da igreja, que é composta de um pátio cimentado e amplo gramado à esquerda, ladeado pelo muro que separa o terreno da rua e em cuja porção final se encontra a churrasqueira. Em frente à churrasqueira, atravessando uma área cimentada, que contorna o gramado, fica uma ampla varanda coberta com bancos e mesas longas de madeira, além de um banco de concreto que contorna as paredes da varanda, ao fundo e à direita. À esquerda encontra-se a cozinha e um pequeno corredor. Junto à casa do pastor há ainda um pequeno escritório com saída independente para o pátio e o gramado. Antes de chegar à varanda, à direita, há um corredor que leva aos novos banheiros ao fundo; à direita, ao quintal situado atrás da casa do pastor e, à esquerda, a uma escada que leva a uma área mais baixa, de terreno irregular, não inteiramente cimentada, onde, também à esquerda, fica o antigo banheiro. Sob a laje onde foram construídos os novos banheiros, há uma pequena área coberta. Nesta espécie de quintal encontram-se algumas árvores, plantas e uma mesa de madeira.

Uma vez estabelecida, fisicamente, a Comunidade Evangélica Luterana, passou a receber pastores regularmente, estabelecidos em Salvador, porém com a missão de prestar atendimento em todo o estado da Bahia. Até os anos 80, todos os pastores enviados a paróquia de Salvador era alemães, formados na Alemanha. Na história da Comunidade Evangélica Luterana de Salvador, até o presente, somente três pastores, incluindo o atual, foram brasileiros (mais precisamente, teuto-brasileiros). A colônia contava já com teuto-brasileiros e luso-brasileiros, mas um número significativo de alemães chegados após a Segunda Guerra justificava a realização de cultos em língua alemã, situação que persistiu regularmente até a década de 1970 quando, através de consulta entre os membros da Comunidade, decidiu-se priorizar o idioma português nas atividades da igreja, contudo há registros

de que, até 1995, ainda ocorria um culto mensal de ministrado em alemão.¹⁵⁶ Klumb testemunhou que a utilização do alemão na grande maioria das atividades eclesiais inibia a aproximação de novos membros, reforçando o caráter étnico da Igreja Luterana que, segundo ele, tem sido atenuado com medidas no sentido de interagir com a sociedade brasileira em instâncias diversas.¹⁵⁷ Atualmente, o alemão é utilizado quase exclusivamente pelos mais idosos, em momentos que antecedem os cultos e após o seu término, mas essa prática vem se tornando rara na última década.

No início dos anos 1990, um conflito instaurou-se na comunidade por conta da atuação de um pastor teuto-brasileiro enviado do Rio Grande do Sul para Salvador. Os membros dividiram-se entre os que o apoiavam e os que desejavam sua substituição, mas o conflito ideológico estabelecido cristalizou-se em uma oposição entre “alemães, majoritariamente chegados no pós-guerra e “brasileiros”, teuto-brasileiros em sua maioria. Muito provavelmente entre os “alemães” havia “brasileiros” e vice-versa, entretanto, o que estava em jogo era a conduta, reprovada por muitos dos membros, do pastor em questão. O fator geracional parece ter exercido influência, dado que relatos colhidos entre os informantes mencionam questões morais e comportamentais que, desde o início, incomodaram os mais idosos, sendo o pastor bastante mais jovem que estes.

156 Segundo Roddewig, não havia interesse em separar a comunidade entre os que falavam alemão e os que falavam português. Ele, inclusive, defendia que os cultos fossem realizados em português: “Quem tá aqui, quase todos, tiveram suficiente tempo pra falar português direito”. Ele era da opinião que, se todos entendam direito o culto, não havia necessidade de ser ministrado em alemão. A maioria concordou, porém alguns protestaram porque estavam acostumados “a vida toda” com cultos em alemão. Os livros antigos de canções estavam em alemão e também português, para que não se deixasse de cantar hinos antigos, originariamente em alemão. Os cultos em alemão tornaram-se exceção e, nos anos 90, não mais havia exigência de celebração neste idioma.

157 A OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas) é um exemplo da atuação da comunidade luterana brasileira no âmbito mais amplo da sociedade, auxiliando, voluntariamente, instituições diversas, arrecadando recursos e visitando-as. Outras formas de participação da Comunidade Evangélica Luterana de Salvador foram observadas através da mobilização de membros, junto com o pastor e sua esposa, no sentido de, não só arrecadar dinheiro, mas ceder notas fiscais e materiais diversos para, por exemplo, uma creche que abriga crianças portadoras do vírus HIV, em comunidade carente da cidade.



Figura 10: Culto noturno, em um sábado, durante o qual uma jovem foi batizada e aceita perante a Comunidade Evangélica Luterana. No detalhe, ao centro, em frente ao altar, a pia batismal (Julho de 2008).

A tensão provocada pela cisão chegou a resultar em pedidos formais de afastamento temporário da Comunidade, até que o Sínodo responsável pela paróquia procedesse à substituição do pastor. A documentação consultada revela momentos em que houve medição de forças entre o pastor e os que a ele se opunham, e retaliações de parte a parte – de proibições de atividades tradicionalmente realizadas nos espaço, até episódios de demissão e readmissão em assembléias que desrespeitavam as exigências previstas em regimento interno. Após a mediação externa de representantes do sínodo, o pastor foi afastado e substituído. Desde então, parece ter sido celebrado um tácito acordo de silêncio sobre o fato, na tentativa, talvez, de superá-lo e não permitir que sua ocorrência interferisse nas relações futuras no interior da Comunidade.¹⁵⁸

158 Do que foi possível depreender, o referido pastor usou de negligência em relação às suas atribuições como tal, além de projetar uma imagem “excessivamente laicizada”, o que chocou alguns membros. Outros comentários, mais impressionistas, sugerem condutas desonrosas e tendência a hábitos viciosos; intoleráveis, portanto, em se tratando de um líder religioso e comunitário.

A Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Salvador, representante da IECLB no estado da Bahia, possui, hoje, de acordo com registro do Pastor Klumb, 220 pessoas (cerca de 70 famílias), se considerados membros, contribuintes e beneficiários de ofícios. A paróquia mantém contato com cerca de 100 famílias, no entanto muitos desses membros comparecem apenas em eventos que têm lugar no espaço da igreja, não necessariamente, relacionados com as atividades próprias da religião luterana.¹⁵⁹ O atual pastor comunica-se com os membros da Comunidade por e-mail, principalmente, através de informativos sobre atividades mensais, semanais e eventos especiais. Uma vez por semana há reuniões da OASE e, uma vez por mês, acolhe o *Café das Senhoras* em suas dependências, atividade interconfessional, destituída de qualquer relação com a religião luterana, como veremos oportunamente, mais adiante. Há atendimento, uma vez por semana, a membros da Comunidade e também a não membros, pelo pastor, conforme a demanda.

Não obstante se observe nas listas de aniversariantes enviadas nos informativos mensais um número significativo de pessoas, está claro que nem todos são membros efetivos, tampouco freqüentam a Comunidade. Na opinião do pastor, a reduzida presença de membros nos cultos e em outras atividades eclesiais se dá em função da característica da própria Comunidade Luterana de Salvador. Ele a classifica como “uma comunidade de transição”, acrescentando que, em 12 anos de atividades na paróquia “que passaram pela comunidade, cerca de 200 a 250 famílias e os que ficaram neste período foram entre 10 e 12 famílias”. Finaliza dizendo, sobre a situação atual da comunidade:

“O número de confirmações de batismo é decrescente, pois os alemães têm cada vez menos filhos [...]. Em 2009 haverá apenas três confirmações de jovens em 2010, nenhuma. A permanência destes jovens após a confirmação é mínima, quase zero. Eles não freqüentam a comunidade. Talvez depois, quando casam. E isso é um dado da IECLB, geral, no Brasil! Há uma tendência de decréscimo, forte. Ela não tem um espírito missionário”.

A análise do pastor aponta uma característica que muito diz sobre a própria constituição da colônia alemã de Salvador. A rotatividade de membros, sobremaneira após a reorganização na década de 1950, criou um quadro de

159 Sobre estes eventos, discorrerei no Capítulo IV.

manifesta consolidação, resultando na conquista de espaço físico próprio, porém tem convivido com oscilações de número e mudanças de perfis de seus membros nos últimos trinta anos, refletindo a diversidade e a transitoriedade destes membros. Há muito tempo já conta com famílias “mistas”, formadas por luteranos casados com católicos ou com indivíduos de outras denominações, o que a torna ainda mais diversa. De todo modo, não se pode esquecer que, desde sua formação, o caráter predominantemente evangélico se evidenciou com a presença, principalmente de suíços, em sua membresia; o luteranismo não se impôs rigidamente e a continuidade da Comunidade Evangélica Luterana de Salvador parece estar intimamente relacionada a essa capacidade de agregar membros e conviver com a diversidade que a tem caracterizado nas últimas décadas.

Parte IV – (RE) CONSTRUINDO A COLÔNIA.

1. O que éramos e o que somos: alemães, descendentes, brasileiros, baianos.

Retomo aqui a questão da identidade que caracteriza o grupo étnico objeto desta pesquisa e, em um esforço tentativo, buscarei trazer à discussão elementos que auxiliem na compreensão da aqui denominada colônia alemã de Salvador. Em primeiro lugar, saliento que a necessidade de operar com categorias analíticas válidas implica, por vezes, em um enquadramento do objeto com vista a torná-lo acessível e inteligível durante o exercício etnográfico. No caso do grupo aqui em exame, a trajetória, a um tempo fragmentada e, surpreendentemente, repleta de eventos e práticas comunitárias, atribui à colônia algumas peculiaridades. A idéia de colônia consolidou-se ainda no século XIX, no momento em que instituições foram fundadas com o intuito reunir alemães fixados em Salvador, conforme foi tratado no Capítulo III. Em segundo lugar, a inevitabilidade de levar em conta os marcos históricos, essencialmente a Primeira e a Segunda Guerras, parece dividir a colônia de Salvador em duas, já que a dispersão verificada entre os anos 1940 e 1950, induz a pensar que não há conexão entre os membros mais antigos e os chegados no período pós-guerra.

Os registros documentais e as observações revelam uma aparentemente tênue, porém indiscutível relação entre os dois momentos. Os membros da colônia hesitam em chamarem-se a si mesmos de “colonos” ou “membros da colônia”, talvez pela dificuldade de enxergar na dispersa presença alemã na cidade um sentido de comunidade étnica. A diferença fundamental notada na coleta de depoimentos se apóia na amplitude, da paradoxalmente reduzida e atuante colônia de antes da Segunda Guerra. Instituições como a Sociedade Germania e todas as outras a ela associadas permitiam “enxergar” a colônia em atividade. Atualmente, a não só a escassez de espaços comunitários, como a própria transformação da colônia com a chegada de alemães e teuto-brasileiros do Sul do Brasil, aparecem no discurso como problematizadores no momento de afirmar a existência ou não de uma colônia.

Entendo ser possível, apesar do impacto brusco provocado pelo segundo conflito mundial, estabelecer relações de continuidade. A fala daqueles que viveram o primeiro período revela nostalgia temperada pelos duros efeitos do período durante e após o referido conflito, quase aceitando que naquele momento se extinguiu a colônia alemã. Esse tom esteve evidente na fala da senhora Margareth desde o primeiro depoimento, contudo em ocasiões posteriores a nostalgia cedeu lugar a flagrante desembaraço ao relatar pormenorizadamente eventos vividos por ela. Além disso, se a Igreja Luterana, construída na década de 1960, na Federação, tornou-se viável, muito se deve aos membros antigos da colônia, majoritariamente teuto-brasileiros, que viram naquela oportunidade, associados aos alemães recentemente chegados a Salvador, a chance de reunirem-se novamente. Para os alemães e teuto-brasileiros chegados no período do pós-guerra, o sentimento de pertencer a uma colônia é mais distante. Suas falas, em alguns casos, revelam dúvida e mesmo descrença sobre a possibilidade de serem parte de uma colônia ou comunidade alemã, como outros preferem. Entre eles existe a nostalgia de uma Alemanha destruída, deixada para trás em um momento de extremo pesar. Urbanos que são e provenientes de uma Alemanha moderna, é compreensível que não se sintam, na maioria dos casos, mais do que elementos estrangeiros num ambiente cultural expressivamente distinto do seu.

O fato que se impõe, portanto, é a capacidade de congregação – eu diria, sem maior receio, a *necessidade de reunião* – dos alemães e teuto-brasileiros, mesmo que em um contexto urbano. A colônia de hoje, se considerada numericamente e, sobretudo, pela distância que a separa física e ideologicamente daquela existente no período anterior a Segunda Guerra, demonstra notável capacidade de mobilização. A Comunidade Evangélica Luterana, se inicialmente poderia ser considerada espaço restrito dos seus membros, majoritários entre os que se enquadram na categoria colonos ou membros da colônia alemã, atraiu outros alemães, dispersos, não luteranos, para a convivência comunitária, nos eventos que promove desde os anos 1960 e, mais que isso, vem reeditando outros que tradicionalmente aconteciam antes da dispersão e reorganização. Nestes momentos, em que tradições e costumes se manifestam, o sentido de colônia também se acentua.

A colônia de Salvador, em sua peculiaridade, é composta por cidadãos alemães, descendentes, brasileiros e baianos, em que se verifica, em alguns casos,

a superposição destas categorias, evidenciadas nos discursos e nas circunstâncias em que são manipuladas por seus membros. Assimilados, aculturados, adaptados, ou quaisquer outras denominações resultantes do processo de contato interétnico, são, hoje parte de uma organização comunitária ligada pela etnicidade que se faz visível nos encontros que promovem. Se se consideram a si mesmos, conscientemente, parte de uma colônia, talvez seus discursos não o traduzam, mas as práticas, decerto, o fazem. As oportunidades de falar o idioma, de praticar seus rituais (religiosos ou laicos), de “estar em comunidade” em oportunidades raras durante o ano, revelam a pequena colônia aqui estudada. A assiduidade dos encontros entre alemãs não-luteranas, especialmente, no Café das Senhoras, revela um pouco mais desta colônia, no absoluto empenho de realizá-lo, ritualisticamente. Ali, como nas ocasiões da realização do *Café Colonial* e do *Bazar de Natal*, ser alemão, cidadão, ou de espírito, parece pouco importar, basta que os vivenciem como momento de reunião, apartados do cotidiano da grande maioria deles, mas ao mesmo tempo, tão familiar.

São membros da colônia, filiados a ela através de razões que podem variar da cidadania à confissão religiosa, da evocação do sentimento de germanidade – esmaecido após o duro golpe da Segunda Guerra – ao entusiasmo dos mais jovens de “se descobrirem” descendentes de uma Alemanha, hoje, moderna e bem-sucedida, todas, aparentemente parecem válidas. Até dispersão territorial, que serviria de argumento para a desconstrução da idéia de colônia, ao contrário a reforça, na medida em que, apesar dela, os alemães e teuto-brasileiros (da Bahia e de alhures), somados, persistem no desejo de conviver e mostrar algo de sua cultura ancestral. E é sobre alguns desses eventos aos quais me referi que discorro a seguir.

2. Cotidianos e celebrações.

Falar sobre o cotidiano dos membros da colônia alemã é falar de um cotidiano, fundamentalmente, semelhante ao de grande número de pessoas que vivem em Salvador. Com exceção de poucas famílias, cujos determinados costumes são preservados no ambiente caseiro, nada haveria de especial a relatar. Porém, o cotidiano aqui referido, mais tem a ver com as práticas, nem sempre tão freqüentes

de certos hábitos, que fazem com que a germanidade esteja presente como constante sinalizador da etnicidade deste grupo.

A participação em atividades regulares, em especial aquelas que têm lugar no espaço da Igreja Luterana, podem exemplificar a tentativa de rotinização de determinadas práticas. Nestes casos, o papel das mulheres é preponderante, na medida em que cultivam a convivência comunitária com empenho aparentemente maior do que os homens da colônia.

O primeiro exemplo é chamado o *Café das Senhoras*. Um dos eventos que, apesar de hoje em dia ser realizado na varanda da sede da Comunidade Evangélica Luterana, não possui qualquer relação com a liturgia, embora algumas de suas participantes professem a religião. Suas origens encontram-se nas reuniões de mulheres de empresários alemães residentes em Salvador, com o objetivo de auxiliar às famílias recém-chegadas, a se estabelecerem na cidade. Temas como indicação de escolas para os filhos, locais de moradia e outros eventos e atividades das quais participavam os alemães em Salvador, faziam parte das conversas. Aconteceu no Iate Clube da Bahia, em algumas residências, como a dos Westphalen, a qual pertencia uma das suas principais organizadoras, a “Mãe da Comunidade” (Frau Westphalen) até estabelecer-se na Comunidade Luterana, nos anos 1960. A não ser durante o referido conflito ocorrido na primeira metade dos anos 1990, quando as senhoras participantes sentiram-se impelidas, após incidentes com o presbitério em exercício à época, a deixar de utilizar as dependências da igreja, o encontro tem se dado há décadas naquele local. Normalmente, as senhoras utilizam a varanda e sua longa mesa, em torno da qual todos os participantes se sentam para conversar, tomar café, leite, chás, além de comer tortas e pequenos biscoitos. Estes itens ficam expostos em outra grande mesa próxima à janela da cozinha que dá para a varanda. Ali todos se servem à vontade e voltam à grande mesa. As conversas são, majoritariamente, em idioma alemão e versam sobre assuntos diversos sobre a família, notícias diversas e amenidades. Notei que em nenhum momento tratou-se de questões religiosas ou polêmicas, algumas das senhoras presentes comportaram-se de forma bastante reservada e, mesmo quando perguntadas sobre sua presença na igreja em outras ocasiões, evitaram falar muito. Não é vedada a presença de homens no *Café das Senhoras*, tampouco há restrição de idade, embora este seja um evento que, desde meados do século XX ocorre sob a responsabilidade das mulheres. Nas ocasiões em que participei fui muito bem

recebido pelas senhoras que demonstraram interesse pela minha pesquisa e foram gentis ao me servirem tortas e café, enquanto conversávamos ao redor da mesa. Normalmente, ao final, recolhem um valor a título de contribuição para gastos diversos e dirigidos à filantropia.



Figura 11: Café das Senhoras, evento tradicional entre as mulheres da colônia (2008).

Outro evento, porém de maior porte e envolvimento da comunidade, o *Café Colonial* tem por característica ser aberto ao público e ocorre, também, nas dependências da igreja luterana, entre os meses de setembro e outubro, anualmente.¹⁶⁰ É promovido pela OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas), tendo sido, em 2008, a 11ª edição. A sua promoção, porém, data de algumas décadas, no entanto não esteve sempre vinculado à OASE. Possui caráter tradicional na Comunidade e reúne centenas de pessoas. Na edição acima mencionada, foi possível observar e registrar aspectos relevantes deste evento. Vejamos:

¹⁶⁰ Antigamente, antes da construção da igreja, era organizado, segundo informantes, em residências de senhoras da colônia.

O *Café Colonial* teve início às 16:00h, mas antes disso, quando a maioria das pessoas não havia ainda chegado, foi possível avaliar o ambiente em que desenrolar-se-ia o evento. Sobre o gramado e o pátio, na área externa e em parte da varanda, foram colocadas mesas e cadeiras com toalhas brancas sobre outras, com estampas quadriculadas, enfeitadas com pequenos arranjos de flores artesanais, pequenas velas e o número de xícaras correspondente aos lugares disponíveis às mesas. Por sobre todo o pátio e gramado foram penduradas lanternas coloridas (como as utilizadas em Festas Juninas) que seriam acesas ao anoitecer. Na varanda ficaram as mesas com tortas salgadas, pães e frios, próxima a entrada da cozinha e outra com tortas doces variadas (papoula, chocolate, morango, limão, maçã, nozes, ameixas, entre outras), além do tradicional *Apfelstrudel* (doce com recheio de maçã, feito com massa leve e folhada). Ainda próxima a janela da cozinha, ficava a mesa com café, chás, leite e achocolatado em pó. Em outra mesa menor, ainda na varanda, mas próxima ao pátio, foram colocados talheres pratos e copos para serem usados pelos participantes. Em um canto do pátio, junto ao muro que separa o terreno da igreja da casa dos Westphalen, preparava-se *waffles* servidos com açúcar e canela. Conforme chegavam, os participantes ocupavam as mesas, o som ambiente agradável, com músicas suaves, em volume suficientemente baixo para não interferir na inteligibilidade das conversas dos presentes. Antes de se servirem, os participantes assistiram a uma apresentação do grupo de senhoras da OASE que, regidas pela coordenadora do grupo, a senhora Manske e acompanhadas pelo Pastor Klumb ao violão, cantaram duas músicas. Em seguida os presentes se aproximaram das mesas e serviram-se à vontade. No auge da movimentação de pessoas, viam-se crianças e jovens (poucos), adultos, entretanto, predominavam pessoas de faixa etária mais avançada, o que também notei no mesmo evento do ano anterior. À noite, por volta das 19:30h, a senhora Manske, esposa do pastor, anunciou que haviam sobrado frios, tortas salgadas e doces, oferecendo-os a quem os quisesse adquirir. O ambiente tornou-se mais agradável ao cair da noite, quando as velas sobre as mesas foram acesas conferindo ao evento um ar aconchegante. O evento chegou ao fim por volta das 20:00h.

Ressalto que o *Café Colonial* é de frequência limitada ao número de convites disponíveis, adquiridos antecipadamente na própria igreja. O valor cobrado foi de R\$ 20,00 por pessoa, o que dava direito a consumir as iguarias servidas às mesas, com exceção de cervejas e refrigerantes, vendidos à parte. Neste evento, a atmosfera em tudo faz lembrar um encontro de velhos amigos que, com tranquilidade, podem conversar enquanto degustam um cardápio variado. O uso da língua alemã era notório, notadamente, nas mesas onde se reuniam as senhoras mais idosas; o número de homens parecia ser significativamente inferior, denunciando, através do cuidado, fosse com a decoração, fosse com a própria elegância com que transcorreu a reunião, que o *Café Colonial* refletia algo do grupo da OASE. Os comentários

sobre a variedade de tortas doces e salgadas, além de outras iguarias, fazem parte de eventos como este.



Figura 12: Vista do pátio e da varanda, ao fundo, da Igreja Evangélica Luterana durante o Café Colonial (Outubro 2008).

Entre as senhoras que as preparam, parecem ser um elemento conferidor de prestígio no grupo e atuam como atributo positivo, assumindo o papel de referências sobre algumas destas senhoras. Em eventos outros, não raro, são solicitadas a preparar tortas e, ao que parece, cada uma delas “especializou-se” em determinadas variedades. A senhora Ruth, por exemplo, prepara uma torta à base de sementes de papoulas que ganhou notoriedade na comunidade e que, durante incursões ao campo, em diferentes, momentos, pude comprovar.

O *Bazar de Natal*, por sua vez, possui no seio da colônia o *status* de evento principal e de maior prestígio. Acontece, normalmente, em fins de novembro ou início de dezembro, reúne um número significativamente maior de pessoas,¹⁶¹ é

161 De acordo com o controle do Pastor Klumb, no ano de 2008, perto de 600 pessoas estiveram no Bazar durante toda sua duração, de cerca de 16:00h até às 20:30h, aproximadamente. Número que ele considerou extraordinário, haja vista o tempo instável que fazia no dia do evento, quando choveu forte, muito próximo ao seu início.

aberto ao público e o valor do ingresso fica em torno de R\$ 4,00 por pessoa. Todavia, todos os produtos em exposição necessitam de fichas, com valores correspondentes a eles, para serem adquiridos. Neste evento, encontram-se artesanato com temas natalinos, culinária típica alemã e suíça, *chopp*, refrigerantes, jogos como a tómbola ¹⁶², pescaria, jogo de derrubar latas; além produtos alimentícios industrializados e artesanais, tais como: *Sauerkraut* (chucrute), legumes em conserva, mostarda, pães, biscoitos, geléias, entre outros. Promove-se ainda um leilão, próximo ao final do evento, onde são oferecidos produtos que variam de perfumes, bebidas até bens de maior valor, como bicicletas. Realizado há décadas no espaço físico da Igreja Luterana, na Federação, tem por objetivo arrecadar fundos para obras e manutenção da própria Comunidade Evangélica e para outros fins, como projetos de auxílio filantrópico. Procedo, agora, à breve descrição do *Bazar de Natal*, em sua última edição:

Na entrada da igreja, especialmente na última edição do *Bazar de Natal*, em novembro de 2008, o número de carros e taxis nos quais chegavam os participantes causou algum congestionamento. O estacionamento da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia é disponibilizado para o evento, até o número de vagas ainda existentes para este fim. No portão principal da igreja, em 2008, diferente da edição de 2007, estavam o Pastor Klumb e dois rapazes o auxiliando no controle de entrada e venda de ingressos no local. O fluxo de pessoas era grande, em especial após às 17:00h, quando após chuva forte, o clima voltou a ficar ensolarado. Assim que se adentrava o pátio da igreja, à direita, na sala de convivência e através de sua janela, funcionava a tómbola. Seguindo, ainda à direita, em direção à entrada / saída principal do salão de cultos, via-se nele instalado o bazar, com artesanatos diversos à venda, sobre mesas e pendurados nas paredes e em painéis ali colocados para este fim, essencialmente produzidos com temas natalinos, muitos deles feitos por senhoras da colônia. Bolsas, guirlandas, bordados, enfeites para árvores de natal, caixinhas, bibelôs, arranjos com velas bonecas de tecido e grande variedade de objetos decorativos temáticos encontravam-se ali. Fora do salão, seguindo em direção ao pátio maior e à área gramada, à direita, estava o caixa, onde se adquiriam fichas para utilização nas barracas de jogos e compra de iguarias da culinária alemã e suíça. Por sobre o gramado, cerca de 5 mesas dispostas com cadeiras e mesas, as mais altas, sem cadeiras, usadas apenas para suporte de pratos e copos, até próximo à

162 Jogo em que se adquire uma ficha (colocada dentro de uma pequena cápsula) de valor único e que dá direito a retirada de um prêmio, só conhecido quando o responsável pelo jogo abre a cápsula e verifica o prêmio indicado na ficha. Variam de simples como canetas e pequenos enfeites, até livros e quadros. Havia também, curiosamente, sacos de batatas entre os prêmios, tubérculo muito utilizado na culinária alemã.

churrasqueira, onde eram serviam salsichões, *Sauerkraut*, *Rösti*¹⁶³ e salada de batatas. Na área cimentada que leva até o batente da varanda, foram montadas (usualmente são colocadas ali) três barracas. A primeira, com tortas doces e salgadas, geléias e doces em compota, de origem suíça; a segunda vendia *Heringsbrötchen*¹⁶⁴ e, a terceira, vendia cachorros-quentes. Chegando à varanda, havia mesas dispostas em quase toda sua extensão, com pequeno espaço para o acesso ao balcão de bebidas (*chopp* e refrigerantes), situado junto à parede da cozinha. Penduradas, lado a lado, nesta parede, atrás dos recipientes de *chopp*, duas bandeiras do Brasil e da Alemanha. Nas áreas de trás do espaço da igreja, ou seja, a varanda e o quintal nos fundos da casa do pastor, situava-se a mesa com as tradicionais tortas alemãs e as variedades de *Strudel*, além de, na parte baixa, onde fica o quintal, haverem mais mesas disponíveis para os participantes. Por fim, na área mais baixa, com terreno levemente irregular, podia-se sentar a uma mesa grande e participar dos jogos de derrubar latas e pescaria, acomodados sob a laje dos banheiros novos, que ficam na parte mais elevada do terreno. Músicas típicas alemãs entoavam nos alto-falantes da igreja, enquanto os presentes interagiam, concentrando-se no pátio cimentado e sobre o gramado.

Durante o evento, uma amiga comentou algo como: “Quanta gente louira! Só aqui para ver tantas reunidas”, observando a presença significativa de pessoas com esta característica fenotípica, em contraste com a percepção que se tem deles em outros espaços públicos da cidade. É comum, entre as senhoras da colônia e outros membros e visitantes, ouvir conversas em alemão, não obstante a grande maioria dos presentes fosse composta de brasileiros, refletindo a popularidade alcançada pelo bazar no decorrer dos anos.

O *Bazar de Natal*, conforme mencionado anteriormente, tornou-se o evento referencial da colônia alemã de Salvador. Nem o fato de utilizar sempre o espaço da Igreja Evangélica Luterana – que, em certos momentos, pareceu insuficiente para abrigar a quantidade de crescente de pessoas ali reunidas –, e de que a participação suíça é também notável, para a colônia o significado deste evento, por décadas, tem sido o momento alto de congregação entre os membros. O espaço da igreja, neste caso, assume as atribuições, guardado as devidas proporções, o papel desempenhado pela Sociedade Germania. O conagraçamento adquire, mais do que

163 Prato suíço, originário da região de Berna, feito com batatas tostadas em frigideiras, com sal, pimenta, gordura e ervas.

164 O nome significa arenque com pão (pequeno), mas na falta deste peixe, muito consumido pelos norte-europeus, serve-se sardinha e substituição. É uma espécie de sardinha marinada, com molho de pepinos, servida com pão de forma.

em qualquer outra ocasião, o estatuto de ritual. O clima alegre, festivo, contagia até os membros mais sisudos; a duração das interações e, certamente, a qualidade delas, mostram-se outras, para além de qualquer contato cotidiano. Pude notar, nas três edições a que compareço, consecutivamente, no semblante e no comportamento de alguns membros mais velhos da colônia, a descontração que raramente se nota em eventos como nos cultos luteranos, por exemplo.



Figura 13: Bazar de Natal na Igreja Evangélica Luterana de Salvador: espaço reservado para vendas de artesanato temático (Novembro de 2008).

Os jovens, relativamente poucos, é verdade, envolvem-se na organização e voluntariam-se para ajudar no atendimento ao público, uma oportunidade para apresentar a eles e as crianças presentes, um pouco da cultura alemã e de suas tradições. Entretanto, há também, raros casos em que se observa desconforto com a dimensão que tomou o bazar, que atualmente atrai pessoas dos mais diversos perfis, etnias e interesses. De todo modo, parece imperar a harmonia. Em três anos jamais testemunhei qualquer incidente envolvendo membros da colônia ou

visitantes. Segundo a fala de Wolfgang Roddewig, o *Bazar de Natal* é “O momento de encontro da maioria dos alemães” em Salvador. Difícil contestá-lo.

Além destes, outros eventos de menor escopo acontecem no seio da Comunidade Evangélica Luterana de Salvador. Almoços de Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais, além de eventuais jantares comemorativos, reúnem membros da colônia, mas em sua maioria, àqueles pertencentes à Comunidade. São eventos que ocorrem, usualmente, após o culto, quando são servidas refeições, a depender da ocasião, como: churrascos, feijoadas, assados, saladas, sobremesas, bebidas e pratos alemães também. Promovem-se atividades de integração, especialmente quando há jovens presentes, a exemplo do tênis de mesa. Em geral, todos os participantes se integram para tornar o encontro agradável, cabendo ao pastor e sua esposa, a condução de algumas delas. Antes das refeições, a Senhora Manske convida os presentes a orarem e entoarem canções de agradecimento a Deus pela refeição e pelo momento, ali partilhados. Estes eventos dificilmente contam com mais do que trinta participantes, o que os torna mais próximos de um encontro familiar do que um evento comunitário de maior envergadura. A influência sulista se faz presente na recorrente prática de preparar churrascos com prato principal, embora, em um deles, tenha sido servido abará e acarajé, em pequenas unidades e quantidade, como entrada. No entanto, o Pastor Klumb é da opinião de que:

“[...] dentro da comunidade se cultiva ainda hábitos, isso se revela ainda dentro do Bazar, na alimentação neste evento, o artesanato de características germânicas, tipicamente uma festa alemã, os bolos, as tortas, as pessoas apreciam, “Ah, são tortas alemãs!”. A comunidade ainda cultiva os hábitos, ao menos tenta cultivar [...] E complementa: Essa coisa de dizer: 'Eu sou alemão', é própria da forma como os alemães pensam essas coisas, porque pro povo, alemão é aquele que nasce de pais alemães, mesmo que seja em outro país, é alemão. Isso é uma coisa difícil da gente... Quem nasceu e cresceu no Brasil, nós somos classificados de brasileiros, porque o Brasil é assim, formado de vários povos. Todo mundo é Brasil. Na Europa não, e assim, entre os alemães isto é muito forte, e para manterem a sua identidade eles afirmam isso através de seus costumes”.

Estas observações demonstram, de certo modo, a centralidade da Igreja Evangélica Luterana de Salvador como espaço privilegiado e necessário à manutenção das tradições alemãs, e sua importância, fundamental, para a

continuidade desta colônia, sobretudo por meio dos eventos que apóia e promove em prol da reunião de seus membros e da reafirmação de sua identidade étnica.



Figura 14: Barraca de pratos típicos alemães e suíços, no detalhe, grelha repleta de *Würste* (salsichões) no *Bazar de Natal*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na medida em que a pesquisa antropológica aqui apresentada, quero crer, poderá contribuir para o enriquecimento dos estudos sobre a imigração no estado da Bahia e, particularmente, para a ampliação de possibilidades de reflexão sobre a presença alemã na cidade de Salvador, dedico-me a algumas considerações que penso relevantes ao findar esta etapa do trabalho. Refiro-me ao termo etapa, exatamente por divisar a complexidade da tarefa a que me propus desde o início deste esforço e à plena consciência das limitações existentes para levar a cabo empreendimentos desta amplitude. Contudo, confesso ter certeza de que, para pesquisadores interessados pelo tema, há muito a investigar e esclarecer, sobretudo entre os registros documentais a que tive acesso durante o trabalho de campo.

A germanidade entre os membros da colônia se evidencia neste trabalho como elemento, sob, ao menos, duas formas: uma nostálgica, quase como se os teuto-brasileiros nascidos na Bahia – que a demonstram mais flagrantemente em seus discursos – lamentassem, ressentidamente, o fato de que seu passado fora destituído de valor pelos acontecimentos relacionados com a guerra e, portanto, teriam dificuldade em manifestar a revalorização deste sentimento na atualidade. Entre eles, a noção de colônia mais se assemelha a de uma lembrança positiva e o que existe hoje seriam apenas fragmentos de outrora. A outra forma evidencia a experiência que os alemães chegados pós-1945 trouxeram para a colônia, colaborando para que a reorganização ocorresse, ainda que lamentando perdas materiais, as famílias deixadas para trás na Alemanha, mas ao mesmo tempo orgulhando-se de terem podido recomeçar, em Salvador, uma nova vida. Sob este aspecto, insisto na hipótese de que a existência de uma colônia pós-Segunda Guerra muito deve a um contingente teuto-brasileiro que, apesar de ainda mais reduzido após os traumas provocados pelo desfecho deste conflito, exerceu papel de referência para que os alemães recém-chegados pudessem, paulatinamente, agregar-se a eles conformando uma colônia renovada, essencialmente sobre os auspícios daqueles ligados à Comunidade Luterana local. Difere, portanto, em muitos aspectos, das colônias estabelecidas em outras regiões do Brasil, onde se verifica certa linearidade com relação às tradições familiares dos pioneiros, o que justifica a larga utilização do termo teuto-brasileiro em oposição a outras categorias

como alemão novo (*Neudeutscher*) e luso-brasileiro (Willems, 1946; Seyferth 1982), por exemplo. Os alemães novos, inclusive, começaram a unir-se aos colonos pioneiros do Sul ainda no século XIX e durante as primeiras décadas do século XX, criando inúmeras situações de conflito entre eles em função da distância existente entre eles no que dizia respeito à idéia de *Heimat* (pátria) e, mesmo, de *Volk* (povo), que ganharam novos sentidos após a Unificação Alemã (1871). Em Salvador, embora se note relativa distância entre alemães chegados posteriormente e teuto-brasileiros, não se configura qualquer conflito aparente respeitante a esta distinção. Pode-se presumir que um número significativo de alemães não frequenta a Comunidade Luterana, como algumas das mulheres que participam do *Café das Senhoras*. Os teuto-brasileiros descendentes das famílias mais antigas, não são muitos, mas em geral, possuem vínculo com a Comunidade Luterana. Deste modo, a utilização simultânea das categorias analíticas, “teuto-brasileiro” e “alemão”, torna-se necessária, devido à existência de ambas na composição da colônia. Os alemães predominavam no princípio de sua organização, há quase duzentos anos, e continuam significativos hoje, para a caracterização da colônia.

Os suíço-brasileiros, neste momento de reorganização, foram importantes para o estabelecimento da Igreja Luterana, formando com os alemães um “corpo de evangélicos reformados”, no interior do qual se fundou a Comunidade Luterana nos moldes em que se apresenta atualmente. Contudo, alerta, mais uma vez, que a cooperação entre os dois grupos étnicos não os tornou uma só colônia, compartilham de eventos e espaços de convivência, mas não deixam de possuir peculiaridades e distinções que os definem como tais. Exemplo desta independência foi a reativação, recente, da Sociedade Suíça de Beneficência da Bahia, que já existia no estado desde o século XIX, mas não mais contava com sede social até o ano de 2006. Neste espaço foi também promovido no mês de dezembro de 2008, no, o *Natal Suíço-Baiano*, com características semelhantes ao *Bazar de Natal* promovido pela colônia alemã que, por sua vez, conta com a participação dos membros da colônia suíça regularmente. As relações entre as colônias, assim, permanecem bastante próximas, porém observando clara preservação de suas características próprias.

A colônia alemã urbana de Salvador evidencia uma trajetória marcada por sua identificação, desde o início, vinculada às atividades comerciais em desenvolvimento na Bahia, essencialmente por meio da dinâmica de importação e exportação de

produtos centrada na atividade de navegação. Esta peculiaridade, também identificada com a presença e inglesa e suíça na em Salvador, imprimiu a característica que a traduziu, de certa forma, com uma colônia elitizada, de empresários e membros que se distinguiam pelo prestígio trazido da Alemanha e também por aquele conquistado depois de sua chegada ao Brasil. Julgo importante destacar esta característica, que persistiu até a dispersão na década de 1940, dado que os registros documentais investigados, assim como as memórias de membros da colônia, apontam recorrentemente para uma vida social restrita às instituições étnicas comunitárias, com destaque para a Sociedade Germania, como já foi descrito, extremamente seletiva e o Colégio Alemão, que a despeito de seu porte, atraiu a atenção de segmentos da elite baiana pelo prestígio aquinhado durante sua existência. Aos alemães e teuto-brasileiros não pertencentes à elite de comerciantes e empresários estabelecidos em Salvador, até meados do século XX, foram reservadas poucas menções de relevo, embora estivesse claro que, em grande parte dos casos, na condição de funcionários de empresas alemãs, estivessem na esfera de interações da colônia.

A colônia urbana, à proporção que prosperava em suas atividades comerciais, tendeu a adquirir prestígio, sendo este valorizado em função da concorrência com ingleses e franceses, principalmente. Ocupar lugar de evidência não era para colônia, somente uma questão que envolvia *status* (evidenciado, principalmente, pelos locais de moradia), porém, igualmente de importância estratégica para os negócios geridos por seus membros. Atualmente, embora se perceba que a posição social da maioria dos membros os inclui nos padrões da denominada classe média – com possíveis exceções para estratos inferiores e superiores –, não se pode vincular a eles atividades profissionais específicas, com exceção, talvez, de casos de poucos docentes de nível superior e membros que atuam em segmentos industriais tradicionalmente relacionados à *expertise* dos alemães, como o da indústria química, por exemplo.

Se a atividade comercial, em suas mais diversas modalidades, possibilitou a fundação da Sociedade Germania e caracterizou a colônia até a sua dispersão, é possível inferir que, atualmente, esta se vincula estreitamente à Comunidade Evangélica Luterana. A despeito da maioria dos seus membros professarem esta doutrina – sejam eles freqüentadores assíduos ou não desta comunidade –, este dado atua como fator determinante para a existência da colônia, que para eles se

confunde com a Comunidade no momento em que elaboram seu discurso sobre o tema. Mais que isso, a existência do espaço físico, referencial para a colônia a partir de 1964, tornou-se supra-religioso e ganhou dimensão cultural e étnica para aqueles que apreciam a celebração e a convivência com seus pares. Se a Igreja Luterana vem se transformando, com o passar do tempo, em uma igreja mais aberta a pessoas de origens étnicas distintas, o seu espaço de convivência, notadamente em eventos desvinculados do calendário luterano, consolidou-se como núcleo (único) de reunião da colônia em Salvador. Mais do que dispor deste espaço, os eventos são organizados e produzidos pelos membros da Comunidade Evangélica com a participação, nem sempre tão efetiva e numerosa de outros membros não-evangélicos da colônia, no entanto. No caso específico do *Bazar de Natal*, além, evidentemente do espaço físico, pouco ou nada, exceto a participação daqueles que são membros da Comunidade e da colônia simultaneamente, permite associar o evento à Igreja Evangélica Luterana. É um bazar de natal alemão, que reproduz uma tradição expressiva da cultura daquele país e daquele povo, cuja organização não se fez sempre no âmbito da Comunidade Evangélica Luterana.

Os alemães de origem católica ou judaica não foram mencionados na pesquisa exatamente por pela dificuldade de localizá-los e de estabelecer entre eles e o grupo por mim observado, relações de convivência. Sempre as menções a alemães católicos ou judeus foram raras e sem que se pudessem estabelecer conexões efetivas entre eles. Não obstante os luteranos de Salvador pratiquem o ecumenismo, não testemunhei qualquer evento onde fosse viável observar acerca destas relações.

Com respeito à ocorrência do idioma alemão entre os membros da colônia, constatou-se que seu uso restringe-se aos teuto-brasileiros mais idosos, aos alemães chegados no pós-guerra de 1945, entre outros membros oriundos do Sul, com ocorrência de pelo menos um caso de falante do dialeto pomerano e de também raros indivíduos que adquiriram conhecimento do idioma em razão de investimento intelectual e profissional, sem guardar necessária relação com a pertença à colônia alemã, em Salvador ou em outras colônias das quais provêm alguns de seus membros. O uso de dialetos entre os descendentes das famílias mais antigas não foram registrado e tampouco mencionado espontaneamente; fato que se explica, em parte, pelo acelerado do processo de abandono do idioma

observado em colônias de inserção urbana, em virtude do contato intenso com a sociedade receptora.

A colônia alemã de Salvador, portanto, mostra-se peculiar, em primeiro lugar, pela sua capacidade de articulação antes e depois de sua dispersão, apesar do reduzido número de membros; em segundo lugar pela reprodução, mesmo em ambiente urbano, de práticas largamente associadas aos imigrantes em diversas localidades do país, com destaque para a fundação das *Vereine* (sociedades ou associações); em terceiro lugar, por sua organização fundamentalmente vinculada a um *ethos* do trabalho ou empreendedor, notável mesmo nos dias de hoje; em quarto, por sua peculiaridade de, mesmo após a dispersão, mobilizar-se em prol da consolidação como grupo étnico através, fundamentalmente, da Igreja Evangélica Luterana, fortemente associada à cultura alemã – a despeito da crescente heterogeneidade de sua membresia – e, finalmente, em função da preservação da identidade étnica alemã, nas ocasiões em que se manifesta abertamente, sem deixar de estabelecer constante diálogo com o mosaico cultural que caracteriza, distintivamente, à sociedade de Salvador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Eliane Bisan. **Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo: a comunidade alemã sob vigilância do DEOPS (1930-1945)**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas; Fapesp, 2006.

ATLAS DE HISTÓRIA MUNDIAL. Tradução de Ana Valéria Martins. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 2001.

ATLAS OF THE WORLD. Michigan: Harper Collins, 2003.

AUGEL, Moema Parente. **A visita de Maximiliano da Áustria a Ilhéus**. 1981. Cd. 94. Universidade Federal da Bahia.

_____. **Ludwig Riedel – Viajante alemão no Brasil**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979, 90 p.

AVÉ-LALLEMANT, Robert, 1812-1884. **Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe**: 1859. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1980.

BACELAR, Jeferson. **Galegos no paraíso racial**. Salvador: Ianamá / CEAO / CED, 1994.

BARROS, Zilma Gomes Parente. Balanço da presença alemã no panorama artístico da Bahia nos últimos vinte anos. IN: **Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros**, 3, Porto Alegre, 14 - 18 outubro de 1974, p. 469 - 479.

BARTH, Fredrik. "Grupos Étnicos e suas Fronteiras". IN: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF- FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1997.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande Dicionário Etimológico: prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1963. 08 volumes.

CALDERWOOD-SCHNOOR, Veronika; NICOL, Ute; TERREL, Peter. **Collins Gem Dictionary - German Dictionary: german-english and english-german**. Great Britain: Collins, 1988.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E INFORMAÇÃO DO GOVERNO FEDERAL. **O perfil da Alemanha: 50º aniversário da República Federal da Alemanha**. Frankfurt / Meno: 1999.

DIÉGUES JR., Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil**. Rio de Janeiro: INEP, 1964.

_____. **Etnias e Culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.

DUMONT, Louis. **L'idéologie Allemande: France – Allemagne et retour.** Éditions Gallimard, 1991.

_____. **O individualismo:** uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

EDELWEISS, Frederico G. A secular presença da Alemanha na Bahia. IN: **Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros**, 2, Recife, 1968, p. 589 - 608.

ELIAS, Norbert, 1897-1990. **Os alemães:** a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Editado por Michael Schröter; Tradução, Álvaro Cabral; Revisão técnica de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil.** São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. **Nós e a Europa germânica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Bra – Deutsch, [s.d].

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Daniel P. **Ethnicity: theory and experience.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1975.

HABSBURGO, Maximiliano, 1832-1867. **Bahia 1860:** esboços de viagem. Tradução de Antonieta da Silva Carvalho e Carmen Silva Medeiros. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Bahia: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

IRMEN, Friedrich. **Langenscheidts:** Taschenwörterbuch der portugisischen und deutschen Sprache. Erster Teil. – Berlin und München: Langenscheidt, 1995.

LEGE, Klaus-Wilhelm (editor). **A História Alemã no Brasil.** São Paulo: Publicação da Câmara Brasil-Alemanha, 2001.

LONGMAN **Dictionary of Contemporary English.** [New Edition]. Essex, UK, 1992.

MENEZES, Albene Miriam Ferreira. Os alemães, uma presença secular. **Revista da Bahia**, n.16, mar – maio 1990, p. 33 - 39.

NEESER, Hermann. **A Colônia Leopoldina (1858).** Salvador: Centro de Estudos Baianos, 1951.

OBERACKER JR., Carlos H. **A contribuição teuta à formação da nação brasileira.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Presença, 1968.

_____. **Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation.** 3. ed. São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1978.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

OVERBECK, Wilhelm. *Fünfzig Jahre Deutscher Verein Germania und Deutschtum in Bahia*: Festschrift zum 50-jährigen Gründungstage der Germania 13 April 1923. Berlin: Emil Ebering, 1923.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. ***Teorias da Etnicidade***. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

RAMOS, Arthur. **Introdução à antropologia brasileira**: as culturas européias e europeizadas. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria – Editora Casa da Estudante do Brasil, v.04, 1975.

RÓNAI, Paulo. **Dicionário essencial francês-português e português-francês**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SCHLUPP, Walter J. **Erinnerungen**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1979.

SCHADEN, Egon (org.). **Homem, cultura e sociedade no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

SCHULZE, Hagen. **[Kleine deutsche Geschichte. English] Germany: a new history**. Translated by Deborah Lucas Schneider, Harvard University Press, 1998.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

_____. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

_____. *A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito*. IN: FAUSTO, Boris. (Org.). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 274 - 311.

_____. *As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional*. HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS / UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. – Ano 6, n. 14 (2000). Porto Alegre: PPGAS, 2000. p. 143 – 176.

_____. *Colonização e Política Imigratória no Brasil Imperial*. In: SALES, Teresa; SALLES, Maria do Rosário R. (Orgs.). **Políticas Migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior**. São Carlos: FAPESP; EdUFSCAR; Ed. Sumaré, 2002. p. 79 - 110.

_____. *A Imigração no Brasil*: comentários sobre a contribuição das Ciências Sociais. BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 57, 2004. p. 7 - 47,

_____. *A Idéia de Cultura Teuto-Brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade* In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 22, jul./dez. 2004. p. 149-197.

SILVA, Marina Helena Chaves. **Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II guerra mundial.** Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2007.

STÖRIG, Hans Joachim. **A aventura das línguas: uma história dos idiomas do mundo.** 4. ed. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2003.

THEODOR, Erwin. **A língua alemã: desenvolvimento histórico e situação atual.** – São Paulo: Editora Herder, 1963.

TOCHTROP, Leonardo. **Dicionário alemão-português.** 7. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

WALTER, Henriette. **A aventura das línguas no ocidente.** São Paulo: Mandarim, 1997.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Livraria e Editora Pioneira, 1967.

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 3. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, v.01, 1994.

WILLEMS, Emílio. **Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

_____. **A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

ZAHN, Ulf. *Diercke* **Weltatlas.** Braunschweig: Westerman Schulbuchverlag GmbH, 1992.

ZIERER, Otto. **Pequena história das Grandes Nações: Alemanha.** São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

Acervos e Fontes

Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB)

Seção de Arquivo Colonial e Provincial

Correspondências Recebidas dos Consulados. Ano: 1828 -1869. Maço 1165.

Legação e Consulado Geral do Império do Brasil nas Cidades Hanseáticas (1848, Hamburgo). Maço1212-1.

Polícia: Termos de Apresentação de Estrangeiros (1839). Maço 5656;

Polícia: Títulos de Residência a Estrangeiros (1842). Maço 5657-1;

Polícia: Títulos de Residência a Estrangeiros (1842 - 1843). Maço 5659;

Polícia: Títulos de Residência a Estrangeiros (1839 - 1841). Maço 5657.

Presidência da Província (Polícia) (s/d) Maço 3106 -1. Lista dos Sócios da Sociedade Bahiana de Imigração.

Presidência da Província (Agricultura Colônias e Colonos) (s/d) Maço 4603-1. Estatuto da Associação Bahiana de Imigração

Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB)

Seção Obras Raras

Jornal da Bahia, sábado, 28 de janeiro de 1854.

Jornal da Bahia, sexta-feira, 3 de março de 1854.

Revista Cultura Allemã (1915 – 1918).

Centro de Estudos Baianos (CEB)

Acervo do Consulado Honorário da Alemanha na Bahia

Jornal A Tarde, 21 de abril de 1930.

Jornal Estado da Bahia, 18 de dezembro de 1941.

Jornal Diário da Bahia, 19 de dezembro de 1941.

Jornal A Tarde, 21 de dezembro de 1941.

Jornal Diário da Bahia, 31 de dezembro de 1941.

Arquivo da Comunidade Evangélica Luterana de Salvador

Correspondências diversas.

Notícias do jornal *A Tarde*.

Regimento Interno.

Acervos Particulares

Lívia Teixeira

Fotografias do Colégio Alemão (década de 1930).

Cadernos e Livros didáticos utilizados no Colégio Alemão.

Margareth Bauder

Fotografias do Colégio Alemão (década de 1930).

Regimento do Colégio Alemão.

Susana Brechbühler

Fotografias do Colégio Alemão (década de 1930).

Boletins do Colégio Alemão (década de 1930).

Wolfgang Roddewig

Westphalen, Bach und Krohn. Centenário: 1828-1928. Salvador: s/ed. 1928.

Manuscritos do livro de memórias (*não publicado*).

Impressos variados sobre a presença alemã na Bahia.

Documentos Eletrônicos

Internet

Charutos.com.br

Disponível em: <<http://www.charutos.com.br/charutos/brasileiros/dannemann.htm>>.

Acesso em: 30.12.08.

Suerdieck

Disponível em: <<http://www.hjobrasil.com/Bahia/historia/histbahia01.htm>>. Acesso em: 30.12.08.

Samba Suerdieck.

Disponível em: <<http://www.premioculturaviva.org.br/download/finalistas1ed.pdf>>.
Acesso em: 30.12.08.

Fé Bahá'í

Disponível em: <<http://www.bahai.org.br>>. Acesso em: 05.02.09.

Portal dos Luteranos.

Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/categories/S%EDnodo-Esp%EDrito-Santo-a-Bel%E9m/> Acesso em: 06.02.09.

CD-ROM

História Urbana de Salvador, produzido pela Coordenação de Extensão Comunitária da UNIFACS, organizado por Débora Nunes, s/d.

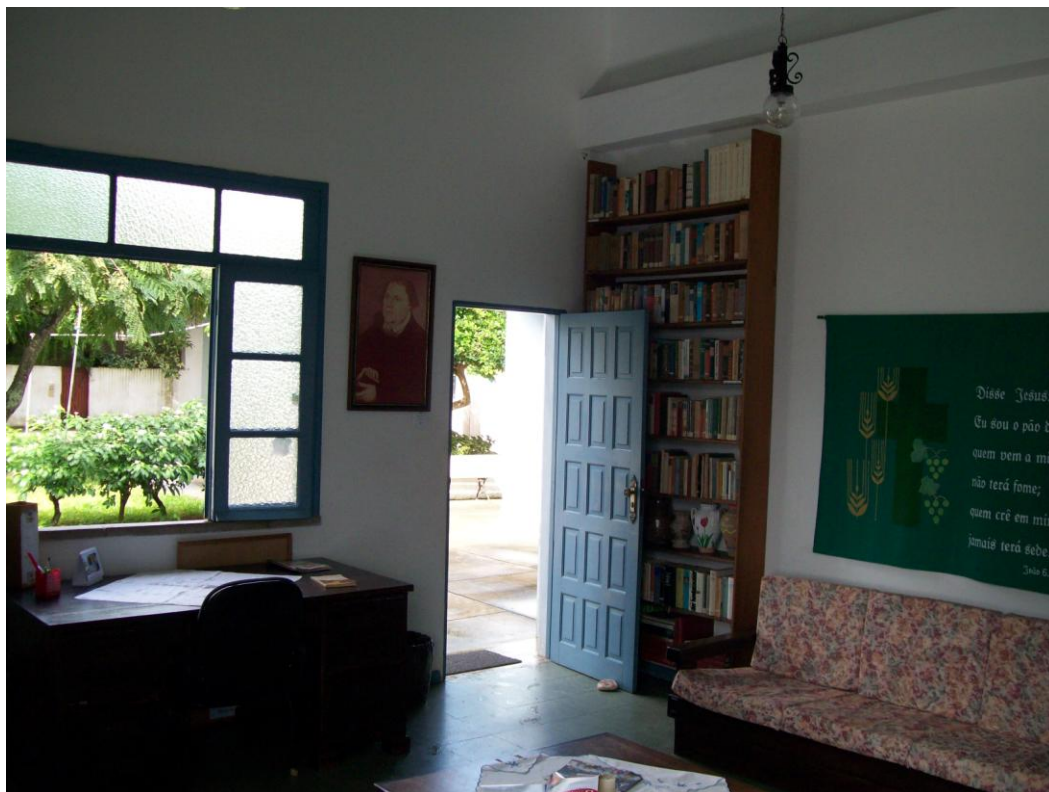
Vídeo

Entrevistas (1989 e 2004) com Norberto Odebrecht. Programa Memória Viva. TV Educativa da Bahia.

Anexos



Anexo 1: Anúncio de jornal da empresa Westphalen, Bach & Krohn, maior empresa alemã da Bahia, extinta após a Segunda Guerra Mundial .



Anexo 2: Sala de convivência da Igreja Luterana Evangélica de Confissão Luterana de Salvador (BA).



Anexo 3: Salão de culto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Salvador (BA).



Anexo 4: Acesso principal ao salão de cultos da Igreja Evangélica Luterana de Salvador (BA).



Anexo 5: Placa de identificação à entrada do Cemitério dos Estrangeiros, localizado em frente ao Cemitério do Campo Santo no bairro da Federação, Salvador (BA).



Anexo 6: Alameda central do Cemitério dos Estrangeiros, vista a partir da capela (2009).



Anexo 7: Antigo espaço utilizado para velórios. Bem ao fundo, a capela que o substituiu para esse fim (2009).



Anexo 8: Alunos do Colégio Alemão (1935).



Anexo 9: Festa de Natal do Colégio Alemão (1935).



Anexo 10: Baile no Clube Germania (1931).



Anexo 11: Salão de Leitura do Clube Germania.



Anexo 12: Mesa do Café Colonial (Outubro 2008).



Anexo 13: Coral das senhoras da OASE no Café Colonial (Outubro 2008).



Anexo 14: Café Colonial (Outubro 2008).



Anexo 15: Balcão de bebidas Bazar de Natal (Novembro 2008).



Anexo 16: Bazar de Natal, vista do gramado da Igreja Evangélica Luterana (Novembro 2008).



Anexo 17: Doces e tortas, atrações da culinária alemã no Bazar de Natal (Novembro 2008).



Anexo 18: Momento de descontração durante o Leilão, ao centro, o senhor Wolfgang Roddewig e à direita, com o microfone, o Pastor Armindo Klumb (Novembro 2008).